

INQUISIÇÃO FILOSÓFICA

A Jornada Filosófica dos Arquitetos da Existência



Autor: Jan Val Ellam

Edição e Preparação Digital: Gullan Greyl

Edição original: Inquisição Filosófica, 2018.

Edição portuguesa concluída em 21-04-2020



Livroteca Gullan Greyl

Sinopse

E se os deuses da tradição não fossem seres perfeitos, mas arquitetos de uma criação inacabada, obrigados a confrontar os próprios erros?

Em Inquisição Filosófica, Jan Val Ellam relata uma sucessão de encontros com Javé, Brahma, Vishnu e Shiva, nos quais a fé cede lugar ao questionamento, a reverência é substituída pelo confronto e as antigas figuras divinas são chamadas a responder pelas consequências da obra que ajudaram a gerar.

Recusando pactos, submissão e obediência cega, o autor enfrenta Javé com a lógica, o senso crítico e os valores morais desenvolvidos pela própria humanidade. Perante uma assembleia de seres espirituais e cósmicos, o Criador revela-se múltiplo, instável e dependente das criaturas que pretendia governar, enquanto o seu poder começa a ser examinado à luz do sofrimento, da liberdade e da responsabilidade.

A narrativa amplia-se quando Brahma, Vishnu e Shiva voltam a reunir-se após eras de afastamento. No centro do debate está uma criação problemática, nascida de conflitos anteriores ao universo e perpetuada por disputas, manipulações e falhas que atingiram todas as formas de vida.

Entre revelação, memória cósmica e confronto filosófico, Inquisição Filosófica apresenta a humanidade não como simples objeto do julgamento divino, mas como consciência capaz de interrogar os próprios criadores — e talvez de participar na redenção daqueles que um dia chamou de deuses.

Esta edição foi preparada para formato digital, com intervenção ao nível da organização, revisão e uniformização do texto, de forma a assegurar clareza, consistência e legibilidade em ambiente de leitura eletrónica.

Foram realizadas correções pontuais sempre que necessário, respeitando integralmente o conteúdo e a estrutura da obra original.

O objetivo desta preparação é preservar a fidelidade ao texto, garantindo simultaneamente uma experiência de leitura fluida e acessível.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

Índice

Apresentação	1
Prefácio	1
PARTE UM	4
Anos 2007 e 2008.....	4
CAPÍTULO 1.....	5
Ano 2007: O Ano Que Não Acabou	5
CAPÍTULO 2.....	18
Estupefação	18
CAPÍTULO 3.....	34
O Comandante Comandado	34
CAPÍTULO 4.....	43
Recanto de Paz	43
CAPÍTULO 5.....	66
“Eu Sou o Que Sou”	66
CAPÍTULO 6.....	75
A Criação Problemática	75
CAPÍTULO 7.....	87
A Doença de um Ser Criador	87
CAPÍTULO 8.....	96
O Mais Estranho dos Efeitos.....	96
CAPÍTULO 9.....	103
Desencontro Intelectual	103
PARTE DOIS	114
Ano 2013	114
CAPÍTULO 10.....	115
Brahma, Vishnu e Shiva: Encontro Inesperado	115
Sobre o Autor	150
Entrevista com Jan Val Ellam	151
Roteiro de Leitura dos Livros	157
Projeto Orbum	167
IEEA	170

INQUISIÇÃO FILOSÓFICA

*A Jornada Filosófica dos
Arquitetos da Existência*

Jan Val Ellam

Apresentação

Somente o tempo poderá dizer da relevância deste livro.

Inusitado em todas as suas páginas, as vozes de Brahma/Javé, Vishnu e Shiva voltam a fazer-se presentes no contexto do mundo, ao mesmo tempo em que procuram atualizar o estado das suas mentes para os tempos atuais. Prováveis parceiros de um problema que resultou na criação deste universo e mais recentemente presos nas suas moradas desde o ano de 2012, tanto poder mental e tecnológico ainda têm que fazem com que estas se desloquem e se acoplem à realidade mais densa da faixa universal em que vivemos, retomando um contato perdido com esta humanidade desde há muitos milénios.

São panoramas do que estava oculto que agora se revelam com cores adultas onde o aspeto infantil da fé condicionada já não encontra lugar.

É leitura para os que buscam aspetos de uma verdade perdida cujas cores ainda podem assombrar, mas tão somente àqueles que ainda não abriram os olhos para o descondicional que os desafios do presente convidam.

Prefácio

Corria o dia 25 de junho de 2008. Encontrava-me a bordo de um avião da TAP, retornando de Lisboa, e quando eu assistia ao filme “**A Bússola de Ouro**”, de Philip Pullman, pude perceber, ao meu lado, uma espécie de “delegação espiritual cósmica”, formada por entidades de diferentes categorias.

Pensei comigo mesmo sobre o que seria mais espantoso: o roteiro da “deliciosa” ficção a que eu estava prazerosamente a assistir ou o conjunto de eventos singulares que se faziam presentes, “sem pedir licença”, perante a minha desavisada percepção.

Percebendo o meu desalento em ter que tratar dos assuntos relativos a uma suposta parceria, sempre ressaltada, entre aqueles seres e a minha condição de encarnado — o que não mais aceitava — os mesmos permaneceram vibrantes à minha volta enquanto aguardavam, pacientemente, que a minha atenção se desviasse do filme, que já se aproximava do seu final.

Sem dispor do tempo pretendido para refletir sobre a singular relação entre as almas de animais e os seus correspondentes encarnados, conforme propunha o roteiro do filme, perguntava-me, com a dose de humor que me era possível arquitetar, que tipo de forma deveria ter o meu “gênio” para me “libertar da influência e da perseguição” daqueles seres.

Afinal, eles tinham conhecimento — pelo menos assim eu imaginava — que não havia, da minha parte, a menor vontade de levar adiante qualquer obra literária enquanto algumas dúvidas angustiantes, que me marcavam o psiquismo terreno, não pudessem ser esclarecidas. Indiferentes a isto e a tudo mais o que me dissesse respeito, alguém dentre eles desfraldou uma espécie de pergaminho onde se fazia visível, aos meus olhos, uma estranha assinatura, aposta sobre um texto composto, salvo engano, pelo que seriam por mim considerados três parágrafos.

De modo instantâneo escutei na intimidade do meu cérebro uma voz impessoal a afirmar-me que aquilo seria o meu compromisso espiritual assumido com as hostes de uma entidade tida por eles como uma “espécie de Deus local” deste universo — ou algo que a isto se assemelhe — e que já me encontrava bastante atrasado no cumprimento do mesmo. Sorri comigo mesmo, imaginando, em “cores mais fortes” ainda, o “meu gênio”, dentro dos moldes

do filme há pouco assistido, a afastar aquelas entidades para um local incerto, porém longínquo em relação ao qual me encontrava. Percebendo, contudo, o “bom humor zero” daqueles seres e a, pelo menos, aparente indiferença pelo que eu pudesse sentir, esforcei-me para não ser desagradável além da conta, e permaneci “mentalmente mudo”, enquanto eles desfilavam alguns argumentos, no meu psiquismo, quanto aos “porquês” da necessidade da minha dedicação.

Dos argumentos ofertados naquela ocasião, um chamou-me a atenção sobremaneira: “... como agora, na sua condição terrena, você já conhece o Senhor Javé, está, portanto, habilitado a esclarecer algumas questões, com conhecimento de causa... e por isto deverá participar dos encontros preparatórios, com a sua mente encarnada ativa na sua condição cósmica espiritual, e com o conteúdo de lá retirado, você deverá compor um livro com a marca que lhe é própria...”.

Pensei comigo mesmo: “Não conheço o Senhor Javé, nem sei se os efeitos desastrosos que pesam sobre os meus ombros foram realmente causados por ele ou por alguma entidade poderosa, no seu aspeto mental, que se fazia passar por ele junto ao meu psiquismo”.

A “voz” voltou a fazer-se presente no meu psiquismo dizendo: “Você realmente conhece Javé e, portanto, deve saber que em nenhuma hipótese ele permitiria, pelos laços que os unem, que alguém se fizesse passar por ele junto a você, a não ser com a expressa autorização dele. Não esqueça: nada ocorre na Obra do Senhor Javé que não lhe esteja afeito de algum modo”.

Desisti de chegar a alguma conclusão sobre o que me estava a ser transmitido e, simplesmente, deixei o tempo passar enquanto algumas outras considerações da parte daqueles irmãos passeavam pela minha mente.

Dias depois, comecei a escrever este livro com base nas vivências despertadas no meu psiquismo, o qual agora oferto aos que buscam entender panoramas de um passado ainda não esclarecido para esta humanidade, além de arquitetar a necessária compreensão quanto aos factos do presente e o possível vislumbre sobre o que nos espera no futuro imediato, após os primeiros momentos da reintegração da Terra ao convívio com seres de outros orbes, tudo isso sob os auspícios deste Ser chamado, por nós, de Javé, cuja personalidade não pode — conforme penso — nem poderá jamais ser devidamente compreendida pelos seres humanos da Terra.

A quem interessar possa, foi depois das ocorrências aqui descritas que comecei a escrever os livros a respeito do “drama” do Senhor Javé e de outras entidades que foram e são suas parceiras no desenrolar de toda uma história universal ainda por ser descortinada pelos que vivem na Terra.

Para minha total surpresa, quando a última etapa do “encontro com Javé” estava a ser rememorada pela minha condição humana, percebi que ocorreria um outro encontro mais inopinado ainda, sendo que esse último somente veio a ter lugar em meados do ano de 2013.

Atlan, 04 de janeiro de 2014.
Jan Val Ellam

PARTE UM

Anos 2007 e 2008

CAPÍTULO 1

Ano 2007: O Ano Que Não Acabou

— Vamos fazer um pacto?!

Encontrava-me a subir no elevador de um hotel, na cidade de São Paulo. Sozinho, tive a impressão de que alguém havia falado comigo de um modo impositivo.

— Ó humano, vamos fazer um pacto?!

Escutei, novamente, a mesma voz enquanto saía do elevador e ia na direção do quarto, e, por ser a segunda vez, fixei mais a minha atenção, sentindo algo inusitadamente estranho.

Era maio de 2007 e nada havia que fosse do meu interesse naqueles últimos dias e, portanto, pensei que estava a escutar mais alguma coisa diferente vinda do além, aspeto que, se para muitos pode parecer ficção, para mim fazia parte do “padrão normal”, ao qual tive que me acostumar.

Entrei no quarto, e lá, estava uma “agitação no ar”, como se este estivesse “a tremer” enquanto algo parecia flutuar, feito nuvem discreta, próximo à janela do outro lado da cama.

— Ó humano, é tempo de acabarmos com esta contenda mental — disse uma voz vinda da “flutuação”. — Você é o meu “escolhido” para estes tempos finais, quando ainda prevalece o caos e não os meus desígnios. Posso esperar de você o cumprimento que tanto almejo?

Com senso de humor próximo a zero, ali estava eu, depois de ter “anunciado” um falso evento que não se cumpriu, tendo contato com aquela “coisa estranha”, ainda muito mais estranha do que tudo que, até então, a minha sensibilidade colecionara. Sequer dignei-me a responder e voltei à minha mente para decidir se tomaria um banho antes de jantar ou se deixaria para depois.

— Sou aquele que é o Criador — continuou a voz. — Sou Javé, seu Senhor e seu Deus. Temos um pacto?

Fiquei em silêncio, aturdido com aquilo que escutara, enquanto pensei comigo mesmo: “*só me faltava esta!*” — ou coisa do género.

Se aquela “coisa” que começava a movimentar-se no bojo daquele campo vibratório — meio portal, meio nuvem, que aumentava e diminuía de intensidade — havia lido o meu pensamento, não deu mostras disto, pois continuou a “cobrar-me a realização de um pacto” enquanto reafirmava que era o mesmo Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, de José, de Moisés e de Maomé, num “discurso” que mais me parecia algo gravado.

Comecei a sentir-me mal e simplesmente dei as costas e dirigi-me para o banho, único momento em que pude ficar em paz. Demorei o quanto pude, mas por não ter tido tempo de almoçar, a sensação de fome começava a fazer-se presente no psiquismo, o que me levou a sair da minha “base de proteção”, pois é assim que me sinto em contato com a água.

— Nunca ninguém jamais me deu as costas! — protestou a voz que se havia identificado como Javé. — E não pense que você será o primeiro. Desculpe-se!

Comecei a vestir-me, “louco” para sair daquele quarto enquanto o fenómeno se desenvolvia à minha frente. Em dado momento, pensei comigo mesmo que não adiantaria sair sem resolver ou dar atenção àquela história, pois, quando voltasse, poderia ser pior, e, ainda, terminar por perder uma noite de sono.

Sentei-me na cama, em posição que normalmente utilizo para praticar exercícios respiratórios e de meditação, e procurei fazer exatamente isto.

O Ser que ali se fazia expressar por meio daquela fenomenologia pareceu não gostar nem um pouco da minha ideia. Contudo, estranhamente, consegui diminuir o ritmo da respiração usual e ali permaneci durante algum tempo, esquecendo-me inclusive da fome que havia me rondado o psiquismo.

Se aquele Ser podia algo fazer para me atrapalhar, não o fez. Somente após o momento em que voltei a abrir os olhos, foi que ele voltou à carga.

— Não pretendo obrigá-lo, estou a convidá-lo para firmarmos um pacto — falou a voz identificada como sendo Javé. — Sei que lhe apliquei um ardil, mas somente assim os meus desígnios se cumprirão. Darei muito mais do que lhe retirei, disso tenha você certeza. Você é o meu agente, o meu “escolhido”...

Levantei a mão pedindo para que aquilo cessasse. Parecia, naquele momento, que era uma máquina a falar comigo, que procurava assumir alguma forma no meio daquela vibração, sem que o conseguisse.

— Não sei quem você é, e ainda que seja quem diz, para mim não tem relevância. Educado e evoluído, sei que você não é, pois nenhum espírito minimamente elegante e amoroso age desta maneira. Pouco importa quem você seja. Se há algo que eu possa fazer e que lhe seja útil, deixe-me saber que, caso possa, o farei e nada quero em troca. Seja lá quem você for, não há nada que você tenha que me possa interessar. Sou um miserável ser humano, mas, neste momento, me basto!

Repouso nos meus princípios e propósitos e nada reclamei sobre o que me fizeram passar perante os meus outros. De mim você não escutou nenhuma reclamação, até mesmo porque eu não sabia que

era você quem estava por trás disso, em sendo verdade o que você diz. Todavia, pouco se me dá!

Posso levantar-me e sair para jantar?

— Não, você não pode, ó humano, tratar-me desta maneira — reclamou aquele que se dizia ser Javé. — Sou seu Pai e Criador, você deve-me obediência e respeito. Ainda assim, estou a convidá-lo para que você faça agora o que Moisés fez no passado. Autorizarei a vinda de Jesus, como anunciado, e com ele virei, e você será o nosso agente, e unirá em torno de si todas as correntes dispersas, pois para isso você terá todo o poder que necessitar...

— Desculpe-me por interromper, mas você está louco? Não penso que você seja este Javé, porém pouco importa quem você seja. Tudo o que sei é que você é cego, pois suponho que, qualquer ser minimamente inteligente, do lado em que você se encontra, pode perceber que o meu talento é “zero” para ser emissário de quem quer que seja, e muito menos, para seja lá quem você for, o repito.

— Respeite-me... — advertiu a voz.

— O respeito que oferto a você é o mesmo que oferto a mim mesmo ou a qualquer barata que esteja a escutar-nos. Nada lhe pedi, nada quero de você. E se foi realmente você quem me enganou, levando-me a comentar, com afetos, sobre a data que seres extraterrestres me informaram ser a do retorno de Jesus,

pedindo-me para que isso fosse revelado, isto é problema seu. Se justiça divina existir, um dia você se verá com ela. Quanto a mim, estou em paz. Deixe-me! Aparte-se de mim, pois você não me é merecedor nem de respeito especial ou de qualquer outra postura. Começo mesmo a sentir repulsa pelo que você diz ser, fazendo o que você faz.

— Você terá que me respeitar... — ameaçou o Ser que se dizia Javé.

— Livre-me da sua presença e deixe-me sair sem que eu me sinta mal, pois se você é quem diz ser e fez o que afirma, já estragou com esta minha existência e como estou a tentar reconstruí-la, nada quero de você.

— Você não terá paz até que eu assim o determine; não terá sossego até que a mim se submeta — continuou a ameaçar o Ser.

— Você sempre foi arrogante e indisciplinado para com os meus desígnios e para com o que sou.

— Agora doeu! Nunca havia sequer vislumbrado que poderia existir alguém como você. Até mesmo nos livros que produzi, pinteio de outro modo e penso que levado também por “desinformação” vinda da sua parte. Como você pode...

— Falo de um passado que você desconhece, mas ao qual eu e os meus “anjos” temos acesso... — explicou o Ser.

— Pouco se me dá! O presente já se tornou algo “nojento”, “podre”, devido ao que foi feito, e lá vem você com esta história de “passado”. Você errou no quarto, ó “cara pálida”, porque “Deus” ou “Semideus” ou qualquer coisa do tipo você não pode ser, pois sequer sabe discernir um quarto de outro, quanto mais um ser humano de outro. Cai fora! “Encheu o meu saco”! Se aqui você permanecer, farei questão de assumir uma postura que jamais me permiti enquanto ser humano, para deixar claro o quanto tudo isto me é desprezível. Você é um “doente” por pensar que é “Deus”, seja lá quem você for.

Levantei-me enquanto um ser realmente se formou no meio daquela coisa esfumaçada, e parecia ter a aparência de um ser humano alto, avantajado, e com cabelos alvos.

— Você está muito ferido com o que lhe fiz — concluiu o Ser que se dizia Javé.

— Devo reconhecer. Desconcerta-me você não aceitar um pacto comigo. Um humano não aceitar um pacto comigo! Isto não pode ser. Voltarei em outro momento para...

— Não volte. Se você tem alguma decência, não volte. Esqueça-me, seja lá quem você for.

— Eu sou Javé, eu sou Brahma, eu sou Alá e você me deve obediência; e este ano não terminará sem que eu e os meus “anjos”

vejam os você submisso aos meus desígnios — ameaçou novamente o Ser.

— Sou seu Criador...

— De novo não... Você não pode ser quem diz ser... Isto deve ser brincadeira das "trevas". Que Deus pacifique você!

Saí do quarto e fui jantar. Demorei o quanto pude, e foi com certa curiosidade que voltei para o quarto, abrindo a porta lentamente, até perceber que tudo parecia tranquilo.

Liguei a televisão enquanto me preparava para dormir, pensando, inclusive, em tomar um outro banho, quando percebi, ainda com a televisão ligada, a presença de um grupo de espíritos que, cuidadosamente, foi-se posicionando como se as paredes não existissem. Percebi que não eram individualidades espirituais evoluídas, muito pelo contrário, mas que vibravam aparentemente com algum tipo de respeito em direção à minha pessoa.

Percorri, com o que restava do meu senso crítico, o programa daquele dia verificando se havia tomado algum remédio diferente que me pudesse provocar alucinação ou mesmo se, na reunião que tivera por quase todo o dia, alguém teria colocado alguma droga na minha bebida. *"Era assombração demais para um só dia"* — pensei.

Desde o final do ano de 2006, do falso anúncio, que havia decidido a não mais me permitir levar adiante qualquer contato

mediúnico, ou de que tipo fosse. E ali me encontrava, poucos meses depois, sendo açoitado daquela forma, e tudo num só dia. Era tudo muito estranho.

Um dos espíritos recém-chegados assim falou:

— Viemos saudá-lo, pois você foi o primeiro ser humano a dizer um “não” a este Ser que tanto sofrimento nos impõe. Finalmente, alguém fez a Javé o que ele sempre mereceu desde que passou a perseguir ferozmente a raça humana. Estamos ao seu dispor para defendê-lo dos ataques das “legiões das máquinas” e dos “seres aberrantes”, aos quais ele chama de “anjos”. Estaremos ao seu lado.

Lá estava eu, de novo com a mão levantada, pedindo para que aquilo parasse. Por alguns segundos pensei que a ocorrência que se desenvolvia à minha frente era “coisa do Senhor Javé”.

Entretanto, pela violência do que ali foi dito contra ele, percebi que algo de muito grave e problemático estava a acontecer.

O espírito que falara e que se encontrava à frente daquela horda de espíritos embrutecidos e infelizes, ao perceber o meu movimento, atendeu-me enquanto permanecia na posição de um chefe militar perante um exército.

Senti-me terrivelmente cansado e pensei que eu desfaleceria. Mais uma vez, sentei-me na posição de *Yoga* enquanto buscava “ar”

para acabar com aquela “presepada”, que aos meus olhos mais parecia uma “ópera cómica” — desculpem a pobre expressão, mas estou a ser honesto com os momentos que vivi naquele dia.

— Não sei se aquele ser é Javé...

Fui interrompido por uma espécie de algazarra vinda da turba que se estendia muito além do limite da parede à minha frente, e que se expressou:

— É ele sim, todos nós o conhecemos... Ele é um demónio disfarçado de “deus”... Ele “crucificou” Jesus e pôs a culpa em nós, inclusive em você mesmo que, no passado, o crucificou... Ele é um ser “doente”, mais ainda do que nós...

Escutei muita coisa que me deixou absolutamente perplexo, mas deixei que se expressassem até se cansarem — pois sequer sabia se eu poderia mesmo impedi-los, de algum modo — enquanto procurava pôr alguma ordem no que restava da minha sensibilidade.

— Repito: não sei, por mim mesmo, se aquele ser é Javé... Parece que vocês o sabem. Minha condição humana não sabe... Talvez amanhã, o espírito que me anima a personalidade terrena me faça saber disso... Sei lá. Contudo, não importa. Quero apenas distância dele, como também, para ser honesto, gostaria de pedir que vocês me deixassem sozinho. Agradeço, mas não desejo nenhuma proteção. Para mim, não é nenhum incómodo esperar da vida

apenas o momento da morte física. Se o que ele pode me provocar é isso ou sofrimentos outros, para isso não pretendo ter proteção, pois até acelera a minha saída deste mundo, o que não me incomoda.

Fez-se um silêncio sepulcral e, depois, alguns dentre eles pareciam desconsertados, pois que diziam “*vamos embora*”, “*ele não o fará, não se ombrará connosco*”, e outros comentários desconexos. Então, o espírito que parecia ser o chefe da horda falou:

— Sim, nós o deixaremos sozinho, mas não se iluda que a paz jamais estará contigo ou connosco ou com qualquer um enquanto este “ser criminoso” for quem manda. Nós sustentamos a “rebelião” contra ele, da qual sabemos que você fez parte...

— Por favor, nada tenho para dar a vocês. Novamente, agradeço a intenção, mas vamos encerrar por aqui.

— Será como você deseja — concordou o espírito que parecia ser o chefe.

— Algumas vezes o agredimos, achando que você era o novo agente dele para dominar o mundo. Você o rejeitou e nos rejeita também... Eu compreendo... Nós compreendemos... Sei que estamos diante de algo novo, de uma coisa diferente, de um comportamento jamais observado... Você não tem ódio por quem o humilhou, da forma que ele fez, mas não se submeteu ao “Todo Poderoso”. Não

se iluda, pois é ele mesmo. Há milénios que a nossa falange sofre as dores da perseguição da parte deste Ser e dos seus “anjos”.

Pude perceber que, enquanto aquele espírito falava, ele assumia a forma de um militar romano e depois de uma autoridade eclesiástica, além das suas vibrações — pelo menos foi o que pensei ter percebido — serem frias e pesadas. Notei que ele se esforçava por me respeitar, mas era acima de tudo alguém que sofria muito pelo acúmulo de rancor e de ódio. Ele continuou a explicar:

— Somos muitos que vemos neste Ser a personificação do caos e do infortúnio. Somos muitos... E estamos com você, caso precise ou venha a achar que precisa da nossa companhia. Contudo, a paz jamais estará nos nossos corações enquanto ele comandar. E não se iluda: ele é real.

Desgraçadamente real! Agora, o deixaremos.

Um, dentre eles, adiantou-se um pouco e lançou um “prego”, algo desgastado, no “chão”, enquanto apontava para o mesmo, dizendo:

— Não é como você pensa... Não é como você pensa... Não tivemos culpa pela crucificação de Jesus... Foi ele quem tramou tudo isso e esse fardo nós carregamos... Ele e Javé fizeram isso connosco... Não perca tempo com a sua volta... Eles brigam, mas sempre se entendem, e nós somos os que carregam o fardo deles...

Somos ratos para eles, somos insetos para eles... Eles não se importam...

O espírito que fez isto começou a chorar feito criança, enquanto eu me recolhia em concentração profunda, desligando-me da realidade material e de qualquer aproximação espiritual.

Repousei, enquanto pude, no “Sagrado” que habita em mim e em todos os seres, e foi lá pelo alvorecer que me deitei para deixar fluir o sono fisiológico.

Retornando para a cidade de Natal, em pleno voo, fui agora visitado por amigos espirituais que me solicitaram a aquiescência para se aproximarem, pretendendo apoiar-me, perante o ocorrido, de forma a melhorar a minha vibração que, naquele momento, era de indiferença e de cansaço quanto ao assédio da assessoria de Javé.

Agradei enquanto recebia os fluidos amorosos, pois aqueles dias teimavam por não serem agradáveis devido à renovada presença da falange do Ser que se apresentava como sendo o Criador.

De facto, aquele ano ainda não terminou e penso que jamais acabará, pelo menos nos termos referidos por quem, hoje, sei tratar-se de Javé.

CAPÍTULO 2

Estupefação

A vida seguiu adiante enquanto eu procurava colocar o foco da minha atenção nos processos profissionais, na medida em que passei a “aplicar” a minha energia na tentativa de reconquistar um mínimo de credibilidade profissional para atender às obrigações familiares.

Se antes, desde os 27 anos, tudo sacrificara em nome de uma pretensa tarefa apontada por “setores do outro lado da vida” — que somente a muito custo aceitei como uma possível verdade —, agora, absurdamente cansado e tendo sobre os ombros o fardo do ardil que me foi aplicado pelos agentes da “*Trimurti*” em relação à data da vinda de Jesus, nada que fosse deste naipe me motivava a coisa alguma.

O espírito que me anima a condição humana há muito já era possuidor do seu código filosófico de conduta, o que facilitava a vida do “meu ego” em manter vivo este “tesouro espiritual”, sem me deixar afetar pela desvinculação que, forçosamente, procurava impor em relação a qualquer obrigação mediúnica ou coisa que a isto se assemelhasse.

Estranhamente, mesmo os amigos espirituais se esforçando por manter vivas, junto à minha sensibilidade, as notícias sobre o retorno do Mestre Jesus, afirmando que somente com o tempo eu compreenderia o porquê do desafortunado aviso falso que me fora repassado, cada vez mais me afastava das reflexões, dos registos escritos, das palestras, enfim, do ritmo que antes sempre aplicara à pretensa tarefa. De modo ainda mais estranho, o tal Ser e os seus acompanhantes procuravam fazer de tudo um pouco — do que lhes era possível —, para chamar a minha atenção quanto à presença dele e às suas estranhas e intermináveis tentativas de “falar comigo”, se por isto entendermos “dar ordens a um humano da Terra”.

Quanto mais aquilo acontecia, mais achava que, fosse lá quem estivesse por trás daquele processo, caso se desse ao respeito, já teria parado de me cercar, de me tentar envolver, enfim, de se posicionar na minha frente inúmeras vezes, recebendo, da minha parte, a mais profunda indiferença amorosa que eu podia ofertar. Aquele comportamento foi o que, ao longo da vida, arquitetei como sendo a opção espiritual a ser por mim assumida quando viesse a achar que não poderia ser útil a esta ou àquela “visita espiritual ou da parte de seres por mim desconhecidos”.

— Precisamos fazer um pacto! — era o que comumente escutava deste Ser, sem dar a mínima chance a qualquer tipo de continuidade no processo de comunicação. Com o tempo, percebi que, ao me aprofundar nos exercícios do método de *Yoga* — que havia criado para as características do meu próprio temperamento —, durante os processos de meditação profunda, aqueles seres e, em especial,

aquele Ser não tinham o “menor poder” sobre a minha vontade pessoal. Caso tivessem, estavam a usar muito mal os seus pretensos poderes, pois simplesmente tudo o que faziam era ficar repetindo as mesmas coisas enquanto delas me desligava sem grande esforço.

Para minha surpresa, num certo fim de tarde de um fim de semana, ao “retornar” de um estado profundo de consciência, deparei-me com alguns amigos espirituais aos quais já conhecia, que pacientemente pareciam “aguardar-me”. Antes que eu esboçasse qualquer postura, perguntaram-me se podiam fazer-me um pedido e uma observação, diante do que continuei em atitude de “indiferença amorosa”.

— Sabemos que o seu desejo é terminar os seus dias sem mais receber “comunicações” ou “visitas” — disse um dos espíritos amigos. — Sabemos e respeitamos a sua opção pelo isolamento e solidão, mas temos que informá-lo que, nesta vida, isso não lhe será possível, pelo menos nos moldes em que o irmão deseja. Precisamos pedir-lhe para que dê atenção àquele que o tem procurado, dentro das suas condições, para traçar algum tipo de parceria. Este é o nosso pedido! A observação que temos, agora, de registar junto à sua sensibilidade é a de que todos nós precisamos que o irmão assim proceda.

Estamos aqui a transmitir-lhe uma solicitação do nosso Mestre Jesus e de toda Espiritualidade atuante, para que o irmão não se deixe levar pelo cansaço existencial, apesar de bem compreendermos as suas razões.

— Desculpem, mas, por muito tempo, pensei que vocês sabiam do que afirmam saber. Desconfio, porém, que nem sempre é assim. Não, vocês pensam que sabem, mas não sabem, pelo menos em relação a esse tipo de Ser que sequer imaginavam poder existir! Sei que um espírito encarnado jamais deveria dizer isto para um “desencarnado”, quanto mais para você, amado irmão e orientador.

Entretanto, desconfio que, se esse Ser for quem ele diz ser, isto que está a acontecer é a tal ponto inusitado que, para alguém do “meu tamanho”, é simplesmente impossível, pelo menos por agora, submeter-me a quem quer que se me apresente como sendo quem “plantou a dificuldade” para “negociar a facilidade”. Que ele não saiba disto... Inclusive, já começo a aceitar que esse Ser não sabe mesmo muita coisa, apesar de se “vender como um Deus”. Todavia, vocês...? Vocês que me conhecem e sabem os meus limites e imperfeições e traços do meu temperamento, como podem, então, fazer-me solicitações deste tipo? E o Mestre? Ele mesmo foi quem mais desobedeceu a esse Ser cuja existência pensei encontrar-se exposta de modo distorcido nas páginas da “**Bíblia**”, por tão estranha parecer a sua “personalidade criminosa”!? A possibilidade que tenho de fazer qualquer pacto com ele, com vocês, ou com quem agora se apresente como sendo portador de solicitações do Alto, penso que é absolutamente nula, até porque tenho o dever moral de desconfiar de qualquer contato mediúnico e mesmo direto com esses seres estranhos, pois de ambos somente colhi espertezas e ardis que realmente têm tudo a ver com o astuto “Deus Bíblico”, mas que nada tem a ver com o que penso ser o “tempero da dignidade” que deve pautar contatos desse tipo. Peço desculpas por ter interrompido...

Todavia, vocês sabem, isto jamais o fiz, pois tenho o mais profundo respeito pelo processo. Contudo, nas condições em que me encontro e em que ele se apresenta... lamento... Nem sei a razão de ser tão importante assim vocês pedirem-me isto. Pretendo ter encerrado a minha participação em processos que vergonhosamente subordinam as suas estratégias aos fins, ainda que eu me ache o mais miserável dos homens. Entretanto, ainda assim, usando o meu livre arbítrio ou o que dele possa restar, não quero fazer parte disto.

— Nós compreendemos, amado irmão, tudo o que nos foi observado por você — continuou a dizer o espírito amigo.

— Realmente, jamais um ser humano passou e passará pelos dias que ainda o esperam, independentemente de como você venha a proceder. Mesmo aqui, da Espiritualidade, sobre o que diz respeito a esse Ser, temos também as nossas limitações e muito do que está por acontecer ainda precisa ser arquitetado, e o seu livre arbítrio terá um papel muito complexo no porvir. Os panoramas que o irmão ainda será obrigado a descortinar serão também motivo de estudo para todos nós e para seres que se encontram em posições de existência difíceis de serem aquilatados pelo conhecimento da Terra. Que mais podemos dizer-lhe?

Sabemos que o irmão, nas primeiras reflexões sobre o ocorrido, registou que nós, os espíritos desencarnados que atuamos junto a si, sabíamos do abuso moral a que o irmão estava a ser submetido e nada fizemos para alertá-lo. De facto! Todos os canais próximos a si, como os que lhe são próprios, estavam ocupados pela

estratégia desses seres que, além dos contatos mentais, usam também as suas naves estacionadas no universo, e esses contatos diretos é que levaram o irmão a assumir os compromissos com o que lhe foi por eles solicitado, tão grande foi a influência que os factos por eles promovidos tiveram junto ao irmão. Não tínhamos como impedir, nem é o nosso papel fazê-lo, e sabemos que você tem consciência disto. Quanto a alertá-lo, infelizmente, o seu espírito nasceu para esta missão, por mais que lhe seja desagradável saber disto.

Como o irmão bem sabe, a condição humana ainda está para ser ajustada a uma nova situação na configuração do DNA¹, para que o livre arbítrio da mente espiritual possa ser um só com o nível de liberdade que marca o ego terreno. Vamos, pois, deixá-lo, sabendo das dificuldades que todos teremos em, doravante, contatá-lo, já que conhecemos a firmeza das suas posições e, sinceramente, não o podemos criticar. Muito pelo contrário.

Estimamos, apenas, que o irmão continue a pautar-se como sempre o fez. Muito o respeitamos e, por quem somos, nada podemos nem faremos no sentido de intermediar possíveis soluções. Sabemos que a sua luta é pessoal e que esse Ser somente estabelece concurso vibratório com um humano a cada vez que deseja fazer valer os seus desígnios. Estamos e estaremos juntos a

¹ NAT: ácido desoxirribonucleico, composto orgânico que contém as instruções genéticas dos seres vivos.

você, sempre, ainda que a sua personalidade terrestre opte pela solidão.

“Nada de novo” — pensei, logo que me vi novamente só.

Passei, então, a refletir sobre o que me foi revelado na recente conversa com os espíritos amigos:

“Realmente, os nossos espíritos tomam certas decisões lá na Espiritualidade que, aqui, sob o desconforto das circunstâncias, muitas vezes não nos é suportável mantê-las. Se este era um dos casos, a minha decisão estava tomada: não quero e não vou fazer parte de um processo que, aos meus olhos, parecia mais “podre” do que qualquer “podridão” produzida pela própria miséria humana”. “Estou fora!” — conclui, decidindo, a partir daquele ponto, usar sempre expressões críticas, com “cores fortes”, para frear qualquer “amolecimento” do meu psiquismo.

Antes mesmo do próximo fim de semana, em uma certa noite, encontrava-me a assistir um filme, quando tive o desprazer de escutar mais uma vez:

— Precisamos fazer um pacto!

O filme não era grande coisa e ficou ainda pior, mas tentei assisti-lo até ao fim, até mesmo para ter algo em que fixar a minha atenção. Entretanto, ao retornar para o lar, ainda no elevador,

tornei a escutar a “ordem-convite” para o tal pacto com o Ser conhecido como Javé:

— Sou seu Pai e Senhor e de todos os que vivem na Terra. Todos os que criei absorvem o meu comando, pois assim tem que ser até que o novo possa ter lugar na minha Criação. É necessário que você confie em mim. Muito fiz para chamar a sua atenção, mas a sua desatenção por mim e pelo que represento sempre foi a tônica dos seus pensamentos. Nos seus livros, você diminuiu-me; nas suas preces, jamais você se dirigiu a mim; nos seus sonhos, mesmo eu fazendo-me presente, você se confundiu e confundiu-me com alguém que sequer pude detetar; e nas suas reflexões, sempre a repulsa por alguém do “meu tipo” era a tônica. Nunca consegui estabelecer qualquer contato mental com você, e por isto tentei enviar-lhe as minhas mensagens por meio de outras pessoas, mas, ao receber as cartas que elas enviavam, quando você via o meu nome nelas reproduzido, sequer as lia na sua completude, deixando-as de lado... Recorda-se de tudo o que estou a dizer-lhe, ó humano?

— Sim, para ser honesto, de facto essas coisas aconteceram.

— Lembra-se de em quanto tempo essas coisas foram-lhe acontecendo? — perguntou o Senhor Javé.

— Sim, faz...

— Bem mais que cinco dos seus últimos anos aqui na Terra, que procurei contatar-lhe, e jamais fui recebido — interrompeu o Senhor Javé.

— Procurei demonstrar-lhe que era eu a comandar o “processo”, e não Jesus. Procurei, ainda, demonstrar-lhe que, sem a sua submissão à minha vontade, nada sucederia quanto ao retorno de Jesus, pois somente com o meu consentimento esses eventos têm lugar na Terra e em qualquer parte da minha Criação. Esforcei-me por criar condições para lhe propor, antes do problema, o pacto que agora lhe proponho, porque, sem a parceria de um humano à minha vontade, este ciclo não terminará. E por questões do passado e do presente, este ser humano tem que ser você.

— Quais são os termos desse pacto?

— Você obedece-me e lhe darei riquezas, posteridade e poder para realizar os meus desígnios — explicou o Senhor Javé. — Preciso reunir, numa só “bandeira”, o que eu tive que dispersar nas páginas da história; preciso superar as intolerâncias do processo que criei para poder educar os humanos da Terra; preciso manter a continuidade do meu Ser através das minhas criaturas, e você será o meu instrumento para os terráqueos e para os que os observam e aguardam. Já o testei e muitos dentre os meus atestam que você é o complemento que falta ao meu processo para a retomada do que foi interrompido pela teimosia dos que me são insubmissos.

Pedi ao Ser para que ele me detalhasse o que queria de mim. Não me atrevo a expor o que escutei naquela e em outras tantas oportunidades porque teria que descer a níveis de detalhes e de explicações que muito me desgastariam e a quem por ventura venha a passar a vista por estes escritos. Seria mesmo inacreditável para quem disto viesse a saber e, por isto, pretendo levar para o túmulo estas questões. Recuso-me a pensar e a refletir sobre elas. Simplesmente me eram inaceitáveis e penso mesmo que envolvia algum tipo de “birra” ou mesmo de “aposta”, à moda do “Lot bíblico”, entre Javé e sabe-se lá quem mais. O facto é que recusei e até hoje pago o preço por isto.

Se alguém pode pensar que a humilhação pública já era um castigo pesado, saiba apenas que o conjunto do que veio depois, devido à minha recusa, foi bem pior e mais atordoante do que o ardil que me foi aplicado no início.

Hoje, enquanto produzo estas linhas, penso que já sei que realmente havia e de facto existe uma “aposta” que envolve as minhas atitudes em relação a esse Ser, e esta aposta tem a ver com o modo como os três seres da “*Trimurti*” hindu lidam com os humanos da Terra. Entretanto, na época dos factos aqui descritos, que tiveram lugar no ano de 2007, eu de nada sabia. Simplesmente, recusei-me a participar de qualquer processo que tivesse naquele ser um comandante a quem eu precisasse subordinar a minha consciência de humano nos mesmos moldes que um soldado obedece cegamente ao seu superior.

Javé costumava dizer-me, ao longo do período da tentativa de um convencimento que nunca houve, que se ele dissesse para me atirar de um penhasco, que o fizesse cegamente, pois os seus “anjos”, situados nesta nossa faixa de realidade, com as suas naves, as mesmas que me apareceram em várias oportunidades — e aqui não estou a referir-me a visões mentais ou mediúnicas — simplesmente me “protegeriam” e nada aconteceria.

Jamais havia escutado algo tão ridículo quanto aquilo, mais ainda quando fui percebendo que o tal Javé e os seus “anjos” adoravam uma coreografia para impressionar os desavisados humanos, dentre os quais estava eu incluído até ao episódio do aviso falso da chegada de Jesus. Em toda aquela história, o que mais chamava a minha atenção era a dedicação daquelas forças — o tempo e o esforço investidos por eles — para envolver um simples homem do “meu tamanho”. E isto é um enigma que somente os desdobramentos dos factos podem explicar.

Continuava a tentar administrar e a direccionar a vida nos rumos por mim pretendidos, enquanto aqueles seres procuravam negociar, agora, as minhas “intenções”. Foi um dos períodos mais incómodos para a minha sensibilidade, pois percebi que, seja lá quem fosse aquela horda de seres, eles não tinham a menor complacência, o menor escrúpulo ou a mais remota preocupação com o que eu pudesse sentir, mesmo depois do que eles já haviam provocado de desconforto na minha existência.

Costumava pensar que, caso o “diabo” existisse, nem ele se dedicaria tanto a perseguir um humano do “meu tipo”, que logo faz

a opção pela “indiferença amorosa” quando percebe que o outro lado da história é ainda mais atrasado, espiritualmente falando, do que o meu próprio ego.

Antes mesmo do final do ano de 2007, para “provar o seu poder”, Javé pregou-me mais uma “peça”, gerando-me mais uma situação constrangedora, com o claro intuito de me ver humilhado frente ao seu poder de “influenciar pessoas” da minha afeição e colocá-las em posição de confronto em relação a mim, ainda que eu não estivesse “em guerra” com ninguém, nem com ele.

— Você tem alguma noção do significado de honra e decência?
— questionei-o, então, sendo esta a “primeira pergunta” que lhe dirigi quando de uma certa aproximação dele e da sua hoste de seres, que sempre se apresentavam como sendo agentes-robôs da sua vontade.

— Você está a obrigar-me a fazer de tudo para submetê-lo, e eu o submeterei à minha vontade. Você não pode desafiar-me, ninguém o pode. Se você não se submeter, os meus “anjos” infernizarão a sua vida até... — ameaçou o Senhor Javé.

— Já me respondeu. Seja lá quem você for, não tem vergonha nenhuma, nem sabe sequer o que é isto. A sua natureza é “doentia”, “perversa”, e estou a começar a aceitar que o “Deus Bíblico”, cujas atitudes sempre achei piores do que as de qualquer “demônio”, realmente é você. Se este era o seu objetivo, agora começo a acreditar que o “Deus Bíblico” existe. E aí está! Dignifique-

se, seja lá você quem for, pois a mim destruirá, mas não me submeterá a esses desígnios ridículos e absurdos.

Se você tem algum poder, use-o para me aniquilar, porque nada quero consigo e nada quero de você. Você é um “criminoso, defraudador e covarde”, que agride escondido por trás deste véu que o mantém fora do alcance da percepção humana. Você é um “pobre coitado”, seja lá quem você for...

— Respeite-me pois... — alertou o Senhor Javé.

— Respeito-o do mesmo modo que respeito a mim mesmo. Por isto, trate você de respeitar a si mesmo, pois percebo que, seja lá de que tipo possa ser esta sua natureza, ela não tem a menor noção de respeito por si mesma e, obviamente, não terá por mim, nem por ninguém, qualquer coisa que a isto se assemelhe. Começo mesmo a compreender a crucificação de Jesus como um dos tais desígnios que ele se obrigou a cumprir quando disse que veio a este mundo para fazer a sua vontade e não a dele. Era aquela a sua vontade, não é mesmo Javé? Vergonha: zero! Você não tem vergonha mesmo, nem dignidade. Que o “Verdadeiro Deus” se apiede da sua alma, caso a tenha.

— Você não conhece a minha fúria... — ameaçou, novamente, o Senhor Javé.

— De facto, não, pois pessoalmente só conheço o seu lado “mediocre e doente”, e pouco se me dá. Aqui, na Terra, convivemos

com monstros disfarçados de animais irracionais e mesmo com os que, dentre os humanos, em tal se transformam. Realmente, não sabia que um Ser Criador podia chegar a este ponto. A sua fúria somente serve, aos meus olhos, para provar o quanto você é “doente” e carente de decência e de dignidade. Conheço a sua “fúria bíblica”, se você for, de facto, aquele Ser. Somente criou problemas para todos os que vivem na Terra. Sinceramente, não sei se você sabe sobre a Espiritualidade Maior, mas penso que não, porque se conhecesse, não se permitiria viver como você vive, furioso como um animal pronto para agredir, e ainda se pretende um Deus. Que o “Verdadeiro Deus” possa livrar-me de você. Caso contrário, como já lhe disse, use o seu poder e acabe de uma vez por todas com a minha condição humana. Penso que seria mais digno para você. Prometo deixar esta vida tentando endereçar-lhe alguma expressão de compaixão pelo seu estado “apodrecido”.

Estranhamente, aquele Ser “escutava o que não queria e/ou o que jamais escutara antes” e continuava “à minha volta”, como se estivesse a observar-me. Todavia, apesar da postura furiosa e de me dirigir as mais estranhas vibrações que já recebi, ele parecia não querer afastar-se.

Naquele tempo, eu não havia percebido, ainda, a informação que veiculei no livro “**O Drama Espiritual de Javé**”, que dizia respeito ao facto de aquele Ser não “possuir uma alma”, por mais aberrante que isto pudesse parecer. O facto é que, no Natal daquele ano de 2007, ele novamente aproximou-se de mim e começou com a mesmíssima história que, aqui, não repetirei para não abusar da paciência de quem, por ventura, venha a ler estes escritos.

Se o Natal de 2006, ainda que tenha sido logo depois do falso aviso da vinda de Jesus, foi tranquilo para a minha sensibilidade, pois imaginava-me livre daquela história, o de 2007 foi um dos mais terríveis, já que nesse último havia um Ser se dizendo responsável pelo falso aviso, e que não me deixaria em paz até que eu me submetesse aos seus desígnios. Afirmou que utilizaria de todos os recursos para atingir os seus objetivos, e que nem Jesus havia escapado da sua fúria implacável, quanto mais eu.

Estupefato com os acontecimentos daquele ano, foi com olhos de profundo desalento, associado à indiferença pelo que me pudesse acontecer no resto desta vida, que me uni aos que comemoravam o nascimento de Jesus, que deu origem a toda aquela história que me encontrava a viver em pleno século XXI.

Recolhi-me, para dormir, com a certeza de que tudo de absolutamente errado estava a acontecer comigo, e que eu não poderia nem deveria me achar confiável para coisa alguma, pois até as minhas reflexões poderiam estar “envenenadas” pelos milénios de opressão daquela força de dominação sobre a desavisada humanidade. Foi quando me aprofundei mais ainda nas práticas de meditação e de vivência de estados de consciência que me permitem repousar na “semente do Sagrado” que habita em cada um de nós.

Alinhado comigo mesmo, com os meus princípios e propósitos, e repousando a minha miserável condição humana no “Sagrado”, de nada mais precisava para viver os dias que me restavam. Contudo, em fazendo isto, sabia que não poderia mesmo atender às

solicitações dos mentores espirituais e deles me desvinculei em respeito às suas nobres intenções, percebendo que a muito contragosto eles respeitavam o meu estado psíquico de não confiar em coisa alguma do que acontecia comigo. Doravante, a única certeza que me marcava o psiquismo terreno era a de não querer fazer parte daquele processo que, a meus olhos, era a coisa mais “podre” de tudo o que havia concebido e vivido até então.

Mal eu imaginava que a estupefação tem diversos graus por onde o psiquismo humano deve passear até que lhe seja possível compreender, nem que seja a nível primário, a dolorosa aberração que existe por trás da “violência predadora” presente no DNA dos corpos dos seres vivos da natureza terrestre, exatamente a herança legada pelo Criador para todos os “seus filhos e filhas”. Naquele ano de 2007, comecei a descobrir que cabe ao espírito, que me anima a condição humana, administrar o fardo da carga genética do corpo animal ao qual se encontra vinculado durante o tempo da vida terrena, como forma de ajudar aquele Ser “caído, perdido e falido” nas suas forças espirituais mais íntimas.

CAPÍTULO 3

O Comandante Comandado

Conviver com aquela situação era algo tão fora do propósito da lógica humana, que passei a surpreender-me quando percebi que a melhor coisa a desejar da vida seria a morte do meu corpo, único modo do meu psiquismo livrar-se daquele assédio.

Como a prática do método de pacificação — que, autodidata que sou em quase tudo, havia criado para mim mesmo —, habilitara-me a “estar com as malas prontas” para ir embora a qualquer momento, não me incomodava pensar daquela maneira, mas notava que a minha postura íntima incomodava sobremaneira a “gregos e troianos”, se por isto entendermos as equipas de amigos espirituais, de seres extraterrenos e os membros da força de dominação vinculada ao Criador. Ele próprio era o que mais parecia incomodar-se.

Já havia visto muito “quartel-general” estranho na minha vida e, eu mesmo me achava membro de um tresloucado pelotão à moda *Brancaleone da Norcia* — personagem fictício do filme “**O Incrível Exército de Brancaleone**” —, porém nada, absolutamente nada se assemelhava àquele ajuntamento de seres em torno do autoaclamado Criador Universal, que se me apresentava repetidamente.

Sempre que interagía com aquela força, obrigado pelos factos, o meu psiquismo tinha que achar alguma coisa sobre aquilo. Naturalmente, surgia o impulso de construir uma opinião qualquer sobre o que estava a acontecer-me, e outra não era a visão que o meu senso crítico — ou o que dele pudesse restar — conseguia produzir a não ser a de que um “circo tecnológico” era armado perante a minha desavisada perceção a cada vez que aquela “turma” se apresentava.

Como nenhum deles era humano, apesar de muitos deles aparentemente possuírem a forma humanoide, jamais pude ou soube aquilatar, naquela ocasião, o significado daquele processo. O que era aquilo? A que realidade pertencia? Como se fazia perceptível à minha “tosca condição humana”? Meio que acostumado aos processos espirituais e a certos eventos com as “cores” extraterrenas, aquele tipo de ocorrência não se enquadrava em nenhum dos campos pretensamente conhecidos pelo meu tirocínio. Não há “certezas” neste tipo de vivência, pelo menos para pessoas do “meu tamanho”. De facto, invejo fortemente a quem, mediunicamente, ou de que forma seja, consegue ter certeza sobre o que houve, sobre o que realmente foi transmitido e sobre quem eram os agentes daquele tipo de vivência.

Não as tenho! Não posso tê-las! E, no entanto, o “circo” continuava lá, e no centro do “picadeiro” estava um “trono” com um Ser permanentemente sentado, e diversos tipos de “anjos”, ou “serviçais”, ou “seguranças”, ou “máquinas inteligentes robóticas”, ou “seres com formas indefiníveis ou com forma de humanoides”, que flutuavam à sua volta.

Vez por outra, um desses seres parecia sair daquela “bolha” ou “cenário algo plastificado” à minha vista, e dirigir-se a mim, sempre na obsessiva repetição de que eu tinha que me submeter ao Pai Criador e Comandante. Aquilo parecia não ter fim e, na verdade, somente parou de acontecer, nesses termos, em fevereiro de 2014.

O Ser sentado no “trono” sempre se me apresentou como tendo forma humanoide, apesar de que, o que ele mesmo me mostraria tempos depois, apontava para um longuíssimo processo de metamorfose pessoal, que estava agora a consumir-se, nos seus moldes finais — pelo menos ao tempo que estes escritos estão a ser produzidos —, como sendo o de um “ser humanizado” em seus múltiplos aspetos, apesar da existência de certas características que transcendem, em muito, o que comumente entendemos por “condição humana”.

O espantoso era o facto de que, se ali parecia existir um “ser humanizado”, sentado num “trono”, o aspeto humano ressaltava-se como sendo apenas um processo corpóreo, porque aquele Ser, nas suas posturas e nos seus comportamentos compulsivos, poderia ser tudo, menos um ser humano.

Era uma “coisa” ou “evento aparentemente humanizado”, mas que se metamorfoseava sempre com “postura predadora” em relação a mim e a tudo o mais que me fosse dado perceber naquelas situações. No meu psiquismo, a impressão que me dominava era a de que um ser felino, à moda leonina; réptil; máquina; múltiplo; “triplamente humanizado”; às vezes, surpreendentemente belo e majestoso; e outras vezes, “doente, leproso e canceroso”, se me

apresentava, substituindo-se naquele “trono”, como se fosse um processo em curso de uma forma corporal ainda não formatada. A sua expressão parecia depender do estado mental daquele Ser, apesar de que, em certas ocasiões, a aparente lógica entre a sua forma apresentada e o que ele estava a expressar não se enquadrava ao modo humano de pensar. Foram alguns embates desgastantes ao longo dos primeiros meses do ano de 2008. A partir do mês de abril, o processo serenou e pensei mesmo que aquilo parecia ter-se esgotado. Todavia, foram somente dois meses de uma “saborosa” ilusão. A “coisa” voltou, só que retornou em outro nível de consecução, que apenas se acrescentou ao modo como, até então, aqueles encontros desagradáveis tinham lugar. O “circo” passou a armar-se durante os períodos de descanso do corpo físico.

Segundo os mentores, a própria “assessoria circense” de Javé parece tê-lo avisado de que o corpo animal que me dava face à personalidade espiritual não suportaria muito mais. O mais estranho é que foi um deles quem, tempos depois, forneceria esta explicação, oportunidade em que passei a levar mais a sério a possibilidade de que alguns daqueles seres, à volta de Javé, já terem “despertado algo das suas consciências pessoais”, e não mais se me apresentavam como sendo simples “robôs” da vontade dele, o que ressaltou, ocorria de tempos em tempos.

Ficava mesmo “engraçado” perceber que aqueles seres, provavelmente despertos, tanto agiam sob o influxo das ordens do Criador, sendo meros robôs nessas ocasiões, como se apresentavam em outras, agindo com certa liberdade de expressão. Fui, assim, aos poucos, desconfiando que existia uma certa

“conspiração amorosa” em torno do Criador. No futuro, esse aspecto tornou-se ainda mais fortemente perceptível. Ali estava um Comandante que, em altos brados, se dizia “todo poderoso”, mas que, à sua volta, funcionava “algo” que, das duas uma: ele não percebia o que realmente estava a acontecer ou “deixava rolar”, posto que inevitável, devido à sua crescente e paradoxal decadência, já que ele parecia estar a fortalecer-se no seu aspecto humano, enquanto uma “doença poderosa” consumia parte de si mesmo, se é que era este o caso.

Retomando o “marco temporal” em torno do evento já referido no prefácio, corria o dia 25 de junho de 2008, quando me encontrava a bordo de um avião da TAP, retornando de Lisboa, oportunidade em que assistia ao filme “**A Bússola de Ouro**”, e pude perceber, ao meu lado, uma espécie de “delegação espiritual cósmica”, formada por entidades de diversos tipos.

“*Foram-se as férias!*” — pensei. Lembrando-me do tema do filme, tornei a pensar comigo mesmo sobre o que seria mais espantoso: o roteiro da “deliciosa” ficção a que eu estava prazerosamente a assistir, ou o conjunto de eventos singulares que se faziam presentes, “sem pedir licença”, perante a minha desavisada percepção.

Percebendo o meu desalento em ter que tratar dos assuntos relativos a uma suposta parceria, sempre ressaltada, entre aqueles seres e a minha condição de encarnado — o que não mais aceitava — os mesmos permaneceram vibrantes à minha volta enquanto

aguardavam, pacientemente, que a minha atenção se desviasse do filme, que já se aproximava do seu final.

Sem dispor do tempo pretendido para refletir sobre a singular relação entre as almas de animais e os seus correspondentes encarnados, conforme propunha o roteiro do filme, perguntava-me, com a dose de humor que me era possível arquitetar, que tipo de forma deveria ter o meu “gênio” para me “libertar da influência e da perseguição” daqueles seres.

Afinal, eles tinham conhecimento — pelo menos assim eu imaginava — que não havia, da minha parte, a menor vontade de levar adiante qualquer obra literária enquanto algumas dúvidas angustiantes, que me marcavam o psiquismo terreno, não pudessem ser esclarecidas. Indiferentes a isto e a tudo mais que me dissesse respeito, alguém dentre eles desfraldou uma espécie de pergaminho onde se fazia visível, aos meus olhos, uma estranha assinatura, aposta sobre um texto composto, salvo engano, pelo que seriam por mim considerados três parágrafos.

De modo instantâneo escutei na intimidade do meu cérebro uma voz impessoal a afirmar-me que aquilo seria o meu compromisso espiritual assumido com as hostes de uma entidade tida por eles como uma “espécie de Deus local” deste universo — ou algo que a isto se assemelhe — e que já me encontrava bastante atrasado no cumprimento do mesmo.

Percebendo, contudo, o “bom humor zero” daqueles seres e a, pelo menos, aparente indiferença pelo que eu pudesse sentir, esforcei-me para não ser desagradável além da conta, e permaneci “mentalmente mudo”, enquanto eles desfilavam alguns argumentos, no meu psiquismo, quanto aos “porquês” da necessidade do meu envolvimento.

Dos argumentos ofertados naquela ocasião, um chamou-me a atenção sobremaneira: “... *como agora, na sua condição terrena, você já conhece o Senhor Javé, está, portanto, habilitado a esclarecer algumas questões, com conhecimento de causa... e por isto deverá participar dos encontros preparatórios, com a sua mente encarnada ativa em sua condição cósmica espiritual, e com o conteúdo de lá retirado, você deverá compor um livro com a marca que lhe é própria...*”.

Pensei comigo mesmo: “*Não conheço o Senhor Javé, nem sei se os efeitos desastrosos que pesam sobre os meus ombros foram realmente causados por ele ou por alguma entidade poderosa, no seu aspeto mental, que se fazia passar por ele junto ao meu psiquismo*”. A “voz” voltou a fazer-se presente no meu psiquismo dizendo: “*Você realmente conhece Javé, não se engane. Portanto, deve saber que em nenhuma hipótese ele permitiria, pelos laços que os unem, que alguém se fizesse passar por ele junto a você, a não ser com a expressa autorização dele.*”

Não esqueça: nada ocorre na Obra do Senhor Javé que não lhe esteja afeito de algum modo. É hora de levar a sério a questão entre vocês”.

Desisti de chegar a alguma conclusão sobre o que me estava a ser transmitido e, simplesmente, deixei o tempo passar enquanto algumas outras considerações da parte daqueles irmãos passeavam pela minha mente.

Dias depois, comecei a escrever o que aqui está a ser apresentado neste livro, com base nas vivências despertadas no meu psiquismo, e que agora oferto aos que buscam entender panoramas de um passado ainda não esclarecido para esta humanidade, além de arquitetar a necessária compreensão quanto aos factos do presente e um possível vislumbre sobre o que nos espera no futuro imediato, após os primeiros momentos da reintegração da Terra ao convívio com seres de outros orbes.

Óbvio que, tudo isso sob os auspícios de Javé — ele faz questão que isto seja ressaltado — cuja personalidade não pode, conforme penso, nem poderá jamais ser devidamente compreendida pelos seres humanos da Terra. A quem interessar possa, foi depois das ocorrências aqui descritas que comecei a escrever os livros a respeito do “drama” do Senhor Javé e de outras entidades que foram e são as suas parceiras no desenrolar de toda uma história universal ainda por ser descortinada pelos que vivem na Terra.

Para minha total surpresa, quando a última etapa do “encontro com Javé” estava a ser rememorada pela minha condição humana, percebi que ocorreria um outro encontro mais inopinado ainda, sendo que esse último somente veio a ter lugar em meados do ano de 2013, o que será relatado mais adiante.

Por enquanto, relato o conjunto dos eventos vividos em 2008.

CAPÍTULO 4

Recanto de Paz

Eu já conhecia a cidade espiritual “**Recanto de Paz**”, que se situava em ambiente astral, próximo à cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. No estado de consciência liberta, durante o repouso do corpo físico, já havia por lá transitado, algumas vezes, em visita a espíritos familiares, ali congregados, ou mesmo devido a estudos realizados em parceria com membros de alguns institutos espirituais daquela localidade.

A exemplo de outras cidades espirituais distribuídas nas muitas esferas astrais que envolvem o planeta físico, “**Recanto de Paz**” tinha o perfil que lhe era próprio, sendo uma das suas principais características a existência de um grande artefato perpetuamente estacionado sobre a cidade, a uma altura que, em termos de medida terrena, se aproximava de algo em torno de 1500 a 2000 metros.

Aquela grande base se assemelhava, para quem a olhava de baixo, a uma imensa folha verde que parecia teimar em não cair, como se um vento sempre a mantivesse suspensa na atmosfera daquele lugar.

Aquele “**artefato voador**” funcionava como uma espécie de local apropriado para encontros entre espíritos desencarnados, vinculados à Terra, e seres de outros orbes, ligados às ocorrências do passado imemorial do nosso planeta. Ali haviam sido construídos todos os tipos de circuitos necessários à harmonização dos modos de pensar, das muitas linguagens expressadas pela fala ou pelo pensamento e dos diversos níveis energéticos-vibratórios das muitas entidades e dos seus variados padrões de corpos. A “**Folha da Oliveira**”, como é conhecido aquele artefato estacionado sobre “**Recanto de Paz**” é, na verdade, uma base ricamente adornada com o que de mais moderno existe no campo da tecnologia cósmica, e fica permanentemente estacionada numa espécie de interseção do nosso espaço-tempo com a dimensão espiritual em que se insere esta cidade espiritual.

E há um outro detalhe: **para aquela “base interdimensional”, também confluía o portal da faixa de realidade na qual residia a expressão individualizada do Ser tido como o Criador do nosso universo.** E o enigmático é que, conforme “rezavam” as tradições locais, **aquele portal jamais havia sido utilizado, apesar de haver sido construído em “tempos imemoriais”** até mesmo para os espíritos desencarnados e seres astralizados que, conjuntamente, residiam naquele artefato que, de algum modo, se encontrava vinculado à natureza de “**Recanto de Paz**”.

Nem mesmo no fuso horário do calendário do tempo espiritual daquela cidade existia qualquer indicação de quando aquele artefato havia ali aportado, nem muito menos de onde ele viera. O

mistério persistiu até aos “dias” em que o inusitado ali teve lugar, e que aqui será narrado.

Em termos de fuso horário terrestre, corriam os últimos dias do mês de junho de 2008, quando, por decisão maior, abriu-se o meu circuito mental e passei a ter acesso às vivências já ocorridas naquela base, referentes aos encontros ali tidos com entidades de diversas origens planetárias, além de um número considerável de espíritos desencarnados e seres de outras faixas astrais, todos congregados em torno do que chamarei de um “conclave”, que estava a decorrer desde meados de abril.

O curioso é que, sob a ótica da perspectiva terrena, eu me achava “livre do assédio” da hoste do Criador e/ou mesmo “de férias”. Posteriormente, fui informado de que aquela aparente “folga psíquica” fora providenciada para “facilitar a minha participação no que será agora relatado”. Isto é um aspeto muito sério, porém não poderei aqui aprofundar o seu significado.

O tal “conclave”, pelas informações percebidas, tinha como objetivo levar a efeito as últimas reflexões sobre as providências necessárias ao iminente “primeiro contato oficial” dos terráqueos com os seres de outros orbes — pelo menos foi isso que o meu entendimento pôde atinar — daí o fluxo constante de espíritos encarnados em desdobramento espiritual durante o repouso do corpo físico, como era o meu caso, além de espíritos desencarnados habitantes das esferas mais sutis da espiritualidade terrena, como também de seres astrais residentes ou vinculados a certas faixas de realidades que tinham a ver com o passado desconhecido da

Terra e dos seres extraterrenos com os seus muitos tipos vibratórios, com algum tipo de vinculação ou interesse com as questões terrestres.

Já no final das abordagens do “conclave”, quando todo o conjunto de temas pontuais havia sido conveniente e produtivamente abordado, é que começou a ocorrência descrita, na presente narrativa, do que, para a surpresa de todos os presentes — pelo menos foi o que pude supor —, ali teve lugar.

Encontrávamo-nos todos praticamente a preparar-nos para as despedidas fraternais de praxe, que sempre ocorrem nesses eventos, quando um dos membros do Conselho Planetário retomou o lugar que até há pouco ocupava junto aos demais que tinham assento no que poderia ser chamado de “tribuna principal” daquele local. Este se assemelhava a um grande auditório, dotado de estranhíssimos processos de uma tecnologia que fugia aos hábitos da Terra.

Imediatamente, a portentosa vibração do Conselheiro Planetário fez-se sentida por todos os presentes, os quais, agora já espalhados em relação aos locais onde se encontravam anteriormente — e que foram estrategicamente distribuídos de acordo com as suas vibrações pessoais —, nele tornaram a fixar as suas atenções, enquanto retornavam aos lugares anteriormente ocupados, para tornar possível o que na Terra chamaríamos de “tradução simultânea”, apesar desta metáfora pouco servir para simbolizar o que ali estava a ocorrer.

Assim, se referiu o Mestre Mandreya Ramanatayana, um dos membros do Conselho Planetário:

— Imploro a atenção de todos, mais uma vez, pois fomos avisados, exatamente há poucos instantes, que o Senhor Javé já se encontra em rota de aproximação a este local. Diante do inusitado, fomos solicitados a aqui permanecer por mais um tempo, pois o nosso Arquiteto Universal deseja este primeiro e singular encontro connosco antes da “reintegração da Terra”.

Senti um impacto energético, algo desagradável, quando tomei ciência de que iria encontrar-me, naquelas condições, com o Senhor Javé. Como já descrito, os meus últimos tempos terrenos tinham sido bastante desagradáveis, quando o desconforto psicológico, a perplexidade e certa dose de indignação haviam sido a tônica da minha vida interior, enquanto homem da Terra. E todo o contexto que me rodeava, desagradável e caótico, pelas diversas informações que dispunha, parecia ter como causa a estratégia em curso do Senhor Javé que, aos meus olhos terrenos, nada tinha de “elegante” ou mesmo de aceitável. Muito pelo contrário!

Por mais que houvesse me esforçado para não concluir qualquer tipo de avaliação sobre o “peso” da sua tentativa de dominar um terráqueo nos moldes em que acabei por conhecer, ali estava eu a procurar não “piorar na matéria”, ainda mais porque não conseguia ser condescendente com aquele tipo de “tirania estéril e profundamente doentia” — conforme pensava e penso!

Tudo o que vinha daquele Ser e/ou dos seus “anjos” mais parecia um “capricho” ou um grande equívoco — o que, convenhamos, não era de boa procedência, no campo da prudência, atribuir a um Ser que é tido como o “Deus Criador deste universo” e de tudo o que nele existe —, e estas duas hipóteses teimavam por permanecer na minha mente.

O facto é que, **quando na Terra, por conta da máscara corporal, podemos disfarçar os nossos reais pensamentos, porém, nos ambientes espirituais, tal não é possível** e não foi pequena a aflição sentida na minha mente quando o anúncio da chegada do Senhor Javé se deu, apesar de desnecessário, até porque a exuberância vibratória daquele Ser, simplesmente, era impossível passar despercebida, e penso que todos os presentes começaram a sentir, em uníssono, a sua vibração indescritível, cuja repercussão em mim nada teve de agradável.

Firmei-me em mim mesmo, enquanto percebi que estava a receber — para minha total surpresa — o fluxo vibratório de apoio e de solidariedade de muitos dos presentes. Aquilo dava-se, seguramente, pensei, por estarem a par das ocorrências dos últimos dezoito anos, que foi o tempo em que a minha personalidade terrena foi preparada para o trabalho em curso e, mais especificamente, por conhecerem o meu total desconforto e discordância em relação à estratégia do Senhor Javé, imposta sobre os meus ombros, ao longo dos últimos anos.

Fez-se um silêncio profundo enquanto uma miríade de seres de muitos tipos adentrava o ambiente, todos em atitude

extremamente respeitosa. À medida que se faziam presentes naquele lugar, procediam como se estivessem a distribuir-se em torno do átrio central daquela grande edificação. Na sua parte central, esta parecia ser algo que na Terra corresponderia a um gigantesco “tapete”, composto por material semelhante ao metal, do qual pareciam “sair” muitas peças de quartzo, à moda de cristais ricamente adornados com cintilações energéticas, difíceis de serem entendidas pela mente dos terráqueos.

Não parecia existir nada “sobre as nossas cabeças”, pois víamos “um céu”, apesar de que em padrão bem diferente de luminosidade em relação ao que costumamos perceber da Terra.

No centro do átrio, um Ser, de proporções muito acima da altura da média dos humanos da Terra, foi-se adensando, ao mesmo tempo em que as cintilações à sua volta iam diminuindo diante dos nossos olhos, como se o mesmo estivesse adequando-se à forma com que pretendia apresentar-se perante aquela assembleia. Instantes depois, eis que “alguém de forma humanoide”, com pouco mais de dois metros de altura, apresentando-se à moda dos nórdicos terrenos, com uma cabeleira longa aloirada e com mesclas esbranquiçadas, cobrindo-lhe os ombros, fez-se presente no ambiente, dizendo:

— Sou aquele que, no decurso dos tempos da Terra, ficou conhecido por Javé.

Para minha total surpresa, após a afirmação inicial, percebi que não era somente eu, entre os presentes, a estar surpreso com a presença daquele Ser que, pelo que sempre foi “conversado” nos ambientes espirituais “mais próximos” à Terra, jamais havia se apresentado “clara e objetivamente” a um grupo de “humanos terráqueos”, como o fazia naquele momento, ainda que estes estivessem naquele “artefato voador”, ali estacionado. No passado, ao tempo de Moisés, este Ser o havia feito, mas de outro modo, utilizando-se de assessores e de artifícios tecnológicos.

Outro aspeto inusitado, que vim a perceber depois, é que, apesar de ele não atinar nem perceber as “faixas espirituais mais elevadas”, diversos espíritos, nelas residentes, ali se adensavam, dentro das circunstâncias mentais-tecnológicas únicas daquele lugar, mas o Senhor Javé parecia não “perceber” este aspeto daquele encontro. Para ele, era como se todos ali presentes “vivessem na Terra” e/ou em outros mundos do universo ou em dimensões vinculadas a este, mas não na Espiritualidade. Assim penso, porque ele, nos momentos em que nos “encontrámos”, não se referiu propriamente a “espíritos”. Entretanto, o Senhor Javé, no seu processo de humanização, costuma usar as expressões humanas — como espírito, espiritual, e Espiritualidade — no mesmo padrão em que as recebe, ainda que isto não signifique que ele tenha compreensão profunda sobre o uso do termo por ele expressado.

Estranhamente, aquele Ser agiu como se fechasse os seus olhos por alguns breves momentos em que o silêncio profundo e inquietante foi a tónica naquele ambiente. Após um “período de

tempo” difícil de ser qualificado, ele tornou a expressar-se de tal modo que a sua “voz mental” parecia explodir no meu psiquismo, e creio que o mesmo acontecia com os demais que ali se encontravam.

— Sou o que sou desde os tempos em que criei este “universo-mãe”¹, no qual vocês existem, e assim serei enquanto, sobre os meus ombros, estiver a responsabilidade de conduzir, até ao fim da experiência criadora, a Obra existencial por mim arquitetada — explanou o Senhor Javé.

Novo e inquietante silêncio, enquanto, da minha parte, eu tinha dificuldade de fixar o foco do “meu olhar” naquele Ser.

— Muitos dentre vocês já o sabem; outros, não — continuou a explicar o Senhor Javé. — Por isto, agora, o reafirmo: eu sou aquele que é, e assim serei enquanto nos meus universos² me fizer presente. Tudo o que mais além de mim é hoje, e o que é, mais ainda virá a ser, porque o “vir a ser” é manifestação da minha vontade³, sempre presente na realidade ascensional de cada ser por mim criado para viver neste universo mais denso. Eu não! Sou o que sou e não virei a ser nada além do que sou! Afirmo, porém, que tudo o mais que ainda virá a ser além de mim mesmo, assim será

¹ NAT: universo material, a primeira faixa de realidade mentalmente planeada, porém jamais finalizada devido à “queda” do Criador, que se viu obrigado a improvisar uma segunda faixa de realidade, ou seja, o universo antimaterial, para dar guarida à sua “queda”, o que, no seu modo de expressar, corresponde a uma “ideia filha” em relação ao universo material, ideia originalmente intentada.

² NAT: o universo material, a “Bhuloka”, e o universo antimaterial, a “Brahmaloka”.

³ NAT: não se trata propriamente da vontade de Javé, como ele afirma, mas, de facto, trata-se da sua necessidade de se transformar, ao longo do tempo, na busca da sua redenção pessoal.

por força da minha vontade, para que ao Pai dos Deuses Criadores, ao Pai de todos nós, ao Pai de todos os universos e realidades, possa eu prestar contas no tempo devido, e homenageá-lo.

Perante o meu psiquismo, as “expressões de Javé” sucediam-se muito rapidamente, e o modo como elas “explodiam” na minha mente deixavam-me hesitante, sem que me ocorresse a “certeza natural” de que estávamos a entender o que alguém está a dizer-nos, como de sorte acontece normalmente nas conversas terrenas. Fiquei em dúvida durante todo aquele encontro porque já havia percebido tantos perfis psicológicos contraditórios naquele Ser que, aquele agora demonstrado, somente me parecia o que ele mais usava para se apresentar como “alguém dominador”.

— Quando esses tempos estiverem chegados para mim, deixarei de ser o que sou para tornar a ser o que sempre fui desde os tempos anteriores à criação deste universo mais denso e das demais dimensões que o envolvem — explicou o Senhor Javé. — Assim o digo, pois estou diante, pela primeira vez, desde há muitos milénios dos tempos terrestres, de seres que contra mim e os meus se posicionaram, em muitas conflagrações, e ainda não se curaram, de todo, da “doença recalcitrante”.

Além do que, alguns deles, até aos tempos atuais, ainda teimam por não se subordinarem aos meus desígnios. Aceito-os, contudo, com a expressão amorosa possível à minha natureza, mas não os aplaudo e, muito menos, posso estimulá-los a seguirem com a postura da não subordinação aos meus desígnios. Assim o digo!

— Aqui estou — continuou o Senhor Javé, após uma pausa em que os seus olhos repousaram sobre toda aquela assembleia reunida — para pormos um fim à etapa de isolamento da Terra, de modo que esta possa voltar a ter os seus circuitos celestiais novamente abertos ao intercâmbio cósmico. É chegada a hora do fim do isolamento, assim o digo!

— Dentre vocês, muitos foram por mim “escolhidos” para serem a extensão de mim mesmo nas tarefas necessárias a serem executadas na Terra, que permitiram, por fim, que chegássemos aos dias atuais com boas perspectivas quanto ao futuro — continuou explanando o Senhor Javé. — Aqueles a quem vocês chamam de Adão, Enoch, Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Maomé, dentre muitos outros que me ajudaram na condução dos caminhos que tracei para a redenção desta humanidade, foram e são meus agentes da minha vontade, que tornou possível chegarmos ao presente. Outros tantos sempre se posicionaram contra os meus agentes, nas muitas páginas da história. E foi dentre estes últimos — reaproveitados por força da insistência amorosa daquele a quem vocês chamam de Jesus — que, por circunstâncias diversas, fui obrigado a escolher o meu agente para estes últimos tempos, mesmo com toda a dose de teimosia e de orgulho que ainda marca a sua personalidade atual e outras construídas ao longo das vidas terrenas. Ainda assim, o escolhi para que fosse ele o responsável inicial pelos processos de

esclarecimento espiritual⁴ e cósmico para os terráqueos, com o intuito de viabilizar a reintegração da Terra.

Enquanto o Senhor Javé se expressava, com a atitude mental que lhe era própria, e que penetrava as nossas mentes sem que nos fosse possível desviar a atenção do que por ele era transmitido — apesar da insegurança no campo do entendimento —, cheguei a entrar em estado de desequilíbrio pela inquietante sensação que em mim se instalou.

Afinal, a minha condição humana estava a ser — aos meus olhos — desagradavelmente “perseguida”, conforme podia avaliar, pela insistência de seres extraterrenos que agiram, nos últimos anos, de modo a “controlar-me” para servir ao Senhor Javé, o que me era profundamente constrangedor sob a perspectiva dos meus valores pessoais. Além do que, a insistência daqueles seres havia transformado a minha vida terrena em um “inferno” que se expressava lenta e desagradavelmente no meu quotidiano. Mais ainda: a interferência indevida e, aos meus olhos, defraudadora, que a cada momento podia perceber nos factos que me eram próximos, terminaram por criar, no meu psiquismo, uma “perigosa desistência” em esperar “algo decente”, que a minha lógica terrena, assim, pudesse considerar. Como se ainda não fosse suficiente, ali me encontrava, agora, sendo novamente admoestado pelos

⁴ NAT: Javé refere-se à “revelação espiritual”, ainda que, no seu atual processo de humanização, ele não tenha compreensão profunda sobre o uso do termo em que ele se expressou.

mesmos seres e seu Comandante, o que me perturbava consideravelmente.

Quando cheguei mesmo a pensar que o meu espírito fosse passar por alguma situação de desequilíbrio “mais sério” naquela circunstância — foi o que na hora pude pensar —, senti uma portentosa vibração espiritual próxima a mim, a qual, simplesmente, parecia ter o condão de tranquilizar-me, como se aquela energia pudesse contrapor-se à inquietante vibração vinda do Senhor Javé.

Quedei-me, entre aturdido e surpreso, porém, sem conseguir atinar com o que estava a ocorrer à minha volta. Simplesmente pude perceber expressões de “cumplicidade amorosa”, como se uma espécie de “conspiração fraternal” estivesse em curso e que me envolvia com as suas vibrações, promovida por seres que pareciam encontrar-se no recinto, mas de cujas identidades eu nada sabia.

— Convoco — continuou o Senhor Javé, na medida em que os detalhes da feição por ele assumida tornavam-se cada vez mais claros diante das nossas percepções — para que se faça presente, à minha frente, aquele a quem tive que escolher para ser o meu agente nestes primeiros tempos da “reintegração da Terra”.

— Espero que, assim, de uma vez por todas, venha ele a resolver as suas pendências “criminosamente” acumuladas para comigo, seu Senhor e Pai, ao longo de tantos movimentos rebeldes, que a nada

conduziram. Assim o faço, desprovido da minha condição de Criador, de Senhor deste universo a que vocês pertencem, colocando o foco da minha natureza na irmandade que nos une a todos em torno do objetivo comum de redenção de todos vocês. E como não devem existir questões misteriosas entre nós, que o meu agente se expresse claramente, diante de mim e de todos os presentes, como forma de chegarmos a bom termo com os meus desígnios. Adiante, filho de mim mesmo. Nada tema!

A minha “forma perispiritual” — ou algo que a isto se assemelhe —, nos moldes da minha atual personificação terrena, permaneceu como se incapacitada de deslocar-se, por meio da volitação, até à presença do Senhor Javé, conforme ordenado.

Na verdade, enquanto escrevo estas páginas, uma dúvida angustiante me assalta o psiquismo terreno, pela opção que fiz em relatar os factos como se esses tivessem ocorrido numa espécie de “faixa de realidade espiritual/astral muito densa”, imediatamente adjacente à realidade material. Tudo o que agora penso saber, como já informei, é que “aquela faixa de realidade” havia sido gerada exclusivamente para aquele encontro, apesar de não ter a menor ideia de “por quem” ou “pelo quê” aquilo havia sido criado. Sentia-me, porém, exatamente como me sinto na condição humana, e é neste aspeto que reside a minha “insegurança na narrativa”.

Para meu encantamento, algo começou a aquecer-me o íntimo, tranquilizando-me, e pude então ver um dos presentes dirigir-se até próximo de onde se encontrava a “projeção” do Senhor Javé,

fazendo um gesto, o qual, nos costumes terráqueos, seria visto como “ajoelhar-se” diante de Javé. Este o encarou durante algum tempo até que, fazendo um movimento estranho e meio desconexo com a cabeça, expressou-se:

— Não, ó Mestre Codificador, não o faça perante mim... — expressou Javé, gravemente.

— Penso que você é um dos maiores dos ditos em união com o Deus Maior... Esta é a primeira vez que nos encontramos e perante você não preciso apresentar-me como dominador.

Enchi-me de júbilo e de pronto compreendi as sensações anteriormente sentidas. Ali estava o meu velho mestre e amigo⁵ dos tempos do mundo de Zion, antes da minha personalidade espiritual/cósmica ter sido exilada para a Terra, no meio da “conflagração luciferiana”.

Para minha surpresa, ele ali estava e, mais ainda, interferindo numa situação cujo significado e importância, simplesmente, não conseguia atinar.

— Sim, ó Senhor Javé — disse o Velho Codificador, cuja feição, à minha sensibilidade, parecia ser o que de mais belo e singelo alguém poderia ostentar. — Você é Cocriador com o Deus Incognoscível e merece, de todos nós, os louvores e o

⁵ NAT: refiro-me ao “Codificador de Zion”, já citado nos livros “Carma e Compromisso” e “O Quarto Logos”,

reconhecimento por tudo o que faz e fez em benefício dos viventes. Resido no universo denso, por você criado, como forma de mais aprender e de servir no apoio aos que estão a construir a redenção das suas consciências. Peço-lhe vénia, ó Senhor Javé, para ressaltar que a condição espiritual daquele a quem você convocou para se posicionar diante de você, por se encontrar vinculado ao corpo carnal que lhe é comum e, mais ainda, estando diante da sua presença pela primeira vez, nos moldes em que agora ocorre, e vivendo os dias difíceis da transição terrena — peço-lhe que leve isto em consideração —, não lhe permitirá expressar-se facilmente diante de você. Peço-lhe, pois, que conduza de outro modo o presente encontro, em obediência aos altos preceitos que nos unem em torno da evolução espiritual que envolve a todos nós.

— Não se preocupe, ó Mestre Divino, porque o que agora faço é um desejo que a minha natureza pessoal há muito acalenta, pois pretendo utilizar-me do seu “afilhado espiritual” como foco de demonstração para os que vivem na Terra em relação a como os vejo, de como gostaria de tratar com cada um destes filhos que estão com os seus corações ainda muito distantes de mim — justificou-se Javé.

— Tranquilize-se porque as minhas intenções — que sei, por força da natureza que me marca a personalidade inserida no contexto da minha Criação, não podem ser por vocês percebidas, nem mesmo por você que é “Grande” na unificação com o Deus Supremo —, são as melhores que posso ter em relação a ele, e já não busco disciplinar especificamente o seu “afilhado”... confesso que, em parte, já não mais insisto... em benefício das intenções que

nos são comuns — “disse” o Senhor Javé, olhando friamente na minha direção.

— Ainda assim, ó Senhor Javé, rogo-lhe suavidade para com a sua condição frágil de espírito vinculado a um corpo da sua magnífica Criação... além do que, insisto, os seus dias na Terra não têm sido fáceis por força da sua estratégia que o envolveu nos moldes sabidos por você — ponderou, novamente, para minha perplexidade, o Velho Mestre de Zion. — E lembro-lhe, ó “Ser Criador”, **que a sua força mental varia junto com o seu estado de consciência. Cuide, portanto, em não agredi-lo inadvertidamente, já que a sua natureza ainda não absorveu plenamente a que é comum à condição humana.**

— Tranquilize-se... — repetiu o Senhor Javé.

— Deixe-me lidar com um dos meus agentes na Terra, daquele que, no momento, mais dependo do seu livre-arbítrio para levar a bom termo o que pretendo. Garanto-lhe que serei eu, no final, a surpreender-me com o que aqui acontecerá, muito mais do que todos vocês — expressou o Senhor Javé, dando ênfase às últimas palavras.

— Faz-se mister que, alguém submetido aos ditames da raça que pretendi criar em outros moldes comportamentais, bem diferentes de como, hoje, se porta esta humanidade, um dos que, no passado, teve parte entre os rebeldes, e que, diante de mim, represente os humanos da Terra, por minha própria escolha, possa dizer-me,

claramente, o que pensa, e ouvir de mim o que penso e desejo para esta família planetária teimosa e recalcitrante — acrescentou o Senhor Javé.

— Faça-se presente, agora, perante mim, você que rejeitou e rejeita o concurso que lhe solicitei, nos moldes por mim pretendidos.

A um olhar do Velho Mestre, que permaneceu no lugar onde se encontrava quando se dirigiu a Javé, como se a convidar-me para me deslocar⁶ até ele e ali permanecer ao seu lado naquele momento ímpar e algo absurdo para os meus padrões, então, deixei-me movimentar na direção pretendida. Para meu próprio espanto, tive a intenção de ajoelhar-me diante do Senhor Javé, porém, simplesmente, não conseguia levar a efeito o ato pretendido. Que estranha paralisia era aquela que me dominava a atitude e que me impedia de apresentar os meus respeitos àquele que era o Deus Criador deste universo? Consegui algo fazer, inclinando levemente a minha cabeça, mas sem deixar de fixá-lo, enquanto percebia, da sua parte, uma expressão algo melancólica, que se alternava com ares de uma dolorosa ironia, e o espantoso para mim, com certo aspeto amoroso.

— Um dos “Grandes”, aqui presente, majestoso que é em si mesmo e na sua união com o Pai Supremo, saudou-me com a sua grandeza d’alma, fazendo-me sentir menor diante dele e de todos

⁶ NAT: trata-se de um tipo de deslocamento diferente do usualmente praticado na Terra, quando caminhamos, e que é similar à volitação dos espíritos.

o que aqui estão — “disse” o Senhor Javé em relação à atitude do Mestre Codificador, que havia se “ajoelhado” diante dele.

— Você mal consegue endereçar-me uma saudação qualquer...
— queixou-se o Senhor Javé.

— Reconhecimento ao que sou e ao que represento, sei que, da sua parte, nem posso pensar em receber.

Contudo, sei também que você não me falta com o respeito que me é devido por força da sua natureza. Não! Sei que não me agride assim porque quer, já que, desde que o acompanho, sei como se esforça para não agredir aos que lhe cercam a vida na Terra. Apenas lhe parece ser impossível submeter-se aos meus desígnios e à minha vontade... É isto que devo pensar? — questionou-me o Senhor Javé.

Permaneci em silêncio, agora com os olhos postos naquele tipo de chão translúcido, próximo aonde se encontrava o Senhor Javé.

— Manifeste-se, pois, livremente, porque aqui, como você o sabe, nada existe para ser disfarçado — tornou a expressar-se o Senhor Javé, entre irônico e trágico, e com o indisfarçável ar de melancolia.

— Finalmente, concedo isto a você, como também aos demais que aqui estão. Sei que, de todos, você é o que, no momento, mais se sente agredido pelo meu modo de ser e de agir. Contudo,

aproveite, antes que me arrependa, e expresse tudo o que vai no seu íntimo, pois isto está claramente à vista de todos... e você sabe disto. Fale, portanto, o que quiser falar. O que tinha para me agredir... bem, já o fez. Entretanto, isto é entre mim e você... Pegue, pois: já que não me homenageia com a sua atitude, não se preocupe em me homenagear com as suas palavras, porque sei que nada devo esperar de você neste sentido.

Julguei aquilo tudo um grande absurdo. Um Deus Criador agir daquela forma sempre foi e é, para os meus padrões, traços de um “psiquismo afetado e doentio”. Procurei firmar-me no apoio vibratório que sabia receber dos presentes e, em certo momento da minha hesitação, um sentimento de tranquilidade dominou-me o psiquismo. Com uma ousadia que não poderia supor possuir, encarei novamente aquele Ser, mas nada potencializei em “termos mentais”. O foco da minha atenção “escapou” na tentativa de compreender como eu poderia sentir-me tão tranquilo e em paz diante daquela experiência singular, e, portanto, permaneci em silêncio.

— Recusa-me as suas expressões pessoais, ó Ellam — provocou o Senhor Javé.

— Na perspectiva dos humanos, somente alguns poucos, dos que viveram na Terra, eu os trouxe até mim. E eis que, agora, sou eu que vim até você e os seus irmãos de raça e de origem espiritual. Detesta-me tanto assim?

Em que você pensa enquanto observa a forma na qual agora me apresento diante de todos? Estamos próximos a este ambiente que você chama de “Recanto de Paz”. Seja, pois, consigo a paz daquele em quem confia, já que, como você me disse tempos atrás, através das suas vibrações, nem eu nem os meus arcontes temos estatura moral e psicológica para saudar qualquer terráqueo com o sentimento de paz — tornou a expressar-se o Senhor Javé, agora já com resquícios de fúria.

Quedei-me surpreso por tomar consciência que qualquer dos presentes poderia “ler as vibrações de mim emanadas”, porém o Senhor Javé e, provavelmente, os seus assessores que ali estavam, pareciam isto não perceber.

— Engana-se comigo, ó Javé, e isto digo com o respeito e amor que por você posso arquitetar nas condições em que me encontro, seja agora, aqui, e mais especificamente, na minha condição humana atual. E, enquanto isto lhe expresso, espanta-me perceber como você sabe pouco do que me vai na intimidade espiritual, você que é “Deus” deste universo, “Arquiteto” dos seres viventes nele inseridos, mas que parece não atinar com o que vai no íntimo de alguém do “meu tamanho”, um “verme” quando comparado a você e aos demais que aqui se encontram...

— “Verme” difícil de ser educado... — interrompeu-me o Senhor Javé, com expressão novamente próxima ao que, na Terra, poderia ser chamada de divertida, mas longe de possuir qualquer “toque” de humor.

— Que seja — emendei. — Ainda que você não possa perceber a minha verdade espiritual, acredite-me, pois, ó Javé, esforço-me por amá-lo, não pela função a que se autoimpôs, já que se obriga a ser o “Deus” deste universo por você criado, mas sim, porque sei das expressões de amor que o meu Mestre Jesus demonstra ter por você. Por sua condição de “Deus” deste universo, respeito-o e me submeto aos seus ditames na medida em que nele estou inserido. Peço-lhe desculpas por não poder compreender as suas estratégias, que me envolvem a condição humana, e parecer, aos seus olhos, alguém que o desobedece ou que se aparta de você. Lembre-se, ó Senhor Javé, não tenho como faltar com a minha verdade para consigo, seja aqui, nestas condições ou na condição terrena.

— Você continua rebelde aos meus desígnios, e sei que, da sua parte, acha-me alguém também rebelde em relação aos desígnios do Pai Supremo — observou o Senhor Javé.

— Isto é indisfarçável em você e sei da sua honestidade moral em não procurar esconder-me este panorama do seu psiquismo.

Entretanto, não lhe agradeço por isto, pois você sabe que o que eu quero, você não me dá, que é a sua confiança cega em mim. Isto venho esperando de você e de outros, desde que os criei. E já lhe disse, reiteradas vezes, diretamente a você e por meio de outros humanos que, consigo, coexistem na Terra, que eu preciso que seja assim. E, novamente, digo: preciso disto, pois todos os que treinei, dos que me são fiéis — o que não é o seu caso — para atuarem nas etapas do julgamento que decretei para esta humanidade, nestes tempos atuais da Terra, não lograram alcançar a condição que

estimei e determinei para o desempenho das funções. Mais que isto, correntes perturbadoras das trevas rebeladas praticamente inviabilizaram o concurso desses que me são tão caros e renasceram na Terra para este mister. Sobrou-me você e alguns poucos mais, que não me têm o afeto e o amor necessários à parceria a que me proponho. E sem que a minha estratégia vingue e dê os resultados que precisam ser alcançados, nem você, nem esta humanidade irão a lugar algum até que a questão da espécie humana da Terra seja resolvida nos padrões necessários a esta etapa evolutiva. Compreendam ou não os humanos da Terra, mas é assim que tem de ser e assim será. Preciso de você para este trabalho e você não consegue ofertar-me a sua confiança cega em mim, sem a qual, não sei, da minha parte, por força da minha natureza, como executar a tarefa redentora a que me proponho.

“Escutei” tudo aquilo enquanto me fixava nos olhos do Senhor Javé, que assumiram uma tonalidade estranha aos padrões terrenos, como se uma névoa tendente à cor cinza preenchesse, de vez em quando, o que chamamos de globo ocular.

Enquanto o observava, “pensei comigo mesmo” que não havia sido o Senhor Javé que criara os nossos espíritos, porém nada expressei sobre a questão. Permaneci em “silêncio vibratório”, procurando organizar os pensamentos, pois ainda não havia me acostumado com a situação que estava a viver. Estranhamente, aquele tipo de “circo” era bem mais complexo e “pesado vibratoriamente” do que o que me era dado perceber na vida terrena.

CAPÍTULO 5

“Eu Sou o Que Sou”

— Pergunte-me, ó humano — instigou-me o Senhor Javé. — Não silencie agora que preciso que você expresse tudo o que tem colecionado, no íntimo, a meu respeito. Provoquei-o, na sua sensibilidade, para que me conhecesse através do sofrimento que você se autoimpôs por não se afinar com as minhas determinações. Como você não me entende, nem se esforça na medida em que sei necessário para tanto, não lhe posso fazer compreender tudo o que desejo que compreenda. Somente me deixa a opção de o envolver para que desperte.

— O que você chama de “provocação de sensibilidade”, ó Javé, perante tudo o que penso ter aprendido com os grandes mestres que fecundaram o conhecimento terreno com as elucidações morais necessárias ao progresso dos terráqueos, mais me parece “crime espiritual” profundo, doloroso e desnecessário, que somente desperta, no psiquismo que nos marca o modo terreno de pensar, o lado da indignação e da repulsa aos seus métodos de atuação...

— Isto é o que você pensa... — interrompeu-me Javé.

— Isto é o que você me obriga a pensar, e espanta-me que não o perceba — afirmei da minha parte, com uma força mental que surpreendeu a mim mesmo e, pelo que pude perceber, a muitos dos que ali se encontravam. — Será que a sua natureza é tão diferente da minha que o impede de perceber que os seus métodos são “criminosos” aos meus olhos? Ainda que eu esteja equivocado na minha avaliação, esta é a única que consigo arquitetar.

— Agora, você não parece falar como um humano terráqueo... — ironizou o Senhor Javé, de modo enigmático.

— Está enganado... Seja nesta condição de desprendimento espiritual em que me encontro ou mesmo quando a minha consciência está submetida às possibilidades do cérebro terreno, muito me surpreende como você, que se pretende um “Deus”, parece enganar-se, repetidas vezes, nos seus julgamentos e métodos de conduta — emendei.

— Justo sou, e os meus julgamentos são justos, embora não o possa compreender com a sua medida — pontificou o Senhor Javé.

— Contudo, aceito a sua ponderação de que os meus métodos já não parecem ser, de todo, úteis para uma parcela já significativa da humanidade da Terra.

— Já que me permite: isto é o que você pensa sobre os seus julgamentos, e devo ressaltar que, por força da sua natureza, você não tem como ser tão justo como pretende ou pensa ser. Desconfio

que os seus julgamentos somente servem e aplicam-se a uma parcela da família planetária à qual pertenço, ó Javé. Você parece não ter poder sobre as dimensões espirituais situadas além dos limites da sua Criação. Assim, quem viver a sua vida terrena de modo amoroso e produtivo, simplesmente o seu espírito se dirigirá, ao deixar o corpo animal da sua Criação, para uma “esfera espiritual” sobre a qual você não tem poder. Assim, repito, penso que os seus julgamentos somente se aplicam aos espíritos que se aprisionam, após as suas vidas terrenas perturbadas, aos grilhões do carma negativo, que os obrigará, inapelavelmente, e não porque você assim o deseje, a permanecerem nas esferas espirituais primitivas, geradas pelo seu poder criador.

— Permito-lhe a possibilidade de você me reafirmar o que pensa, contudo não seja impertinente, cego que você é em relação aos meus desígnios e ao meu poder, ó humano — advertiu o Senhor Javé.

— Filhos de mim mesmo são você e muitos¹ dos que consigo habitam o meu jardim; filhos da minha vontade são todos os que lá se encontram. Sei que você não aceita a minha paternidade, que lhe aponto; sei que rejeita as aproximações que fiz de você; e sei que me oferta um esforço singular para me aceitar como sou..., mas não consegue.

¹ NAT: Javé referiu-se a “muitos” e não a “todos” devido ao ressentimento que ele tem em relação a alguns seres da sua Criação, os quais ele desconsidera por entender que eles atrapalham os seus desígnios, como Yel Luzbel, por exemplo.

— O que você é, ó Javé? Que tipo de natureza você marcou em si mesmo, já que é autogerado a partir do seu próprio poder mental? — interrompi-o de um modo que tornou a surpreender a mim mesmo.

— Sou aquele que é e sempre serei o que sou; sou o que sou, disse-o a Moisés — respondeu o Senhor Javé.

— Vocês, humanos da Terra, não me podem compreender a natureza pessoal. Para além de vocês, algumas outras civilizações que vivem no meu universo material, ainda que mais evoluídas que a de vocês na Terra, também não me podem compreender. Outras, porém, compreendem e me respeitam. Com estas, tenho a melhor relação de paternidade e de comando, porque todos me aceitam como sou e no meu desempenho como “Deus” deste universo. Muito me esforcei para que, nestes tempos atuais, a minha natureza chegasse ao ponto em que chegou, o que me permite conversar com um simples terráqueo. Há apenas algumas poucas centenas de milhares de anos do tempo de vocês, isto me era impossível. Veja, pois, como me esforcei para, hoje, poder conviver com a espécie na qual você vive. Naqueles tempos, a espécie terráquea era apenas um sonho na minha mente...

— É provável, ó Senhor Javé, pois somente os que já são muito evoluídos, inclusive mais que você próprio, sob a perspectiva da moral, são os que, por amor e reconhecimento, se submetem ao seu “jugo doentio, impositivo e estéril”, em muitos aspetos. Estes devem isto fazer, pois já sabem que você é refém da evolução de todos os que estão inseridos na sua Criação, e assim fazem para

contribuir com o progresso geral e com o seu em particular. Como você não percebe este aspeto?

— De onde retirou estas informações? — perguntou o Senhor Javé. — Quem o informou sobre isto?

Não acreditei no que estava a “escutar”...

— Ninguém me disse ou me repassou coisa alguma... é somente o que posso deduzir dos factos, ou seja, de que somente os “amorosos” se submetem ao seu jugo. Não pode existir outra explicação. Os “atrasados”, do meu tipo, talvez não tenham a grandeza d’alma, que somente os evoluídos têm. Como sempre, você assume posição muito forte de um lado, e nós, os “atrasados”, assumimos outra, de intensidade equivalente, até porque não atinamos de que modo alguém como você pode ainda estar à frente da condução de um processo evolutivo universal. Você mal pode cuidar de si mesmo, portanto, como pode pretender julgar a, ou tomar conta de quem quer que seja? — expressei, para total surpresa do meu próprio psiquismo.

Aquele Ser, ao receber as minhas expressões, fechou os olhos — ou algo a isto semelhante —, e assim permaneceu por muitos momentos. Senti-me o “pior dos seres”, querendo que aquilo acabasse logo, e que eu mesmo deixasse de existir repentinamente, associado ao firme desejo de nunca mais tornar a “ser”. Foi uma sensação jamais sentida e profundamente inquietante, cujas

repercussões vibratórias ainda sou obrigado a administrar, na condição humana, enquanto reproduzo estas páginas.

— Você realmente não sabe, ou se sabe, não valoriza nada do que fiz... — “disse” o Senhor Javé.

— Cuidei e cuido, com o meu zelo de Pai e de Mãe, de todas as criaturas que existem na minha Criação. Dei-lhes tudo o que tenho somente pela satisfação de vê-las existir, homenageando a existência nas suas múltiplas formas. Senti e sinto o que sentem todas as mães e pais da natureza terrestre e de outras naturezas planetárias pelos seus filhos e, ainda assim, jamais consegui a expressão do amor natural da parte dos meus filhos e filhas da Terra. Dei-lhes meu código de vida, dei-lhes tudo o que tenho, e, agora, você diz-me que não posso julgar aqueles que são meus. Claro que posso, e muito mais que isto, devo julgá-los para levar a minha Obra a bom termo.

— Mesmo aqui, ó Javé, nesta condição em que me encontro, não consigo acreditar que alguém “grande” como você se permita a interagir comigo, “pequeno e insignificante” que sou, e receber de mim o que aos seus olhos é mera agressão e falta de respeito a você e a tudo que fez. Contudo, nada posso fazer, ou se posso, nem mesmo sei o que fazer em mim mesmo para que algo de diferente seja emanado da minha parte em relação a você. Peço-lhe, ó Javé, pela grandiosidade que você representa e por toda história que lhe marca a trajetória de divindade, despeça-me da sua frente e não levemos isto adiante, pois em não podendo disfarçar para você o

que sinto e penso, somente posso expressar o que me vai no íntimo, e isto não deverá terminar de modo satisfatório...

— Não, Ellam, por mais que me desagrade receber de você o que estou a receber, preciso levar este momento até ao fim... o que por mim foi determinado — explicou o Senhor Javé. — Entenda que, aqueles que me são semelhantes², nada me dizem porque as suas mentes apenas refletem o que penso e a minha vontade. Eles não podem dizer-me nada que eu já não saiba. E isto, você mesmo, na sua condição de animal humano, desde o seu novembro de 2006, já descortinou que é assim. Eles fazem o que mando, e nada mais... Enfim, estes, com quem convivo diretamente, nada podem dizer-me... se podem, não o ousam fazer por amor a mim. Os que tentaram fazê-lo, até hoje sofrem o “peso do meu poder”, porque o fizeram de modo “equivocado e criminoso”³.

Novamente, ele “fechou os olhos” e voltou a assumir a tal postura que somente me causava estranheza. Procurei perceber a atitude dos demais seres e espíritos ali presentes e pude notar que a esquisita sensação não povoava apenas o meu psiquismo.

Por alguns instantes, o meu olhar cruzou com um dos seres que o assessoravam, e a quem, sob um aspeto, já “conhecia” na minha condição humana, pois havia sido ele quem me havia ditado parte

² NAT: naquele momento o Senhor Javé estava a referir-se aos seus assessores, ministros, “anjos” e outras classes de seres que foram “clonados” a partir do seu “código de existência”.

³ NAT: o Senhor Javé aqui referiu-se ao que na Terra é chamada de “Rebelião de Lúcifer”, como também a outros problemas ocorridos em tempos imemoriais.

do livro ***“A Sétima Trombeta do Apocalipse: a Volta do Mestre”***.

Usando expressões terrenas, diria que um “frio” dominou-me a condição espiritual, pois constatei algo que pensava ter “percebido” em um dos rápidos contatos, tidos com aqueles seres, na minha condição humana: por trás da aparente frieza do olhar, havia um tom de desespero e de sofrimento, como se existisse um “outro par de olhos” naquele ser, me olhando mais profundamente. A terrível e angustiante sensação era a de que, através da sua “voz mental”, somente seria expresso, através dele, o que fosse da vontade do Senhor Javé. Contudo, havia algo, por trás daquela fachada angelical, que “tinha pensamentos próprios”, mas parecia não poder expressar-se, a não ser por meio daquele olhar.

Imediatamente, o meu modo de pensar terreno produziu uma dolorosa analogia — obviamente impossível de acontecer na atualidade do progresso espiritual pelo qual passa a Terra — de uma alma pensante, presa a um corpo de um animal da natureza terrestre, que não conseguia articular as palavras, somente podia “falar” com os olhos.

Não sei precisar quanto tempo aquilo durou nem muito menos consigo sustentar, na condição humana, a sensação daqueles instantes, para poder narrá-los de modo mais apropriado. O facto é que “senti” como se aquele ser estivesse a pedir-me para “aproveitar” aquele instante o máximo que me fosse suportável, mesmo sem compreendê-lo com a profundidade e a amplitude requerida pelos factos.

O curioso e enigmático, para a minha memória humana, até aos tempos em que escrevo estas páginas, é que, após a percepção que irrompeu no meu psiquismo, provocada pela cumplicidade energética surgida repentinamente com alguns dos seres ali presentes, nos momentos seguintes, a minha vontade foi sendo invadida por uma força que me motivava a expressar-me, perante o Senhor Javé, de um modo que nem mesmo na condição humana, em sã consciência, o faria. Algo de “coletivo” parecia “tomar conta da minha mente”, mas quanto ao modo de expressão, este parecia ser fruto do meu modo de agir enquanto humano da Terra.

CAPÍTULO 6

A Criação Problemática

Para a humanidade, sei que é muito difícil arquitetar o vislumbre de que os seres, que lhe são aparentemente superiores em condição existencial, podem errar. Fomos todos condicionados a pensar que seres do tipo “anjos”, “santos”, “avatares”, “deuses”, dentre outros epítetos, equivocadamente tidos como “superiores”, jamais erravam.

Este entendimento é resultado de um profundo equívoco comum ao modo infantil como esta humanidade expressa o seu sentimento de religiosidade. Sendo obrigado a perceber factos e efeitos decorrentes da convivência com estes seres, obrigo-me também a pensar que o tipo de religiosidade que se pratica na Terra é de todo estéril e contraproducente, imposto por factos produzidos por mentes que, de verdadeiramente religiosas em relação ao “Deus Real”, nada têm. Estas mentes parecem ser de personalidades apartadas da relação com este “Ser Supremo”, o “Deus Real” que se situa muito acima de absolutamente tudo o que se pode conhecer com os conceitos terrenos, e mesmo “divinos”, nos moldes como os humanos entendem esta expressão.

E ali estava um Ser, cercado por outros tantos, que procurava aparentar possuir um poder incomensurável, mas que, aos meus

olhos, mais parecia ser um “todo-poderoso” mais para “perdido” do que um alguém “centrado”, “sábio”, “espiritualizado” e “amoroso”. Além disto, ostentava a inveterada mania de “negociador”, apresentando muito mais um “viés demoníaco” desconcertante do que, propriamente, o de alguém digno do respeito de uma “miserável criatura humana” do “meu tipo”. Tudo aquilo era muito estranho, porém, era e é **desgraçadamente real!**

O facto é que, quanto mais aquele Ente apresentava a si mesmo como sendo o “Deus Criador” dos céus e da Terra, mais ele aparentava ser alguém imperfeito e estranho aos valores ensinados pelos mestres espirituais que nos deixaram os seus preciosos legados. Simplesmente, ele não se enquadrava em nada do que eu pudesse achar digno de respeito, quanto mais de alguma forma de veneração.

Aquela sensação me doía no íntimo, pois percebia claramente o quanto ele necessitava das “energias alheias” para se manter atuante. Esta “impressão” impôs-se à minha sensibilidade desde a primeira vez em que ele dirigiu a sua atenção para mim. Aquele Ser, fosse ele quem fosse, parecia retirar a energia de quem com ele se consorciava na troca de qualquer olhar ou conversa. Na verdade, mais tarde, pude perceber que era necessário apenas encontrar-se no “mesmo ambiente vibratório” que ele, para sentir o “roubo energético” em curso incessante. Era como se ele se fortalecesse, enquanto os demais, sem exceção, se enfraqueciam.

Sendo honesto com os factos, aquela foi a mais esquisita das sensações e era mesmo difícil manter-me com algum equilíbrio

perante aquela “coreografia demoníaca”. Refletia sobre este aspecto da questão enquanto observava o Senhor Javé, como se sentado em um “trono”, que parecia flutuar dentro de um grande campo vibratório que, às vezes, assumia a forma de uma “bolha algo desfigurada” — pelo menos, assim me parecia.

Já o havia percebido dentro daquela coisa, na minha condição terráquea, porém nunca com aquele nível de detalhes, e muito menos havia percebido que o “trono” no qual se assentava, **“parecia fazer parte da sua pessoa”**, o que me era absoluta e absurdamente estranho.

— Fale, ó humano — solicitou o Senhor Javé.

— O que devo dizer-lhe, se não sei sequer o que dizer a mim mesmo?

— O que pensam os humanos de mim? — perguntou o Senhor Javé.

— Sinceramente, não saberia dizer. Muitos, na Terra, acreditam em você, e o têm como o Deus Criador de tudo o que existe. Foram levados a pensar assim devido às insistentes demonstrações do seu poder, ou do poder dos seus “anjos” junto a homens como Moisés e Maomé e com os que lhe foram contemporâneos. Estes, penso eu, parecem ter enorme respeito e temor pela sua pessoa.

— Estes me amam e me obedecem, honram os meus desígnios — concluiu o Senhor Javé.

— Por que os outros não agem desta forma?

— É sério que você está a perguntar-me isto?

A face de Javé começou a modificar-se e foi crescendo de maneira desagradável, enquanto assumia uma forma que parecia possuir centenas de aspetos faciais, que se substituíam num ritmo indescritível. É como se a sua face mudasse de rosto centenas de dezenas de vezes, a cada segundo. Quando aquele estranho evento começou a ter lugar, os seus “anjos” começaram a inquietar-se e, novamente, vi-me a receber as vibrações de “fúria” e de “indignação” — ou seja lá o que aquilo pudesse ser — de todos aqueles seres, que vinham na minha direção.

A sensação de desfalecimento me era iminente, e somente no que penso ser o “último momento” para tal acontecer é que Javé voltava a algum tipo de padrão mais normal, no que era seguido pelos demais membros da sua assessoria, o que diminuía a pressão desagradável junto à minha sensibilidade, se é que posso expressar-me deste modo.

— Ó humano, você não sabe, realmente, não lhe é dado saber do risco que corre dirigindo-se a mim nestes moldes — alertou o Senhor Javé. — Contudo, se lhe emprestei a liberdade para comigo,

conhecendo você como eu o conheço, não lhe posso cobrar o respeito, que sei que você não possui por mim. Siga, pois.

— Apenas me é surpreendente como a sua natureza, com a sua lógica, não pode perceber como as suas atitudes, descritas na “**Bíblia**”, afastam a possibilidade de qualquer ser humano, com um mínimo de senso racional e/ou espiritualizado, aplaudir ou gostar dos seus métodos.

— Todavia, muitos me amam... você mesmo o disse... — observou o Senhor Javé.

— Ora, não lhe disse que o amavam, apesar de que penso que você tem razão. Contudo, se você é realmente aquele “Ser bíblico”, acho que podem amá-lo porque o desconhecem, pois estão envolvidos de tal forma pelo fervor devocional, a que foram condicionados, que realmente podem amar um “alguém idealizado”. Entretanto, se eles o conhecessem como me foi dado conhecê-lo, penso que o amor que demonstram sentir por você se desfaria instantaneamente, e continuariam apenas com muito medo e pavor!

Lá vinha, novamente, a esquisitíssima sensação de “agoite vibratório” na minha direção, como se querendo dobrar-me, fazendo-me mudar o meu modo de pensar e de sentir sobre aquilo tudo.

Aquela força parecia penetrar no meu ser, “agredindo” os meus arquivos memoriais, enquanto somente a muito custo conseguia manter-me “alinhado comigo mesmo”, mas sem deixar de desejar que aquilo tudo simplesmente parasse de acontecer, nem que fosse a custo do cessar da minha existência. Além do mais, deixo claro que, para a minha sensibilidade daquele momento, tudo o que me restava era “eu mesmo”, ou seja, a sensação de personalidade que tenho como ego terráqueo, o que me parecia absurdamente estranho frente às vivências espirituais já acumuladas, anteriormente.

— O que podemos pensar, ó Javé, se na Terra disto não temos notícias? Nada sabemos do que nos rodeia e isto tudo por força do isolamento que as suas ordens nos impuseram. Muitos até devem mesmo amá-lo, porém idealizando-o de uma maneira bem diferente da que você me mostra. Jamais você se apresentou aos humanos, e já começo mesmo a desconfiar o porquê, ou seja, pelo simples facto de que tal não lhe é mesmo possível. Compreendo-o, pelo menos penso que o compreendo, depois de conhecê-lo...

Contudo, nada sei sobre os seres evolutivos que pertencem às demais civilizações deste universo e que o aceitam como Pai e Criador. Não sei se eles têm o senso crítico, que nós terráqueos temos, para olhar e perceber, por exemplo, a natureza “assassina” que é comum ao padrão da biosfera terrestre, na qual todas as espécies dali matam outras para delas se alimentarem. Tudo o que me pergunto é se quando um ser vivente tem olhos para ver e enxergar o “porquê” das coisas serem como são, se em vez de “aceitação”, não poderá surgir uma atitude de inconformismo

quanto ao facto de que você, enquanto Criador, deu início a um processo de criação universal que teve um começo problemático, um curso que você não parece coordenar, e um final que depende do que as suas criaturas venham a fazer, já que você não teve tempo para finalizar e adequar a si mesmo frente às...

— Quem lhe disse que assim foi, ó humano? — interrompeu o Senhor Javé. — Quem lhe disse que não controlo a minha própria Criação? Calei-me perante o que você disse sobre as almas daqueles que, ao morrerem, desaparecem do contexto da minha Criação, e delas não mais tenho notícias, até que as vejo assumirem novos corpos, herdados de mim, renascendo para os mundos da minha Criação. Realmente, “perco de vista” alguns, inclusive você mesmo, de vez em quando, mas sempre vocês retornam para a minha Criação, e confesso que, atualmente, sei existirem outras fronteiras além das minhas, outros universos os quais, por força da minha função, não os posso aceder. Assim o disse ao meu amado Enoch, e disto você sabe... sei que sabe.

— Sim... e agradeço o seu esforço e dos seus assessores para me fazerem encontrar a tradução adequada do livro de Enoch, no qual pude perceber este aspeto da questão.

— Está enganado... e aproveite para perceber quão pouco você sabe — contestou o Senhor Javé.

— Não fui eu ou alguém entre os meus... deve ter sido aqueles, a quem você chama de “mentores espirituais”, que se esforçaram

para que você pudesse compreender o meu aceite quanto à oferta, feita por aquele a quem amamos¹, para fornecer o suporte necessário ao grande julgamento que decretei. E se dele isto aceitei, é porque sei que a minha mente não cobre a todos os aspetos que envolvem as atitudes dos humanos da Terra, desde que estes se afastaram dos meus desígnios. Preparem-se, pois, você e os demais que vivem na Terra, para o “meu grande dia”, em que todos vocês serão julgados. Contudo, digo-lhe que a minha benevolência o alcança e que você pode ficar tranquilo. Faça apenas o que sabe que quero de você.

— Não, não o farei, pena que você não o possa saber, pois isso diminuiria, em muito, as “curvas desnecessárias” em torno dos seus desígnios. Não promoverei nenhum esforço no sentido do que você me pediu, ó Javé. Não promoverei, com a “minha miséria humana”, nenhum foco de você que me pediu, ó Javé. Não promoverei, com a “minha miséria humana”, nenhum foco de religiosidade, pois penso que, na Terra, mais se precisa de escolas do que de igrejas e, mais que isto, precisamos de “espíritos desassustados”, que lhe possam descortinar os horizontes que a sua natureza ainda não consegue vislumbrar. Se somente lhe obedecermos, no campo das suas limitações, o seu progresso jamais virá. Não se iluda, ó Javé. É facto que você decretou o nosso julgamento, mas penso que quem está a ser julgado, nestes dias, somente pode ser você mesmo, já que o que somos na Terra, em parte, é obra de sua autoria, não nossa. Já nascemos para as circunstâncias que o seu “jogo cósmico de dados” gerou, e tudo o que podemos fazer é

¹ NAT: Javé referia-se ao ser que, no seu modo superior de existência, sempre o ajudou, a quem na Terra conhecemos como Jesus.

equilibrarmos num fio de vida que, durante um tempo, nos é dado ter.

— Se é verdade que foi você quem realmente criou este universo, não se aparte da sua responsabilidade, pois deverá existir um tempo em que a função do que você fez terá que ser medida, e o sofrimento que você impôs a tantos será o “contrapeso na balança divina” e não no tipo de justiça que você afirma possuir com os seus desígnios.

— Ó humano, como é duro escutá-lo, como é penoso receber de você tantas injustiças, como é insuportável para mim e para os meus sermos tidos como agentes do caos, quando somos nós que a tudo controlamos — contestou o Senhor Javé. — Quando é que você compreenderá que está errado?

— Por que vocês não me deixam em paz, no meu lugar, equivocado como sempre estive? Quisera eu jamais ter que pensar sobre isto, conviver com vocês, estar aqui a enfrentar esta situação que não tenho como compreender, a não ser como um grande equívoco ou pesadelo interminável. Na Terra, preocupo-me em não ferir uma formiga e, aqui, sou obrigado a dizer coisas que não quero, as quais obviamente não sei se estão corretas. Então, por que isto não acaba? Digo mais: existem muitos na Terra que sequer admitem que alguém como você possa existir, com este “grau de esquisitice” pessoal. Eu mesmo era um deles, até que você usou, sabe-se lá o quê, para fazer com que as naves e os seus ocupantes me impressionassem, desde o ano de 1999 até o de 2006, de modo a convencerem-me a cumprir o “que estava escrito”. Ora, quanta

vergonha, ó Javé, deveria sentir alguém que se tenha como digno ou decente, para subordinar, desta forma, as suas estratégias aos fins pretendidos! Sente alguma coisa neste campo, ó Javé, ao mandar Abraão matar o filho, ao enganar os desavisados e ao testar os “escolhidos”? Ora, convenhamos, Javé, dê-se ao respeito, para ser respeitado!

— Eu preciso... compreender como pensam os humanos da Terra — expressou o Senhor Javé.

— Preciso mesmo absorver estes parâmetros... mais à frente, você compreenderá. Contudo, é muito duro escutar os seus comentários, que não reafirmam o que eu sempre pensei... Você diz que eu fui “engolido”, “tragado” pela Obra que foi gerada da minha mente. Parece que você tem razão e, desde a primeira vez que escutei isto, vindo da sua parte, não posso mais pensar em outra coisa...

— Todavia, não fui eu o primeiro a dizer isto...

— Do modo como você diz e explica, sim, você é o primeiro, até porque o avanço do progresso terráqueo, hoje, permite a um dos humanos da Terra reunir, na sua expressão pessoal, o que antes não era possível — observou o Senhor Javé. — E isto é doloroso para mim, pois não tenho como refutar certas afirmações que você tem feito, na medida em que descreve o que lhe mostro.

Por alguns momentos, o que na Terra entendemos como sendo o silêncio, ali fez-se presente de uma forma incômoda, pelo “tom da sua profundidade”. O que estava a ocorrer, naquela ocasião, parecia ser um evento único, jamais vislumbrado desde o início dos tempos deste universo — pelo menos foi esta a impressão que senti e que, após o final do encontro, alguns mentores espirituais ratificaram.

Parecia, efetivamente, ser um momento único para Javé, que continuou a expressar-se como se “falando para si mesmo”:

— Criei uma dimensão de mim mesmo e nela me “projetei” para, do seu âmbito interno, dela cuidar. Ao me ver inserido na Obra, desconfiei que não me seria possível levá-la a bom termo. Passei a aplicar o rumo do que me era possível. Fui apreendendo, de tudo o que fazia, um pouco ou tudo do que estava feito em mim mesmo. A cada espécie de filhos que surgia, para mim, era uma nova assimilação, um redimensionamento, uma nova face. Fiz-me em muitos, e de todos recebi as contrapartes por eles trabalhadas, mas que não me alterava sobremaneira. Assim foi, até que os seres biológicos surgiram a partir do meu código de vida, lançado neste universo material. Cada natureza e face que surgiam com as experiências, mais eu me tornava múltiplo e multifacetado, e sempre usando da minha força para ser um só. Nunca, porém, uma raça me assustou tanto quanto a que vi surgir na Terra, que está para além do meu poder de compreensão, e este é meu dilema enquanto Criador: todas as raças e espécies que de mim surgiram, compreendo-as e absorvo-as todas, à exceção dos humanos que surgiram na Terra, ainda que edificadas a partir do meu código de

vida. A muito custo, fui compreendendo que “outras forças” haviam atuado neste processo sem que disto eu tivesse consciência, o que implica fraqueza do meu comando, e isto desequilibra a minha natureza, o confesso. Os meus “anjos” não me podem compreender, nenhuma outra espécie que criei e conheço pode, e muito me assustou perceber, e aos que me são próximos, que vocês terráqueos podem... e você parece ser a prova viva disto, com tudo o que tem escrito e falado a meu respeito e do que fiz e faço.

CAPÍTULO 7

A Doença de um Ser Criador

A assembleia permanecia perplexa, porém não exatamente pelo conjunto de informações ofertadas pelo Senhor Javé. Pelo que desconfio, acho que alguns poucos dos presentes detinham, se não todo o conhecimento oculto, mas parte dele, sobre a misteriosa história deste universo e do seu Criador. O inusitado era o Senhor Javé, de modo espontâneo, pela primeira vez no decurso de toda uma história dramática e desconhecida para os terráqueos, expressar a sua visão dos factos e os seus posicionamentos.

Segundo o que, posteriormente, me informaram, aquilo jamais havia acontecido ao longo dos bilhões de anos da sua Criação.

— Em todas as tradições espirituais pertinentes a este universo, ó Senhor Javé, é dito que você agiu com pureza, pretendendo homenagear ao Pai de todos nós. Você sabe que tem o meu respeito...

— Não... não sei... — “disse” o Senhor Javé.

— Julgam-me, você e outros tantos, um Deus Criador desalinhado e destituído de padrões morais, assim conceituados na

Terra, portanto, não me expresse que me respeita, pois não percebo isto em você.

— No entanto, o respeito, à minha maneira, apenas não compreendo em você o que penso ser algo que, na Terra, chamamos de “transtorno de personalidade”... ou se compreendo, tenho enorme dificuldade em aceitar que exista, em você, “doença deste tipo”. E, para ser honesto, devo dizer mais: o nome de “Deus”, em você, é absurdamente inadequado! Faz parte da sua “doença”. Esta expressão, você deveria envergonhar-se de utilizá-la...

— Isto não é “doença”, ó humano — protestou o Senhor Javé.

— Isto é parte do que sou e da minha personalidade. O que você chama de “transtorno de personalidade” é apenas o modo como ajo e reajo, e sei serem incompreensíveis, para a ótica dos terráqueos, as minhas razões. Sou “Deus”, sim, um Deus Criador, pois tudo e todos surgiram de mim. Vocês todos necessitam de um “Deus”, e é honesto que seja eu este “Deus”, pois fui o Criador dos céus e da Terra, de você, de todos aqui presentes e de tudo mais. Queira você ou não, esta sua personalidade é “filha” do meu código de vida, o seu corpo terreno é o meu instrumento, o planeta em que você vive é criação minha, com os meus elementos, e tudo que nele existe é meu. Sou “Deus”, portanto! Quem é você para me dizer que não sou “Deus”?

— Ninguém. Afortunadamente, não sou ninguém para lhe dizer isto e, novamente, reafirmo: por mim, eu sequer existiria, pois não faço questão disto! Se ainda assim, há uma “força maior” que faz com que eu exista, seja esta força algo que você desconhece, ou mesmo supondo que ela lhe pertença, aqui estou sem querer existir e, portanto, livre para agir como eu quero, sendo honesto com a minha quota de informação pessoal, até hoje reunida como “bagagem espiritual”. Firmado nesta posição é que lhe reitero: na minha opinião você é uma espécie de “cientista amalucado” que não se dá ao respeito, e se a isto quer chamar de “Deus”, esta responsabilidade é sua. Um dia terá que prestar contas disto.

Digo-lhe mais: na Terra, e espero que em outros quadrantes deste universo, o “transtorno de personalidade” é considerado uma doença, na medida em que os seres portadores de tal tendência comportamental costumam, sem que o percebam, subordinar as estratégias aos fins, o que, convenhamos, não compõe os bons panoramas da moral, que é o “fermento” da coexistência amorosa...

— Isto é o que você consegue pensar e perceber, ó humano... — interrompeu o Senhor Javé.

— Isto lhe serve, mas não a mim... é desnecessário, e eu não posso “pousar de bondoso” se tenho que exercer a mais férrea das disciplinas com famílias planetárias e dimensionais que se afastaram dos meus ditames e do destino que para elas aponte, já que isto implica o destino final das coisas do meu universo. A minha força reside no poder que tenho para gerir as correntes que compõem este universo e as suas adjacências. Tudo sou eu, tudo é

meu, posto que matéria e energia que fluíram... que passaram a existir, tudo foi por força da minha vontade. Humano, compreenda, se quiser e puder, que sou eu aquele que cuida em manter a funcionar a vida e os destinos de partículas, de átomos, de moléculas, de planetas, de naturezas, de seres, enfim, de tudo o que existe, e pouco você sabe sobre isto. Você reclama que subordino as estratégias aos fins e que isto não é conveniente a um “Deus”... Administro um universo e as suas periferias mentais e regiões guardadoras de espíritos problemáticos, e não as “suas conveniências” e de mais alguns “orgulhosos” da Terra.

— Jamais estive preocupado com as minhas conveniências na condição humana, seja nesta ou em outras vidas mais recentes, e você o sabe. Não é disto que estou...

— É disto sim... — interrompeu, novamente, o Senhor Javé.

— Não posso subordinar toda uma ordem de problemas, que envolvem muitas civilizações e falsos deuses de mundos, às conveniências da moral terrena, ainda que ensinada por mestres a quem admiro e sou grato.

— Senhor Javé... eu, que sou um “verme”, prefiro perder a ganhar de qualquer modo... prefiro ser agredido a ter que ser eu o agressor...

— Já lhe expressei que estas belas atitudes servem a vocês, no processo de educação terráquea, mas não me serve, e disto não

cuido, já que a minha natureza pessoal está além de todas estas questões — tentou justificar o Senhor Javé.

— As leis morais advindas do amor do Pai Supremo servem para todos nós, Senhor Javé. Você, nem ninguém, pode ser exceção aos padrões que norteiam a coexistência universal... Na medida em que age demonstrando a ausência de sentimentos morais, impondo sempre a condição do mais forte sobre o mais fraco, percebo, claramente, a sua genética em tudo o que há na natureza terrena. Contudo, o padrão evolutivo que nos foi e é ofertado continuamente por “Emissários do Alto” — das regiões espirituais que se situam para além das fronteiras do universo por você criado — esforça-se por nos motivar a agirmos como seres minimamente calcados na “elegância moral” e no respeito ao próximo.

O que você chama de “administrar toda esta gama de problemas dramáticos”, que terminou por ser o seu “quotidiano” neste universo, aos meus olhos, muitas das suas atitudes neste “mister” parecem ser simplesmente pura perversidade, o que situo além daquilo que classifico como maldade, e sei que você não é mau...

— Antes que isto termine, você ainda me apontará como sendo o responsável pelo surgimento do mal e, assim, a teodiceia terrena¹ estaria explicada — ironizou o Senhor Javé.

¹ NAT: — na obra “Ensaio de Teodiceia”, do filósofo alemão Leibniz, argumentos procuram justificar a existência, a bondade e a perfeição de Deus, mesmo com a presença do mal no mundo.

— Não saberia dizer, ó Senhor Javé, mas se o que chamamos de “mal” tiver surgido como subproduto da criação deste universo, cabe a todos nós, inclusive a você, combatê-lo com o bem que pudermos produzir, e não com disciplina férrea, que somente gera desespero, sofrimento, ignomínia e intolerância. Penso, sinceramente, que o modo como você age é o que lhe é mais fácil, pois você não procura evoluir...

— Oh não! Humano... não me compare a você... — protestou o Senhor Javé.

— Eu sou o que sou... Eu sou aquele que é o que é... Eu não me modifico, não mudo... O que você é hoje, veio de mim...

—Não creio que seja, ó Senhor Javé, e o expresso com todo respeito. Você modifica-se, sim. Não é mais o mesmo desde o seu primeiro momento como habitante da sua própria Criação. Está aqui, a falar connosco. Antes, acho que isto lhe era impensável, pois o contraditório o incomoda. O corpo humano que o meu espírito utiliza, e que goza, agora, do sono reparador enquanto aqui estou, aquele corpo, sim, veio de você, como tudo o mais que existe neste universo. Porém, aquele corpo, apesar de se modificar e mesmo evoluir na sua engrenagem celular, por ser transitório, não responde pela verdadeira evolução já que esta pertence à natureza dos nossos espíritos, estes com os quais, aqui, todos nós travestidos com a forma perispiritual que mais nos marca a consciência eterna, nos apresentamos perante você e os seus, que lhe são semelhantes. Nós evoluímos sob a perspectiva do padrão amoroso e da conduta moral. Sinto-me perplexo em agora perceber

o que já desconfiava: você, por ser o que é desde que este universo foi criado, não pôde evoluir ou modificar os seus padrões de conduta por força das marcas energéticas presentes no seu espírito, devido ao mergulho problemático que a sua condição de consciência plena de Deus Criador se obrigou a fazer após o surgimento da sua Criação. Aqueles que você criou a partir de si mesmo, para o ajudarem na governabilidade universal, em sendo iguais a você, ou seja, em tendo o mesmo tipo de forma corporal que você, são o que são, padecem e gozam dos mesmos problemas e dos mesmos poderes, só que em intensidade menor, se comparados a você. Por isto, também, não podem modificar-se. É esta a “leitura” que faço... Ela está próxima da sua verdade, ó Senhor Javé?

— Sim... para uma mente subordinada aos padrões humanos terráqueos, você me surpreende — respondeu o Senhor Javé.

— Decidi aqui vir ter consigo e com os demais obedecendo às instâncias destas “últimas horas” da Terra, antes da sua “reintegração” e do “meu grande dia”. Era e é a minha determinação que seja você, na ausência de outro que me obedeça, a esclarecer para os demais humanos, que são filhos e filhas da minha vontade, a quem amo a meu modo, apesar de ser tido, e agora o sei mais ainda, como “espécie de monstro”, na função de “Deus”. Contudo, não era a minha expectativa ser “admoestado” por você e, o que me surpreende, é ter sido eu mesmo a provocá-lo e a contribuir para que isto assim ocorresse. Como pode ver, não sou eu um “Deus” de todos os fluxos e correntes produzidos pelas “vontades” dos meus filhos e filhas. Sou aquele que a tudo criou e mantém e, portanto, administro e julgo as atitudes, disponho e

retiro de modo justo o que é da minha prerrogativa dispor sobre a vida do meu universo. Entretanto, realmente, muito ainda precisa ser feito para que cheguemos a bom termo. Expresso-me agora com uma feição que você desconhece... e mesmo os que me estão próximos da administração deste universo também não o logram conhecer: preciso do seu concurso e do de muitos humanos terrestres para que possamos construir a condição necessária que permita que, da Terra, muitos homens e mulheres, que ali existem, possam habilitar-se de modo a prestarem ajuda a outras tantas famílias universais.

Daqui a alguns poucos séculos, se tudo sair conforme o que esperamos, eu, o seu Mestre Jesus e outros que são “espécies de pastores perante o rebanho terreno”, convidaremos famílias de terráqueos a deslocarem-se para outros mundos, dentro do intercâmbio que marca as civilizações já libertas daquilo que chamais de maldade e desagregação. Por isto, preciso de você para que explique aos meus filhos e filhas da Terra quem eu sou, como sou e o que represento. Para tanto, exagere e equivoque-se para pior nos panoramas que simbolizarão as múltiplas faces que me compõem, pois o amor que sinto por todos me basta, e não desejo, nem muito menos espero, ser amado pelos terráqueos nestas circunstâncias em que exerço a função de “Deus” deste universo. Preciso ser conhecido na Terra para que outros grupos de seres, com pretensão à dominação de mundos, percebam que a família terráquea está alinhada comigo e com os meus prepostos. Para tanto, preciso ser respeitado e mesmo temido, posto que, na Terra, existem ainda muitos que somente a minha disciplina férrea os podem ajustar. Para estes, a boa moral e o amor de Jesus e de

outros mestres de nada servem. Sirvo-me eu disto para que a minha disciplina possa servir ao progresso desses recalcitrantes.

A perplexidade, presente no meu psiquismo, variava, então, entre a surpresa e a apreensão pelo conjunto do que “um lado de Javé”, pouco observado, acabara de expressar. A personalidade daquele Ser apresentava muitas variações. Segundo o que, pouco a pouco fui percebendo, e que, mais tarde, seria confirmado pelos mentores espirituais, quando ele estava acompanhado somente do seu “séquito angelical”, ele parecia uma espécie de “abelha-rainha” com a sua “colmeia esvoaçante” de seres que somente existiam tendo-o como epicentro de todo aquele contexto. Contudo, quando ele se aproximava da Terra, e procurava perceber e/ou dar ordens a algum terráqueo, ele ia humanizando-se, ainda que no seu modesto padrão, se considerarmos a ausência de valores e de senso filosófico da sua parte.

Mal podia imaginar o tipo de envolvimento que estava a ser construído na convivência que me era forçada, sem que disto ele soubesse, ou mesmo a minha condição humana pudesse perceber, mas que, conforme sempre desconfiei, alguns “anjos-clones”, à sua volta, pareciam saber o que se passava.

CAPÍTULO 8

O Mais Estranho dos Efeitos

Estava ainda a acostumar-me à maneira razoavelmente agradável como a “conversa” havia acabado.

Pensei que o encontro tinha chegado ao fim.

Permaneci em estado de espera enquanto voltei a minha atenção para a “trupe” de seres em volta do Senhor Javé.

“*Isto não pode ser real!*”, pensei, e uma das sensações que me ocupava o psiquismo, desde o início daquele contato, era a de que aquilo ia acabar a qualquer momento, como se fosse um “sonho que não tem fim”, do qual você deseja sair e não consegue.

Enquanto reinava o silêncio e Javé parecia mentalmente envolvido com outra coisa ou situação que não me era possível descortinar, continuei a observar o inusitado contexto à minha frente.

Percebia, nitidamente, três situações distintas a respeito de Javé e os seus “anjos”: (1) quando Javé estava plenamente sintonizado com eles, eles enchiam-se de uma “aura meio esbranquiçada” e,

então, se Javé olhava para baixo, eles também o faziam, quando ele olhava para alguém, eles automaticamente também o faziam, e quando Javé se enfurecia comigo, quase todos eles também pareciam enfurecer-se; (2) às vezes, ainda que com a aura menos potente, mas ainda envolvendo-os, eles pareciam adquirir uma certa independência no olhar e nas mínimas atitudes, e nessas horas, eles começavam a mostrar-se como seres entidades, e não como robôs; (3) quando Javé se entristecia comigo ou sozinho, esta postura parecia criar uma relativa independência para eles. Era como se a “fraqueza” momentânea da potente força mental dele “afrouxasse” o controle e, num certo momento, percebi que dois deles comunicavam-se enquanto Javé permanecia meio entorpecido.

Aquilo tudo era muito estranho para os meus padrões terrenos e mesmo espirituais. De vez em quando, uma sensação de um cansaço crescente dominava-me a ponto de pensar que eu sucumbiria àquela situação. Estranhamente, algo em mim se refazia, e lá seguia eu, vivenciando aquelas circunstâncias, alternando-me como “alguém que não acreditava estar ali” e “alguém que não aceitava estar ali”, enfim, “alguém que não acreditava que aquilo poderia acabar bem”, pelo menos para o meu lado. Não sei precisar o tempo, pois a sensação da sua passagem, quando na presença daqueles seres, parecia não existir, o que era outro aspeto extremamente inquietante que eu, ali, sentia. O facto é que, em dado momento, todos aqueles seres pareciam voltar à postura, que penso, lhes parecia a mais peculiar, que era a de um Javé desperto, plenamente atuante naquele contexto, e os seus assessores como que robotizados.

O Senhor Javé que ali ressurgiu, para a continuidade — que eu pensei ser a finalização — daquele encontro, parecia ter muito pouco a ver com o que eu acabara de trocar impressões. Na aparência, era o mesmo, mas era somente neste aspeto.

— Ó humano! — chamou o Senhor Javé.

— Não pense que aceito o que me diz. Você está errado, terrivelmente errado, como sempre está. Eu sou o princípio e o fim de tudo o que existe, sou o seu princípio, sou eu quem vive em você e em todas as minhas criaturas terráqueas, e serei eu a determinar o curso de tudo o que vai ainda acontecer. Não se iluda!

Permaneci em silêncio, tentando refazer-me do susto, pois havia pensado, equivocadamente, que algo “estava evoluindo” naquela história, porém ali estava, impávida, aquela figura incompreensível, a provocar-me e a açoitar-me vibratoriamente.

— Não diz nada? — perguntou o Senhor Javé.

Respirei fundo, enquanto me encantava com os efeitos que a respiração produzia, especialmente naquela circunstância. Olhei fixamente para Javé, o que sempre evitei fazer, pois sentia-me mal somente em passar a vista por ele. E começou, naquele momento, uma conversa que jamais vislumbrei, e da qual, até hoje, me recordo com profundo desalento e compaixão.

— Vou fazer uma pergunta bem objetiva: você lembra-se do que acabou de falar?

— Claro que sim — respondeu o Senhor Javé. — O que quer com isto?

— Poderia repetir o que me disse há pouco?

— Já lhe disse que sim — respondeu, novamente, o Senhor Javé.

— Faça-o, pois.

—...

—Repete, ó Javé, o que me disse.

—...

—Não o farei! — irritou-se o Senhor Javé.

Neste ponto da conversa, Javé vibrava com tamanha fúria na minha direção que os seus “anjos” mais pareciam, agora, uma só corrente à minha volta, enquanto fixavam os seus olhares em mim.

— Não o fará porque isto não lhe é possível.

— Claro que me é possível — insistiu o Senhor Javé.

— Faça-o, pois, novamente.

—...

— Respeite-me, ó humano! — alertou o Senhor Javé.

— Não, não o respeito, não deste modo, e “pago o preço” por isto, pois você não merece o meu respeito, somente a minha compaixão. Você não o faz porque não lhe é possível. Você está “doente”, ó Javé, e “muito doente”. Ou, então, a sua natureza não lhe serve. Precisa criar outra. Esta, que você apresenta, não funciona. A sua mente não tem sequência lógica, e você é um alguém destituído de valores. Não tem como eu falar consigo. Eu sou miserável, mas não sei qualificar o que você é!

Todavia, não sou igual a você, nenhum ser terráqueo é igual a você. Nós podemos ser moralmente corruptos, porém, alguns de nós ainda ostentam alguma vergonha no caráter. Você não apresenta nada neste sentido. Na verdade, nem percebo o seu caráter. A sua mente parece funcionar para algumas coisas, mas, claramente, a sua personalidade não sabe conviver com o contraditório. É como se o seu psiquismo não tivesse uma linha mestra de conduta lógica para com a liberdade mental de quem conversa consigo. Você está só, ó Javé, ainda que rodeado por miríades de “anjos” que o servem, está só. Não tem amigos, nem amor-próprio. Não conhece a honra pessoal, nem muito menos a vergonha pelos desacertos. Lamento por você e por todos nós.

Deixe-me ir embora ou me destrua. Acabe com isto... este encontro não nos levará a lugar nenhum.

— Continue, ó humano! — solicitou o Senhor Javé.

Eu não acreditei no que acabara de ouvir. Quando ele disse aquilo, os tais “anjos” voltaram a desconcentrar-se em relação à figura de Javé, ligaram, sei lá o quê, em torno da pessoa do Criador, sentado naquele “trono”, enquanto permaneciam agora, claramente, numa atitude de “expetativa tranquila” em relação ao que eu poderia expressar perante o renovado convite de Javé para que eu continuasse. E foi o que fiz.

— Por que você está sentado o tempo todo?

Instantaneamente, é como se a pergunta que fiz tivesse estragado “todo o clima” que acabei de descrever, no que se refere a uma atitude grupal mais calma em relação à minha pessoa. De modo estranho, o Senhor Javé fez um movimento com a sua cabeça, ordenando a que todos os seus assessores permanecessem como estavam. Fiquei surpreso, mas continuei:

— Ponha-se de pé, ó Javé. Mostre-me que esta sua forma não está “doente”, no sentido do que agora expresso. Levante-se, ó Javé. Prove-me que estou enganado!

— Você não colocará o Senhor seu “Deus” à prova! — argumentou o Senhor Javé.

— Você não é o meu “Deus”! Sinto pena de você, de mim e de todos nós pelo que estamos, aqui, a presenciar. Levante-se, ó Javé!

Ele não se levantou, e aquele foi o pior momento, até então, vivido por todos os que ali estavam.

CAPÍTULO 9

Desencontro Intelectual

O constrangimento era geral!

Novamente, os assessores do Criador voltaram-se na minha direção, apesar de que, estranhamente, não senti o peso da “pancada vibratória”, como em outros momentos. Parece mesmo que, no instante em que pensei ter provocado o mais desagradável momento, dos muitos por mim ali produzidos, eles estavam também como que “estupefatos”, se é que posso associar aquele acontecimento com este termo.

O Senhor Javé havia-se retraído, havia mesmo se contorcido, enquanto fixava o foco da sua atenção em algo que estava acoplado ao “trono”, no qual se assentava. Depois de um certo tempo, tornou a olhar para mim e esboçou algo que, longinquamente, se parecia com um sorriso.

— Continue, ó humano! — instigou o Senhor Javé.

— De modo estranho, tenho que o reconhecer, dá-me uma certa dose de satisfação escutá-lo, mesmo ainda quando você me agride ou me desconforta com as suas opiniões descabidas e influenciadas

pelos meus “traidores”. Entretanto, independentemente de tudo o mais, você parece ser o único, no âmbito da minha Criação, a conseguir dizer-me estas coisas sem endereçar-me vibrações de ódio. Não compreendo como, depois de tudo o que já aconteceu na minha Criação, agora, aí está você a dizer-me coisas que jamais escutei. De facto, a minha mente não sabe conviver com estes eventos..., mas continue, diga-me o que quiser enquanto ainda lhe suporto e me suporto em permanecer diante de você.

— É melhor pararmos...

— Sou eu quem define... — alertou o Senhor Javé.

— Por que você está sempre sentado nesse “trono”, ó Javé?

De novo a sensação estranha, como se o ar, naquele ambiente, congelasse a atenção de todos nós em Javé devido ao modo como ele “parava” a si mesmo, como se fosse uma estátua, para logo depois voltar a “movimentar-se normalmente”, sempre no âmbito do seu “trono”. Não sei se ele pensou que eu mudaria de assunto, sinceramente não sei. Após alguns instantes, o ambiente e todos ali parecem ter-se “descongelado” e o Criador voltou a expressar-se, só que de modo ainda mais lento.

— Precisei e preciso da contribuição de algumas classes das minhas criaturas para dar bom termo à expansão deste universo, das outras “moradas” da minha Criação, e ao encaminhamento de

todos os que, nessas realidades, estão inseridos — “disse” o Senhor Javé.

— No caso da Terra, os seus habitantes distanciaram-se dos meus ensinamentos... daqui comando a tudo e a todos...

— Senhor Javé, o que chamo de “trono”, na verdade, parece fazer parte de você, da sua pessoa, desta forma com a qual parece que você se tem apresentado ao longo destes últimos milhões de anos, desde que a “forma humanoide” foi, inconscientemente, sendo escolhida por você, como a “influência do momento”. Não será isto, ó Javé?

Por algum tempo, tudo ficou como que “congelado”, novamente.

— Já disse e o reafirmo: eu sou aquele que é! — retrucou o Senhor Javé.

— Como sou, isto não tem importância. O que sou, sim, e por isto precisa ser ressaltado que sou o Criador de tudo e de todos, sou Pai e a garantia de que os viventes terão o tempo universal necessário à construção dos meus desígnios para cada criatura, como também para o coletivo dos que de mim e por mim foram gerados.

— Sabe que você assimila o padrão de cada espécie que se forma na sua Criação, não é assim mesmo?

— Sim, e disto sempre expressei ao afirmar que vivo em todos os que criei e sei que deles recebo o que neles semeei, daí a minha contrariedade com a liberdade mental das criaturas que me pertencem e que fazem parte do que eu sou — respondeu o Senhor Javé.

— Você sabe que esta forma, com a qual agora se apresenta, é uma associação de muitos corpos de espécies geradas a partir do seu DNA — como chamamos na Terra — e mais ainda alguns complementos tecnológicos que parecem ter sido construídos por você e a sua assessoria, para fins que desconheço. Aos meus olhos, é como se a sua pessoa fosse a somatória de todos estes elementos. Será isto mesmo, ó Javé? Ainda mais, observando o zelo dos seus “anjos” para com esta sua forma de expressão, posso pensar que esta sua presente forma, já algo humanizada, tem a ver com a assimilação que você teima em fazer do nosso modo de pensar e de sentir a vida. Isto está correto? Uma coisa lhe digo, ó Javé, por mais miserável que possa ser o modo como se vive na Terra, e isto deve ter a participação dos seus desígnios, é bem mais estimulante do que o que me é dado observar no seu psiquismo e dos seus “anjos”. Pergunto-me se existe amizade entre você e os seus!

— Pense o que quiser, ó humano, mas se os seus olhos não enxergarem, não sei mais ao certo se algum dentre os meus o poderá fazer com as características com que você o faz — comentou o Senhor Javé.

— Devo dizer que, às vezes, tenho a impressão de que ando me enxergando através do modo como os olhos humanos me veem.

Quando oram para mim, sinto o que usualmente tenho sentido desde que me fiz, quando recebo a veneração dos meus “filhos da minha primeira hora criativa”.

Contudo, isto não me tem bastado! De novo, você vem com esta história de amizade... Já lhe disse, particularmente, que nada sei sobre o que você chama de amizade. Isto é coisa humana. Todavia, tenho mais que isto dos meus filhos que me são fiéis e que me estão mais próximos.

— Refere-se aos seus “anjos”?

— Sim, são eles que me foram sempre leais, com os quais caminhei até este momento — confirmou o Senhor Javé.

— Os que se rebelaram, transformei-os em seres desincorporados¹ e, somente há algum tempo, com eles interajo porque sou magnânimo para com os seus equívocos e porque herdaram, também, muitos aspetos da minha imortalidade. Esses já não me endereçam a mesma veneração que os “anjos”. Somente de algumas estirpes, dentre eles, recebo algo que me apraz. Entretanto, tudo piorou com a classe de evolutivos biológicos à qual pertencem os terráqueos. Destes, os que me veneram, deles recebo o que me apraz.

¹ NAT: Javé refere-se aos seres demos.

De você e de outros, o quadro do que recebo me é muito complexo. Desperta em mim toda a fúria e contrariedade, porém, devo reconhecer, nos últimos tempos, o “tempero das estranhas posturas mentais” de alguns dos terráqueos em relação a mim tem-me afetado de um modo que eu ainda estou por definir se permito ou não. Tenho o usado como o principal teste da minha capacidade de suportar os desconfortos que o comportamento terráqueo me causa. Aqui estou por causa disto! Compreenda: a minha forma é a que eu quero, e sempre procuro nela aglutinar tudo o que de interessante coleciono como sendo o retorno do meu investimento. Sei que, para os terráqueos, alguns dos meus panoramas pessoais podem parecer estranhos, mas é que vocês são somente uma pequena parte de tudo o que sou.

— Pelo que pude deduzir, os terráqueos são a geração mais nova de todas as que aconteceram na sua Criação. Não é assim mesmo?

— Sim, os humanos atuais da Terra formam o que de mais novo existe em todas as “moradas” que compõem a minha Obra — confirmou o Senhor Javé.

— Nós fomos criados, obedecendo a algum planeamento, ou fomos produto do acaso cósmico?

— Ah! Finalmente algo que me agrada abordar — observou o Senhor Javé.

— Vocês formam o sonho mais antigo na minha mente, e foi esse o projeto mais acalentado pelo meu zelo de Pai. Contudo, fui “traído” pelos meus pares em criação, deixei-me ser enganado por estratégias de outros, e o produto que saiu não foi o que desejei, mas tenho tentado assenhorar-me do fluxo progressista da espécie a que você pertence, porém, falta-me ainda o modo para concluir esta etapa. Tenho-o por “cobaia” exatamente para entender esta questão e arquitetar a minha postura. Entretanto, por que você me fez esta pergunta? Não é bem esta a sua característica...

— Para saber do grau da sua responsabilidade sobre o ônus evolutivo de uma espécie que foi criada “doente”, mas ordenada a ser “santa”...

— Este assunto... agora não — decidiu o Senhor Javé.

— Preciso, primeiro, voltar a ajustar alguns termos relativos a isto com os que me “traíram” em relação à espécie humana, para que eu defina os novos desígnios para todos. Quando marquei o “Juízo de todos os viventes”, em relação ao que se passa na Terra, outros eram os meus elementos... O meu enviado² sequer havia vindo. Tenho que impor novos limites à ação de quem pretende interferir, pois cobrarei todos os “pecados”, e você mesmo deverá prestar-me contas e também todos os da Terra...

² NAT: — Javé refere-se a Jesus.

— Perdoe-me interrompê-lo, mas a responsabilidade moral é sua, ó Senhor Javé; não é minha nem de ninguém, até porque nós todos já estamos a administrar o fardo dos aspetos cármicos da existência. Ninguém precisa de “julgamento”, pois o sofrimento por lá já se concentra em doses insuportáveis. Se alguém precisa ser avaliado sobre o que fez, penso que este alguém é você. Você é quem terá que prestar contas do que fez na função de “Deus” desta Criação, autoassumida por você.

Este problema não é meu e de mais nenhum outro dos que existem sob a sua “tirania”; é, na verdade, somente seu. Diante da Deidade, você terá que se autossustentar na lógica das suas razões por alardear sempre que você é “Deus” e, por causa disto, você dá a quem você quer e retira de quem você bem entende.

— Nada lhe pedi, nada espero de você, nada quero, apesar de que, de você, tudo que vier associado ao bem e ao belo, muito me será útil e agradável, o que agradecerei penhorado — continuei.

Contudo, se você só dá para receber a submissão incondicional, peço-lhe todos os perdões que puder lhe pedir, mas de mim nada espere neste sentido. Pelo contrário, ponho-me no seu colo por um simples sorriso amoroso vindo da sua alma. Entretanto, se o que você quer, somente o pretende por meio da imposição, penso que de mim você terá a minha submissão apenas no limite das minhas fraquezas e fragilidades, já que sou imperfeito. Todavia, em sã consciência e repousando na paz que há em mim, vinda do “**Verdadeiro Pai**”, estimo que você nada terá.

— O que perco com esta atitude? — continuei a minha explanação. Provavelmente, muita coisa... O que ganha você com isto? Sinceramente, não sei... Espero que você saiba. O que me é espantoso é alguém do “meu tamanho” dizer isto a você... Talvez, qualquer um, dentre os que aqui estão, poderia expressar-se, com a necessária autoridade moral, sobre esta questão. Entretanto, eu...

Tudo ficou como que congelado, nem eu mesmo sei como a conversa desandou tão de repente.

Olhei à minha volta e percebi todos de cabeças abaixadas, como se estivessem orando ou, simplesmente, porque não sabiam para onde dirigir a atenção. Cravei, também, o meu olhar no ponto em que parecia ter início o “campo energético” no qual se situava o Senhor Javé. Olhei para aquele ponto porque não sabia mesmo o que fazer.

Não sei por “quanto tempo” aquela situação prevaleceu. Tudo o que me recordo é que ao sentir movimentação no ambiente, tornei a levantar a vista, na direção do Criador, para escutar a coisa mais surpreendente de tantas que ali presenciei.

— Você realmente não me ama! — lamentou-se o Senhor Javé.

— É parte de mim, mas não me tem apreço. Quantos existem na Terra que um dia serão como você, depois de me conhecerem como você agora o faz?

—Você ama alguém, ó Javé? A quem você ama? Se sente amor, que tipo de amor é esse, o seu?

— Chegámos a um impasse, ó humano, mas reconheço que fui eu que conduzi para que assim fosse — concluiu o Senhor Javé.

— Terei que parar... Terei que interromper este “encontro”, expressando-me melhor para você e todos os que aqui estão. Os que me acompanham rogam por um momento comigo, fora deste ambiente. Tornaremos a encontrar-nos, pois muito amo vocês!

Para minha surpresa, o Criador voltou os seus olhos como se observasse a todos os presentes e, repentinamente, o campo de energia continuava lá, mas sem demonstrar qualquer presença no seu interior.

Acostumado ao encerramento das coisas no “modo humano” ou à moda espiritual, ali permaneci tentando “achar normal” aquilo tudo. Tudo o que me recordo daqueles últimos instantes, do que ali vivi, foi que o Velho Mestre de Zion abraçou-me sorrindo e, ali mesmo, a “memória” do que pude trazer para a dimensão humana parece ter-se esgotado. Já na condição terráquea, fui informado, posteriormente, que o encontro com Javé havia sido retomado, inclusive com a minha participação, e que continuou em moldes semelhantes até à sua conclusão, mas não me foi possível ou permitido resgatar a continuidade dos factos, pelo menos até ao momento em que aqui registo o ocorrido.

Apenas trechos sem continuidade puderam povoar o meu psiquismo sobre os temas e as posturas do Criador ao longo do resto do encontro. Mal imaginava, nos idos de 2008, que teria que tomar nota de tudo aquilo, e que algo, mais estranho ainda, ocorreria cinco anos depois, o que será narrado a seguir, na segunda parte deste livro.

PARTE DOIS

Ano 2013

CAPÍTULO 10

Brahma, Vishnu e Shiva: Encontro Inesperado

Não sei exatamente como o meu corpo animal permaneceu vivo até ao ano de 2013, momento em que retomo a produção das páginas deste livro, o qual muito hesitei em publicar ao longo dos últimos cinco anos. Pensei mesmo em destruí-lo, de modo a não deixar o ônus moral de uma futura decisão quanto à sua publicação para nenhum dos meus afetos, no campo da descendência.

Recordava-me, porém, do livro "***O Drama Cósmico de Javé***", cuja primeira versão destruí com a intenção de não me submeter aos imperiosos desígnios de um Ser que se me apresentava da "pior forma possível" perante a minha sensibilidade terrena ou do que dela restava.

De estupefação em estupefação, vivi estes tempos da minha vida adentrando-me pelas "estradas" de um drama complexo e multifacetado, cujos focos de origem pareciam distribuir-se por uma confusa e desunida "família de seres" que se consideravam divinos.

Apesar de "miserável" e, mais ainda, mergulhado na limitada condição humana, "olhava" para aquilo tudo que me cercava como se fosse uma turba de seres absolutamente perturbada, em grau

muito pior do que percebia no aparente caos do quotidiano terrestre. Contudo, era o Senhor Javé e o seu “exército de anjos”, distribuídos em múltiplas fileiras e espécies distintas, que se apresentavam perante a minha aturdida percepção, e que tanto haviam impressionado os terráqueos do passado que tiveram contato com aquilo. Frente aos meus olhos, porém, eram todos “enlouquecidos, incompletos, parvos, covardes, frios e robotizados” — e aqui muitos adjetivos e epítetos caberiam para fazer justiça à minha “avaliação dos factos” à minha volta, fossem estes ou não corretamente compreendidos pelo meu tirocínio.

Já havia lidado com algumas hordas de espíritos trevosos, mas eram desencarnados que, com as suas dores e aparente revolta, convidavam-me apenas a fornecer a minha guarida amorosa e compassiva para com eles, apesar das agressões que sempre “organizavam”, na minha direção. Contudo, tal comportamento era compreensível, sob a luz da “**revelação espiritual**” e, com eles, procurava lidar da forma mais tolerante e solidária que pudesse arquitetar. Encarar o Senhor Javé e os seus “anjos”, porém, ultrapassava toda e qualquer experiência mediúnica.

Ainda que consciente da minha “miserável” condição, fosse por que motivo fosse, o surpreendente é que me sentia “espiritualmente” superior a toda aquela movimentação produzida pelos “anjos de Javé”. E tudo me parecia muito esquisito e destituído de propósito racional.

Por força da tarefa espiritual, acostumei-me a ser “marcado de perto” por grupos de espíritos vinculados às trevas da ignorância e

do sofrimento, como já referido. Entretanto, equipas do naipe dos “anjos de Javé”, que conseguiam produzir, em estranho consórcio com os seus pares do lado de cá, alguns eventos no âmbito da nossa faixa de realidade, pareciam-me por demais “artificiais” e “cibernéticos” para demonstrarem alguma emoção.

Como já expresso em outros livros, em determinado momento desta história, percebi que aqueles seres e o tal Criador não conheciam a condição humana nem possuíam a razão filosófica e o senso crítico que qualquer terráqueo pensante, naturalmente, possui.

Percebia, no comportamento do Criador, traços de um psiquismo “afetado e doentio”, que variava tanto ou mais do que qualquer “transtorno de personalidade” — assim classificado pela psicologia terrestre. Pensava comigo mesmo: *“Qualquer louco daqui é muito menos doido do que qualquer um daqueles seres, em especial o que se apresentava como Javé”*. Contudo, por entre delírios e mensagens absolutamente confusas e despropositadas, aparecia, às vezes, um Javé algo sereno, como se compreendesse ou estivesse a começar a compreender a lógica humana. Outras vezes, ele simplesmente parecia não ter a mais remota ideia do que um ser terráqueo pudesse sentir.

Recordava-me da experiência tida nos idos de 2008, e dela somente colhia as lembranças inquietas e o significado absurdo que o meu tirocínio podia arquitetar de tudo aquilo. Preferia mesmo nem pensar a respeito. Assim me expresso para facilitar o entendimento do leitor quanto ao padrão psicológico que Javé apresentou num

primeiro encontro, narrado na primeira parte deste livro que, em linhas gerais, era um “Javé algo sereno” se comparado a outras situações que pude presenciar, e que serão narradas a seguir.

O facto é que, se tudo era muito estranho para o que restava da minha sensibilidade, o que tive que presenciar, em certo momento do final do mês de junho de 2013, excedeu a tudo o que até então eu já poderia classificar como “o mais pleno absurdo”.

Encontrava-me na cidade de São Paulo, e foi lá que o evento me envolveu, quando “fui levado” não sei exatamente para onde. E aqui, passo a narrar o que vivi, sem a menor expectativa de me fazer compreendido por quem quer que seja, no tempo em que vivo.

O meu senso de personalidade terrena sabia que me encontrava em plena noite, preparando-me para dormir, quando, inopinadamente, percebi-me em um “local” com “atmosfera fortemente azulada”, muito mais que a que se faz presente na biosfera terrestre, e pontos cintilantes, que pareciam presos a um céu sem sol, brilhavam em plena luz do dia — o que me espantava sobremaneira.

Sentia-me cansado, como se o corpo me fosse insuportável, e o peso de tanto desgaste, vindo de situações como aquela, parecia afetar o meu “psiquismo humano” de um modo jamais sentido. Repentinamente, ocorreu-me a lembrança do final do já narrado “encontro com Javé”, como se alguém ou algo tivesse “apertado algum botão” na minha mente.

Tudo o que procurei fazer foi buscar algum lugar para me encostar ou mesmo sentar, enquanto procurava atinar com o que fazer naquelas circunstâncias.

Percebi uma fragrância no ar, para mim desconhecida, e pensei que nada daquilo podia ser “terreno”, apesar de me perceber na condição humana. Até o desconforto, que costumo perceber em certa região do tórax, desde o infarto sofrido anos antes, pude sentir naquela circunstância, ao me inclinar na direção do que parecia ser uma “grande pedra” formada por algo semelhante a granito, ao tentar sentar-me para melhor observar o lugar.

Repentinamente, como se estivesse inserido no âmbito de um “grande cenário” que se “modificava magicamente”, tudo o que eu podia perceber e que se encontrava à minha frente, começou a dividir-se em três partes ou “cenários distintos”, parecendo, cada um deles, um “canal de uma grande tela ou portal” que adquiria vida, para meu completo espanto.

Sabia que nos livros épicos hindus, tais quais o “***Mahabharata***” e o “***Ramayana***”, e em certas passagens da “***Teogonia de Hesíodo***”, ali eram referenciados os “*genos*” ou as “*lokas*” de cada “deus”, ou ainda os “céus” dos deuses do panteão hindu. Literalmente, os contextos que se formavam à minha frente eram como se fossem **os “céus” de cada um dos “deuses” da chamada “Trimurti”, a trindade hindu**, os quais, para a minha estupefação, estavam compondo-se, cada um deles com “paisagem específica” e seres distintos, que começavam a posicionar-se “nas bordas” daquelas faixas de realidade. Olharam-me como se eu não

estivesse ali, e um deles, que se encontrava à minha direita, “saltou da borda”, deslocando-se na minha direção, com algo que parecia uma “caixa escura”, em uma das mãos. Parou a cerca de três metros de onde me encontrava e, sem nada me dizer, largou a “caixa” em pleno ar à minha frente. Feito isto, retornou para o “portal” de onde saíra, desaparecendo da minha vista.

Olhei para aquilo, enquanto dali era emanado um conjunto de cintilações que se transformaram em algo parecido a uma “poltrona”, que parecia ter vida, e que permaneceu “pulsante”, como se à espera de alguma atitude da minha parte. Levantei-me da tal pedra na qual me encontrava meio que encostado e meio sentado, sentindo-me profundamente atraído por aquela “peça”, que era de uma tecnologia que, aos meus olhos, mais parecia “mágica”.

Sentei-me naquilo e todo o desconforto, que sentia, desapareceu, como se a vibração daquela “poltrona” fosse “medicinal”. Foi, simplesmente, impressionante o padrão de bem-estar que passei a sentir, enquanto observava, agora, a presença de um “Ser muito estranho”, já sentado no “portal-contexto” à minha frente, enquanto outro Ser, situado à direita, permanecia em pé, olhando-me, com uma expressão “suave” na face — ou, pelo menos, é o que percebi, naquele instante.

Sem nada dizer, aquele que me olhava e que estava à minha direita, a quem compreendi tratar-se de “**Vishnu**”, também se sentou e, aos meus olhos, parecia-se com a forma que o meu espírito conheceu no homem Jesus, só que algo avantajada, e o

cabelo e os olhos eram severamente escurecidos, se comparados ao que conhecia no “mestre da Galileia”. Contudo, era o mestre que ali se encontrava “naquela figura” paradoxalmente parecida com ele, mas que, ao mesmo tempo, parecia ter outra identidade, só que com a mesma maneira de olhar e de expressar a sua irresistível vibração pessoal.

Ele portava uma vestimenta totalmente branca, algo estranha aos meus padrões terrenos, e que apresentava discretas cintilações, em cores suaves, que transitavam de amarelo-claro para cor-de-rosa.

Quando olhei, novamente, para o outro Ser, aquele à minha frente, do “Ser estranho” que havia visto num primeiro momento, lá estava, agora, a figura inesquecível de Sai Baba, também vestido de branco, fitando-me com suavidade. Entretanto, sentia, da parte de ambos, um certo teor de “gravidade” ou de “severidade”, principalmente quando se olhavam. Ao discreto som de estranhos processos ondulatórios, senti como se um “pequeno artefato voador” estivesse a vir “de cima”, no âmbito do cenário localizado à minha esquerda, e no mesmo “trono” com que se fez presente no encontro narrado na primeira parte deste livro, ali estava o Senhor Javé, nos mesmos moldes anteriormente descritos. Soou, em algum ponto da minha mente, o início da troca de impressões entre aqueles seres e passei, então, a viver aqueles momentos como se estivesse a vivenciar o mais irreal dos sonhos.

— Finalmente, aqui estamos nós três, mais uma vez, porém, agora, acompanhados de um terráqueo evolutivo, o nosso

convidado comum para que este encontro pudesse ter lugar — “disse” Sai Baba, só que não mais aparentando a face conhecida na sua última missão terrena, mas sim, na de um Ser que era desconhecido para o meu conhecimento terreno.

Aos poucos, fui compreendendo que aquele era o “**Senhor Shiva**”, apresentando-se numa forma tremendamente intimidante para os padrões terrenos. Não me era agradável observá-lo.

Somente muito mais tarde, foi que me acostumei com a sua “figura”, pois que este Ser, à minha frente, “variou” bastante a sua forma de se apresentar, ao longo daquele evento.

— Apenas para que você possa situar-se, na sua condição humana, a última vez que nós três conversámos desta forma, ou seja, com a liberdade que pretendemos ter nesta oportunidade, foi num “tempo” anterior à criação deste universo — explicou o Senhor Shiva, para a minha total surpresa.

— Desde então, fomos obrigados a assumir os “personagens”, necessários aos desdobramentos dos problemas, que surgiram por todos os lados — continuou o Senhor Shiva.

— Jamais houve um só momento de descanso... o trabalho redentor sempre nos manteve acordados para o inescapável, isto é, o destino do que foi gerado estava indissoluvelmente vinculado às nossas três consciências. Fomos nós que, em tempos imemoriais, situados para além da compreensão temporal possível a quem vive

neste universo, que terminámos por gerar esta “máquina de criar vidas”, que você tanto critica nas suas reflexões. E você está certo, ou seja, nada disto precisava mesmo de existir!

— Isto é o que você diz, ó Shiva, mas não é o que eu penso! — apartou Brahma, também modificando, automaticamente, a sua forma para outra, que jamais havia percebido, e que era bem menos agradável ainda do que a de Shiva.

— Você destruiu muito do que criei e, mesmo a mim agrediu, com força desproporcional, prejudicando-me pelos evos posteriores com a incompletude e a dor de passar a existir faltando-me uma parte importante do meu ser — reclamou Brahma, dirigindo-se a Shiva.

— Tudo o que foi destruído pela sua força, por si só, poderia compor muito do que hoje nos falta para ajustarmos a Obra que gerei com o meu poder criativo.

— Vocês outros me “violentaram” desde o princípio, quando interferiram na minha mente, confrontando-me na estruturação dos alicerces da minha Criação, o que penso ter sido o foco do problema que hoje todos vivemos — continuou Brahma.

— Não aceito que a mim seja imputado, por você, ó Shiva, o “defeito de geração” que foi provocado pelo “atrito mental” vindo das mentes de vocês. Se a minha mente não tivesse sido invadida

— enquanto eu pensava¹, com a minha boa fé, que seria auxiliado, corrigido, mas não “violentado” nos meus alicerces criadores — nada do que ocorreu, de problema, teria tido lugar. Neste aspeto, concordo com certo viés do pensamento do humano da Terra. Todavia, a responsabilidade sempre foi de vocês, não minha. Digo mais: somente há muito pouco tempo é que recuperei as recordações do que houve, e me esforço por aceitar os factos como eles estão. Apesar de ser eu o mais poderoso em relação ao que criei, penso que vocês manipularam, de algum modo, as minhas memórias. A parte minha, que lá existia, agora, não reside comigo. Entretanto, ainda assim, o que ela viveu, pela força do que foi acedido pela mente do terráqueo, e para mim repassado, pertence ao meu “arcabouço de conhecimento”², onde ficam os eventos tidos para além das minhas lembranças.

— Você já era incompleto, desde a sua “queda”, ó Brahma — contestou Shiva.

— A energia criativa era a sua, e por isso você viu-se inevitavelmente atraído pelo que foi gerado. Não fomos nós que o “empurrámos”, como certa feita você revelou a este terráqueo. Tentámos, efetivamente, ampará-lo na “queda”, porém, tal não nos foi possível. Tivemos que “largá-lo”, o que é bem diferente. Da minha parte, cobri a sua Criação, ainda naqueles primeiros micro-momentos dos primeiros segundos do tempo deste universo, com

¹ NAT: — Javé refere-se à sua condição mental que ele tinha no momento anterior ao da sua “queda”.

² NAT: — Javé refere-se às recordações que ele atualmente tem conseguido resgatar da sua condição anterior à “queda” na Criação “indevida”.

a minha própria energia, mas não penso que devamos, nesta oportunidade, tornar a levantar esta questão. Seguramente, não haveremos de chegar a nenhuma conclusão em relação a este assunto inacabado.

— O que me parece estar aqui em causa é a situação da humanidade terrestre em relação a toda esta história — continuou Shiva.

— É por isso que o terráqueo encontra-se entre nós... e mais ainda, porque com a sua ligação mental com ele, provocada pelos desdobramentos dos factos acontecidos na interação entre você, a sua assessoria e ele, esta "ressonância entre os dois", recém-surgida, é facto singular na sua história, ó Brahma, e isto permite que você esteja novamente connosco. Sem a presença dele, a sua energia pessoal, o foco da sua consciência, não se estabeleceria no padrão da razão filosófica e do senso crítico que somente existe no psiquismo desta raça planetária. Sabemos das reservas que você tem em relação a mim e a Vishnu, mas no que toca a ele, foi você que o agrediu inúmeras vezes, tentando subordiná-lo à sua vontade.

Contudo, conforme os valores humanos dele que, somente agora, nestes últimos milénios, você começou a apropriar como sendo, doravante, definitivamente os seus — e foi nesta interação que ele aprendeu a descortinar o seu drama —, a sua dependência em relação a ele, pelo muito que você o perseguiu e pela energia que gastou para envolvê-lo, revela naturalmente a sua situação, devido ao modo pelo qual a sua própria mente estabeleceu tal

ligação com ele. Do mesmo modo, com o intuito de estabelecermos um padrão sintonizado de comunicação mútua entre nós, eu e Vishnu também fixámos as condições e os elementos necessários para que, assim, ficasse estabelecido. Temos o tempo da vida do terráqueo, até que outros sejam preparados, para resolvermos o que, desde o princípio de tudo, necessita de correção de rumo.

— Sim! Já me encontro farto de tudo isto — desabafou Brahma.

— Concordo... Não sei onde errei! Escolho os melhores... os que me homenageiam... não é o caso dele... Muito esperei e recebi de Abraão, de Jacó, de José e de Moisés. Encantei-me com Davi e Salomão, e muito, deles recebi, apesar dos problemas... Maomé, o que mais me honrou... mas esse aí, esse desta hora, jamais cumpriu o mínimo da minha expectativa e, ai de mim, dele não consigo me apartar... Esse terráqueo... devo dizer, dele estou farto pela tamanha ingratidão, logo ele que terminou por saber o que nenhum dos outros pôde saber... não o escolhi... não posso ter cometido este equívoco... isto foi trama de vocês, agora aceito que vocês prevaleceram através dele... somente ele estava disponível, logo na "minha hora mais difícil" enquanto Pai e Criador de todos...

— Com os demais, eu apliquei os meus desígnios, mas consigo, ó Vishnu, e com este, que vocês manipularam, não o consegui — continuou Brahma.

— Você, ó Vishnu, traiu-me enquanto Jesus... venceu-me, pois a sua trama foi superior à minha, obrigo-me a reconhecer... porém,

ele, ele sequer me traiu, nem muito menos fez valer qualquer trama dele sobre os meus desígnios, apenas desobedeceu-me e negou-me como o seu Pai e Senhor. Você, ó Vishnu, aceitou-me como Criador e Deus Supremo, porém, negou a minha Obra, fazendo-me ver que tinha, também, poder sobre ela. Entretanto, este terráqueo negou a mim e ao que criei, apesar de submetido como “criatura-ferramenta” da minha vontade, e de não executá-la de bom grado. E mais: vocês o manipularam a tal ponto, que dele agora dependo para poder gerir estas últimas movimentações em torno do que se passa na Terra, porém, ele não me obedece, e na verdade, despreza qualquer coisa que a ele endereço.

Fiquei surpreso ao perceber o modo como Brahma “coleccionava” as minhas reações humanas à sua tentativa de me dominar a qualquer custo. Pensei em “dizer algo”, mas desisti de fazê-lo. Não sabia se me era dado expressar-me, naquelas circunstâncias.

Pude, então, observar o modo como o “gigante” — Vishnu —, à minha direita, olhava fixamente para Brahma, enquanto o “escutava”. Com expressão que variava — aos meus olhos — do que poderia classificar como impassível até à de um cansaço superlativo, Vishnu a tudo acompanhava, parecendo demonstrar, com aquela atitude, não ter a mais remota vontade de expressar qualquer reação às “palavras” de Brahma.

Em alguns momentos do que ali ocorreu, esperei que ele se pronunciasse, porém, estranhamente, era sempre Shiva a “dialogar” com Brahma, pelo menos até àquela altura dos factos, apesar de que tudo o que ali teve lugar não se encontra aqui

descrito — pela impossibilidade descritiva da minha parte ou mesmo porque não encontrei modo de reproduzir os termos e os conceitos abordados.

— Cessa a sua expressão, ó Brahma — aparteu Shiva — não o manipulámos, nem muito menos você o conseguiu. Os princípios e propósitos que ele colecionou como sendo o seu código de conduta é que o nortearam. Recorde-se que ele, ao se defrontar com a sua presença, tentou ser útil aos seus desígnios, porém, você o “atropelou” na sua condição humana. E foi a partir daí que ele se libertou do seu e do nosso poder de o manipular.

Lembre-se, também, das pesadas críticas que ele expressa em relação ao trabalho de Vishnu e ao meu próprio, além das que lhe são endereçadas. Contudo, o faz compreendendo o nosso drama e a nossa queda em torno do seu problema, e vibra em relação a nós com o amor que pode ofertar-nos, apesar de agredido pelas nossas diferenças e intrigas na gestão de tudo isto.

— Como pode ele, sendo um simples humano, provocar todo este atraso entre nós? — questionou Brahma.

— Todas as “idades” da minha Criação estão agora estacionadas, represadas no conflito que ele criou com a sua teimosia e incompreensão quanto aos meus desígnios. A compreensão, que ele criou, gerou uma descrença generalizada em muitas das minhas linhagens... Como é que toda uma questão universal se encontra vinculada ao que se passa na Terra? Isto não foi obra de nenhum

humano... Isto é artimanha de vocês e ele é inocente nas suas atitudes para comigo, será isto?

— Você ainda não absorveu a lógica da condição humana e, assim, não pode mesmo compreender que tudo o que acontece, a partir do terráqueo, foi e é reação ao que você lhe impôs... — explicou Shiva.

— Ele nada fez... simplesmente desistiu e deixou-se ser agredido, jogando com a sua própria vida e limite pessoal de aceitação. Você não compreendeu. Nenhuma criatura consegue fugir à sua investida, mas pode, ainda assim, não se deixar levar por ela. Ele “confiou” em você algumas vezes, e foi enganado em todas. Simplesmente, ele passou a “desconsiderá-lo” como “alguém digno de algum crédito”.

Na verdade, você, ó Brahma, jamais pode entender o que um ser humano da Terra sente. O que ele fez foi “jogar o nosso jogo”, na medida em que se sentiu perseguido, implacavelmente, por você e os seus “anjos”, colocando, então, o seu concurso como sendo a “pedra angular” do que nós precisamos construir no entendimento dos terráqueos. Ou seja, ele desconfiou que, sem a colaboração dele, você não chegaria ao cumprimento dos seus desígnios. De tanto você afirmar que “somente ele” poderia cumprir os seus desígnios, ele terminou por admitir esta possibilidade, muito mais pela insistência da sua “assessoria angelical” do que por aceitação. Na verdade, o psiquismo dele, até este momento, não aceita que “somente ele” pode realizar o que você deseja. Contudo, segundo o seu modo de pensar terreno, se você não precisasse dele, seria

extremamente fácil deixá-lo para lá. Entretanto, a sua insistência em torno dele, o fez desconfiar ou mesmo perceber, que havia algo de intrigante na relação que você impunha à sua condição humana.

— Entenda que, mesmo com o que você fez à sua sensibilidade de ser humano, ele não se subordinou nem se submeteu aos seus desígnios, nem muito menos se permitiu querer qualquer tipo de pacto — continuou Shiva.

— Preparou-se, assim, para “pagar o preço”, porque era conhecedor do que acontecia com quem contrariasse a vontade do Criador, conforme descrito nas páginas das tradições religiosas do passado. Com as suas atitudes, ele estava a dizer-lhe que não precisava de você nem muito menos o temia, mas nada podia fazer para enfrentá-lo, a não ser apresentar a sua indignação humana, o que ele fez, em muitas oportunidades, de modo aberto e estranho aos seus olhos, porque jamais lhe endereçou sentimentos negativos, apenas não lhe respeitou a condição de “Deus Criador” e “Senhor de Todas as Criaturas”. Para a sua surpresa, foi você quem percebeu que precisava do concurso de um simples ser humano, agora de modo muito mais acentuado do que precisou de outros tantos no passado.

Estranhamente, Brahma permaneceu impassível enquanto “escutava” as expressões de Shiva a respeito da minha postura terrena.

— Dizer-lhe que eu e Visnhu não sabíamos no que o seu encontro com ele, nas circunstâncias em que se deu, provocaria em ambos, aí estaríamos a faltar com a verdade — confessou Shiva

— De modo factual, você facilmente percebe o que acontece com os terráqueos, apenas não lhe é possível ainda compreender a lógica da condição humana. Foi isto o que o surpreendeu... Pelo seu modo de agir para com os humanos da Terra, ele o rejeitou como alguém que dele merecesse qualquer “sentimento especial”, fosse positivo ou negativo”, e isto o “tirou do sério”, ó Brahma, mas, ao mesmo tempo, o comportamento dele e as revelações que a sua condição humana começou a arquitetar sobre o seu e o nosso problema, estes dois aspetos o fizeram “especialíssimo” aos seus olhos, e o “feitiço virou-se contra o feiticeiro”, usando aqui, um ditado próprio dos terráqueos.

— Não foi isso o que me surpreendeu... mas pouco importa. Como já expressei, estou farto e também sei que você está... todos estão... — observou Brahma, voltando-se na minha direção.

— Viu bem o que você fez com os meus desígnios? — advertiu Brahma.

— Desprezou-os e, agora, você é obrigado a cumpri-los, ainda que não queira, porque é imperioso que o faça. Não providenciou a religião que lhe encomendei, porém, agora, terá que explicar tudo de “algum modo” que lhe será muito mais caro e difícil. Não cumpriu com as minhas diligências, portanto, agora, terá que se resolver

sozinho, sem apoio, sem suporte. Será a sua pessoa contra o resto, que de nada sabe.

Todavia, precisam saber! Precisamos todos que seja feito por você, pois não existe outra opção, neste momento. Quis obrigá-lo, o tempo todo, e não consegui. Agora, pergunto-lhe: será que você não compreende?

— Posso expressar-me? — perguntei, para a minha própria surpresa.

— Sim, humano terráqueo, faça uso da sua tão propalada razão filosófica — respondeu Brahma.

— Propalada...? Bem... não sei se você percebeu, ó Javé...

— Chame-me de "Brahma". Pelo menos nesta situação que estamos a viver, chame-me de "Brahma" — interrompeu Brahma.

— E qual é a importância disto? — questionei.

— Ele não sabe... — disse Brahma.

— Estas três personificações jamais se "humanizaram" do modo como você entende, ainda que eles dois se tenham feito humanos, em algumas oportunidades. Eu não! Por isso, você tem que chamar-me de "Brahma" quando estou defronte a eles dois, para que o nosso "circuito mental" funcione nos moldes em que precisamos

que eles operem. Não tente entender, simplesmente chame-me de “Brahma”. Obedeça-me!

Já havia percebido outras tantas fragilidades do Criador, mas aquela, de que a sua “postura psíquica” dependia de como o fator que lhe era externo pudesse interagir com a sua estranha personalidade, era um novo traço que, apesar de insignificante, revelava a sua extrema incapacidade de se autogerir enquanto um ser.

— Perdoem-me, porém... — interrompi.

— Vocês três, neste nível de personificação que aqui percebo, têm a devida consciência de que, enquanto discutem o que lhes parece importante, no mundo em que vivo, a cada minuto do tempo de lá, tem gente a sofrer terrivelmente, por força da ignorância que nos oprime, seja pelo isolamento a que estamos, ainda, submetidos ou mesmo por força de outras decisões que são tomadas ou deixam de ser tomadas por vocês, enquanto, repito, os mesmíssimos problemas, descritos nas mitologias do passado terrestre, continuam a ser tolamente abordados numa situação como esta? Será que vocês não percebem que muitos sofrem, quando este sofrimento, talvez, nem mais precisasse existir, desde que soubéssemos um pouco sobre a verdade que marca as nossas vidas? Como é que vocês esperam que eu veja um evento como este se, nos valores semeados na Terra, vocês três são tidos como “deuses”, mas só que, lá, ninguém sabe que muitos dos problemas que carregamos sobre os nossos ombros não foram gerados pela labuta humana, e sim por vocês?! E o que dizer sobre o “fardo

cármico” que carregamos, enquanto vocês jogam disputas intelectuais infindáveis e, desculpem, estéreis? Como é que a lógica humana poderá arquitetar um nível de entendimento em que vocês três não sejam transformados de “deuses” em “criminosos”?

— Vejam como ele é... — observou Brahma.

— Nós sabemos, ó Brahma — ponderou Shiva.

— Por isso o elegemos para ser ele aquele a quem você teria que encontrar como “disponível”, dentre os humanos, para fazer valer os seus desígnios. Armámos esta artimanha para você, ó Brahma... Como nos apartámos e não mais pudemos “conversar”, por força da sua postura de somente interagir com quem se lhe submetesse à condição mental, fizemo-nos seus filhos, eu e Vishnu, para poder interagir com você, ainda que submetidos aos corpos que nos deu. Compreenda isto! Através dos nossos “*avatares*”, não podíamos contrariá-lo abertamente por meio dos conceitos e das ideias, somente o conseguimos fazer por meio das atitudes longamente tramadas, único modo de chamar-lhe a atenção. Contudo, conversar com você, apenas nos últimos milénios nos foi possível e, agora, reconquistámos este poder de o fazermos de modo produtivo, racionalizado, sendo que somente o conseguimos por meio do psiquismo que nos foi disponibilizado devido à condição humana terráquea que assumimos. Sabemos que você já tomou consciência disto, pelo menos nos últimos tempos. O que agora precisamos fazer é explicar a ele e a você o porquê de não podermos fazer algo mais do que já foi feito, pelo menos enquanto for esta a sua postura, ó Brahma, de ainda pelejar com tudo e com

todos sobre as questões que importam ao progresso, com vistas à sua, à nossa e à redenção de todos os que foram envolvidos. Não são estes, ou seja, os seres criados por você ou por nós, para viverem no âmbito do que foi gerado, que precisam “ser salvos”. Somos, principalmente, nós três e mais outros tantos que precisam “ser salvos”, portanto, precisamos soerguer a nós próprios e superarmos os desdobramentos do que um dia foi gerado. A questão é que todos se “sujaram” com o problema, e aqui me refiro tanto a nós como aos que nos servem de apoio existencial para levar a bom termo o que gerámos em pleno equívoco.

— Quando este terráqueo formulou o conceito do “favor divino”, ele o fez procurando mostrar-lhe que “todos os que tiveram que existir no âmbito da Criação” estavam e estão a ser instrumentos de um “favor de Deus” a nós outros que somos os responsáveis, por este ou aquele motivo, pelo que foi gerado — continuou Shiva.

— E ele está certo, por desagradável que nos seja escutar isto de um terráqueo e saber que todos, doravante, poderão também conhecer este aspeto da verdade que nos envolve. De facto, como eu mesmo disse quando me personifiquei como agora sou na Terra, a angústia e o sofrimento permeiam todo o universo enquanto nós três não resolvemos os problemas gerados e que tiveram apoio nas forças das nossas mentes divinas. A crítica do humano terráqueo é factual, correta, apesar de desagradável à nossa sensibilidade. Entretanto, toda esta “esquisitice comportamental”, como ele costuma classificar as nossas posturas, reside na incompetência, da nossa parte, em superar uma simples e singular questão, a qual delegámos ao “passar do tempo cósmico” e ao seu cansaço, ó

Brahma, o único modo de ser resolvido. Esta questão refere-se ao vínculo indissolúvel da sua mente atual com um dos alicerces estruturantes das faixas de realidades que foram geradas.

— Aqui refiro-me à participação da sua mente, ó Brahma, na sustentação da Obra surgida — esclareceu Shiva.

— Todavia, como explicar questão tão complexa e delicada a você e aos humanos, para que estes possam ajudá-lo a partir do conhecimento do problema? O que precisamos dizer, para que o senso crítico dos humanos terráqueos não os leve a pensar que tudo o que podíamos fazer já foi feito — dada a inevitabilidade do ocorrido — é que aquilo que ainda falta realizar já não depende apenas de nós, as divindades envolvidas, nem do que possamos fazer ou deixar de fazer. Sabemos como é difícil para os seres, espalhados pelo cosmos, que têm senso crítico para perceber o problema, compreenderem, sem se revoltarem, intimamente, com tudo o que já aconteceu e ainda falta ocorrer. Contudo, não há outro caminho, já que precisamos da contribuição de todos os que podem dar de si. E é esta a parte do seu problema, ó Brahma, e o de todos nós, pois faltam-lhe, ainda, algumas faculdades mentais, da sua parte, para que a sua vibração se posicione no sentido e na amplitude precisa ao nosso intento.

— Não pense você, ó humano, que Vishnu pode prevalecer sobre Brahma, obrigando-o a aceitar que ele, agora, exerça a supremacia sobre o que foi gerado — alertou Shiva.

— Seria bem melhor para Brahma se assim fosse, desde o início do problema. Todavia, infelizmente, ele não pensa assim, e sequer isto aceita de bom grado. Contudo, não lhe resta alternativa a não ser a de “dividir o comando” sobre a Obra que ele pensa ser somente dele. Para isso, porém, é necessário que ele o faça quando o estado da sua consciência não mais possa vibrar do modo como até agora se caracterizou. Isso porque ele atingiria a muitos que lhe estão e são indissoluvelmente ligados e dependentes, o que seria “fatal” para uma gama de centenas de bilhões de seres que vivem neste universo antimaterial. Por estranho que isso lhes possa parecer, a vocês, terráqueos, não teriam nenhum problema com essa questão porque o DNA dos seus corpos já é praticamente independente do que sustenta e dá vida à figura de Brahma. Entretanto, o mesmo não se pode dizer de praticamente todas as gerações mais antigas de seres, sejam os que este terráqueo chama de “anjos-clones” e de “demónios” — do universo antimaterial —, como também as primeiras famílias planetárias evolutivas que surgiram para o universo material.

— O problema é tão sério, tão desesperadamente sério, que os “anjos-clones” mais próximos a Brahma, desenvolveram toda uma tecnologia para manter vivo e desperto aquele a quem consideram como sendo o seu Pai e Criador, até porque é este o único modo de “manterem”, inclusive, a vida que lhes é própria — acrescentou Shiva.

— Brahma não gosta nem um pouco de “ouvir” ou “tomar consciência” destes factos, que lhe são inaceitáveis por atestar que ele não mais impera sobre os seres que lhe estão próximos, apesar

de todos eles dependerem da sua existência. Não lhe podem desobedecer, ainda que sejam os mantenedores da vida daquele a quem são obrigados a obedecer e de cuja mente dependem para viver. Paradoxal e extremamente tortuoso, não é mesmo?

— Então, assim são os factos em torno de Brahma — observou Shiva, olhando com os seus “múltiplos olhos” para mim.

— Acertadamente, você percebeu que o “trono” em que ele se assenta é multifuncional e é, atualmente, um complemento especialíssimo ao seu “corpo de primeira hora”, logo após o seu “mergulho” na Criação. Sabemos, eu e Vishnu, como é difícil para você, na sua condição humana e com os valores que lhe são comuns, olhar para ele, para esta minha forma que agora assumo, e procurar a beleza das formas delicadas e agradáveis à vista humana. Somente podemos pedir-lhe que reflita sobre o que estamos a informar-lhe e, mais ainda, sobre o que agora será informado. Se você achar digno de registo e for suportável para a sua sensibilidade veicular estas notícias para as futuras gerações terráqueas, pedimos que o faça, independentemente da sua condição humana achar certo ou errado produzir informações tão desagradáveis para a sensibilidade dos terráqueos. Assim pedimos porque este tipo de revelação jamais pôde ser feita no passado, pelo menos nos moldes que agora a caracterizam.

— Toda a questão repousa não só na ligação indissolúvel entre Brahma e muitas das suas criaturas, como já informei, mas também no que agora será ressaltado — acrescentou Shiva.

— Para tanto, terei que recorrer ao conceito de “holograma”, conforme decodificado pela ciência terrestre, porém, o farei de modo simples. Não se preocupe! Segundo o que a vossa ciência conhece — e aqui dito em palavras simples —, quando uma mesma fonte emite dois feixes luminosos, sendo um inalterável, puro, e outro já programado ou marcado por alguma experiência, quando ambos interagem sobre um determinado plano, a partir deste poderá surgir o que chamais de “faixa de realidade holográfica”. Agora, deverá ser devidamente compreendido que a fonte de absolutamente tudo o que existe, existiu, e do que poderá vir a existir, é uma só — e aqui refiro-me à “fonte primordial” de tudo, que é o que você chamou de “matriz primordial”, no seu livro sobre o “drama cósmico” de Brahma. É dela que tudo o mais surge, inclusive as matrizes secundárias, geradas pelas mentes das Divindades Cocriadoras, como é o nosso caso.

Assim, o “feixe puro” seria o “pano de fundo” inalterado da “matriz primordial”, enquanto o “feixe programado” seria o “projeto planejado pela mente cocriadora”. Foi desta última, também, que surgiu a singularidade, por vós conhecida por “matriz das possibilidades quânticas”. Portanto, quando guiados pela vontade da mente cocriadora, o feixe da sua programação mental, que traz consigo, inevitavelmente, o “feixe primordial”, são projetados sobre o “plano das possibilidades quânticas”, tudo o que surge a partir daqui é a “realidade material” que vocês conhecem no universo no

qual vivem, que é, por conseguinte, uma “realidade holográfica”. Por outras palavras, o jogo perene da energia (os dois feixes incidindo sobre a “matriz das possibilidades quânticas”) transformando-se em matéria (a “realidade holográfica colapsada” a partir da atitude mental do observador/Criador), cria a “realidade material holográfica”, na qual os próprios corpos humanos estão inseridos e programados para nela viverem, mas para nada dela perceberem. Os espíritos individualizados, que estão (imantados) por trás dos corpos humanos, são quem mantêm “vivo”, por força das suas “atitudes mentais” associadas à “energia *rajas*” de Brahma, o constante processo de colapso, o que responde pela vida dos corpos de vocês. Do mesmo modo, a vontade criadora que fez impulsionar não só a energia organizada criadora (que surgiu da mente da divindade, hoje “caída”, conhecida como Brahma) como também a singularidade quântica que deu margem à criação de tudo o que conheceis a partir da Terra, quando da sua “derrocada”, Brahma trouxe consigo, na sua exuberante e singular força mental, a “semente” de todos os “alicerces” do que foi colapsado no princípio.

O corpo que ele reconstruiu, para poder nele fazer residir a sua força mental, que lhe define a personalidade, retém, até estes tempos atuais, os grilhões que o unem, ainda que no seu aspeto holográfico, ao que foi gerado nas duas faixas de realidade principais que compõem esta Criação. Mais: a mente de Brahma encontra-se, ainda, energeticamente vinculada à mente da divindade da qual ele é somente uma das suas expressões, e esta, apesar de “adoentada”, tem, também, o que resta da sua mente ligada às “estruturas quânticas” que dão “sustentação à realidade

universal” que envolve a vida na Terra. Por outras palavras, para facilitar a compreensão, o que estou aqui a classificar de “holografia” seria a representação do que existe, com as suas próprias dimensões, na “faixa de realidade subjacente”, a que podemos chamar de “mundo real” em uma outra “faixa de realidade especulativa, laboratorial”, com um número maior de dimensões. Para além desta, outras podem ainda estabelecerem-se como transitórias, todas elas alicerçadas na única “âncora imperecível”, que é a “Espiritualidade Eterna”.

— Brahma pode, portanto, sentir fúria, e muitas outras “esquisitices”, como você aponta, mas não pode fazer implodir a sua força mental, sendo exatamente isso que tememos, eu e Vishnu, e, portanto, procuramos não contrariá-lo a ponto de que tal possa ocorrer — esclareceu Shiva.

— Por desagradável que isto possa parecer ao modo de pensar dos terráqueos, esta é a questão prioritária, porque importa ao conjunto dos seres que hoje habitam no âmbito do que foi gerado e, realmente, o sofrimento dos demais, que compõem o contexto das “criaturas-ferramentas”, somente pode ser considerado como o mais constrangedor dos aspetos, por não poder ser ressaltado antes da situação de Brahma. É por isso que Vishnu ainda não cumpriu com a prometida “volta de Jesus”, o que terá o condão de religar todos os que vivem na Terra ao circuito da vivência cósmica, como você abordou com o conceito da “reintegração cósmica”. A “volta de Jesus” dar-se-á no momento preciso em que Vishnu e Brahma se alinharem em torno das necessidades, dos aspetos da “doença” de Brahma e dos “anjos” que lhe são mais próximos, como também

de certas “situações-limite” que marcam a sobrevivência da espécie humana terráquea, além da inevitável interação minha, de Vishnu e de outras divindades com toda essa situação.

Algumas destas questões ou todas juntas definirão os próximos movimentos a ocorrerem. Estes já estão planejados, mas não definidos, pois dependem bem mais da postura pessoal de Brahma, no seu processo de “humanização pessoal, do que de qualquer outra componente, por mais desagradável que isto possa parecer à lógica e à razão esclarecida dos terráqueos. Por outras palavras, Brahma e alguns dos seus “anjos-clones de primeira hora” precisam estar alinhados em torno dos próximos acontecimentos que interferirão nas suas mentes, em especial na de Brahma, já que é a dele que apoia e suporta tudo mais. Contudo, não se esqueça que até mesmo para mantê-lo atuante, os seus “anjos” foram obrigados a transferirem “algo ou muito do poder pessoal de Brahma” para as suas próprias mentes. Brahma concordou com isso, até porque é a sua mente que comanda o “circuito mental” dos que lhe estão próximos.

— Entenda, ó terráqueo, que não podemos forçá-lo! — continuou Shiva.

— E ele apartou-se do fluxo da nossa coexistência enquanto Divindades Cocriadoras, desde a sua “queda”. Ao longo do desenrolar das eras desta Criação, tudo o que eu e Vishnu, dentre outros, pudemos fazer foi “mergulhar”, também, entre os seus “anjos-clones”, para algo tentarmos fazer, “de dentro para fora”, do que foi gerado, único modo de produzir o “progresso interno”.

Com as nossas almas encapsuladas nas formas de “anjos-clones” e em outras classes de seres das quais estas derivaram, para podermos conviver com Brahma, nelas não tínhamos como “disputar” o contraditório tendo como base o convencimento intelectual. Isso nunca funcionou com Brahma!

Depois do meu “impasse” com Brahma é que pude libertar-me para assumir a personalidade de Shiva, a que foi necessária ao contexto do que foi gerado. Vishnu realizou a sua estratégia, mas precisa ainda finalizá-la. Somente agora nos libertámos para assumir estas formas atuais e, novamente, procurarmos coexistir com Brahma de algum modo, ainda que em faixas de realidade diferentes. Pelo menos, agora, elas têm um ponto de convergência o qual, por enquanto, é a sua pessoa, ó humano terráqueo. Entenda e assuma isto como sendo um facto. É por isso que a sua vida terrena foi “invadida” por tantos processos paralelos e desagradáveis, e feliz é você por ter conseguido manter-se em paz, apesar do aparente “inferno” que o envolveu. Em resumo: não podemos mexer no “feixe programado” advindo originalmente da mente de Brahma, que é um dos “alicerces” deste universo. E essa transferência do potencial deste feixe deverá ocorrer de Brahma e dos seus “filhos apoiadores” para Vishnu, de modo minimamente harmónico, e esse processo está prestes a ser concluído por força da entrada, no nosso “jogo”, do “modo de sentir e de pensar” dos terráqueos. Futuramente, isso será melhor compreendido, é o que esperamos.

Por isso, enquanto “conversamos aqui” sobre temas “envelhecidos pelo tempo cósmico”, sabemos que o sofrimento e a

angústia grassam em todos os quadrantes desta Criação. Entretanto, infelizmente, para que esta etapa seja ultrapassada, falta somente o ajuste final de alinhamento entre Brahma e Vishnu. Que cada um de nós, divindades outras e seres evolutivos, ajudem como puderem!

— Quer dizer que as mentes divinas fracassaram na arquitetura das soluções, frente aos problemas por elas gerados — ponderei de minha parte.

— Produziram, então, outras criaturas (as “inteligências evolutivas”) para delas se servirem, na construção daquilo que elas próprias não conseguiram lograr fazer. E, no caso das “criaturas evolutivas”, a espécie humana terráquea é a que tem o DNA do corpo animal mais independente da mente do Criador. Na verdade, nós podemos influenciá-lo mais do que ele pode fazer connosco, por ser a sua natureza destituída dos valores morais que foram semeados na cultura humana. Esta semeadura foi feita exatamente por vocês, quando das suas romagens terrenas, personificando outros mestres que por lá passaram, ensinando aos homens e mulheres da Terra como eles podem progredir no campo moral, intelectual e espiritual. Assim, ajudam-se a si próprios, enquanto contribuem com o progresso do Criador, que se encontra refém do progresso das “criaturas evolutivas”, criadas a partir do seu DNA “doente”.

— Sim. É exatamente isso e muito mais! — concluiu Shiva.

— Vocês sentem-se justificados com toda esta história? — questionei.

— Vocês criaram um problema, faliram no nível de personalidade em que se encontram para resolvê-lo, resolvem gerar outras criaturas para executarem o trabalho, delas se servem, as manipulam, não lhes dizem a verdade, tratam-nas como “massa de manobra”, conforme os caprichos do padrão das personalidades demoníacas que vocês ostentam, as enchem de medo, de pavor, tornam-nas dependentes, exigem o sacrifício de todos, estão aqui a discutir e discutir as mesmas coisas que estão a ser discutidas há uns “bons” treze bilhões de anos, deixam-nos isolados lá na Terra e obscurecidos por todo tipo de ignorância, matando-nos uns aos outros, ainda em torno das promessas e desígnios de Javé a povos prometidos que se alternam ao “sabor da sua necessidade” de cada milénio, não cumprem as promessas que fazem, e ainda se sentem justificados? É isto mesmo? — perguntei, algo indeciso.

— Sim! — afirmou Brahma, com uma força cujo teor vibratório nada tinha de agradável.

— Eles sim, eu não! — alertou Brahma

— Que isto fique bem claro. Estou a deixar-me “humanizar”... Tudo escutei de Shiva para não atrapalhar o seu entendimento, ó terráqueo, mas não pense que concordo com tudo o que Shiva e Vishnu pensam. Eles articularam-se contra mim desde o princípio,

apesar de que compreendi terem feito isso para evitar um problema maior para todos nós.

Todavia, já lhe expliquei que não sou um empecilho à “reintegração da Terra”, apenas que não quero dividir o comando com quem não posso confiar. Contudo, terei que fazê-lo, pois já não domino o processo que de mim é emanado. Antes, sempre pensei que o dominava. Desde que o venci, mas você não foi derrotado, o que não consigo entender, é que passei a aceitar que parte da realidade que gerei está fora do meu campo mental. Uma vez você disse-me que eu parecia um “ser em delírio”, pois a minha conversa era desconexa. Claro, pois ainda estou a deixar-me “humanizar” pela sua lógica, o que não significa que eu esteja a “delirar”... Pouco importa! Como me expressei antes, estou farto destas querelas quando ainda nem “humanizei” o modo de pensar que me caracteriza.

Não confio mais em Vishnu e nos seres alinhados a ele; não confio em Shiva nem muito menos nos que o seguem; não confio em outros seres que se dizem divinos; não confio em parte dos meus filhos dos “tempos do princípio”; todos eles tentam convencer-me de alguma coisa, apesar de terem sido meus instrumentos por todo este tempo. Vocês já nasceram libertos do meu jugo, por isso eu maldisse a raça humana da Terra. Tentei dominá-la por todos os meios, já que ela nasceu com liberdade, e isso não me era aceitável. Apesar de ainda “não humanizado”, estou acostumado, apesar de farto do comportamento dos humanos da Terra. Estranhamente, você que nada quer comigo, exatamente em você eu confio, por mais que isto lhe possa parecer estranho.

Testei-o de todos os modos, e você me desagradou em todas as oportunidades, mas, como lhe disse, estranhamente confio que me respeitará, ainda que eu não tenha lhe respeitado a sensibilidade, como você me acusa, permanentemente, nas suas reflexões.

Seja lá qual fosse a parte de mim que ali estava, mas, repentinamente, comecei a sentir-me como se em choque e, rapidamente, a “cadeira”, na qual me assentava, começou a produzir uma fragrância que foi me acalmando, apesar de notar a preocupação nos três.

Muito mais foi conversado entre eles, e um pouco, ainda, com a minha participação. Não sei se devido ao “choque” motivado pela “dose de estupefação” quando a minha personalidade atual assimilou ou pensou assimilar as palavras de Brahma, ou mesmo por outro motivo, mas aquele encontro pareceu acabar-se naquele exato instante.

Até o momento em que escrevo estas últimas linhas, tenho “refluxo” de memórias que povoam o meu psiquismo, tanto do primeiro como do segundo encontro. Contudo, penso que o que consegui expor já é dose suficiente para a reflexão de quem se aventurar por estas páginas.

Quanto a mim, levo destas vivências o que não queria: a “certeza” que tudo está ainda por ser feito e que cabe a esta humanidade uma quota de realizações que, no presente, melhor mesmo, talvez, seja sequer saber sobre ela. A seu tempo, as

gerações futuras deverão perceber, em sua amplitude, a questão que transcende por completo o nosso atual padrão de percepção.

Em pleno cansaço existencial, levo também a impressão de desafio, mesmo de encanto, pelo quanto ainda temos todos que caminhar e aprender, sem pretender pensar que já sabemos as verdades que ainda precisamos descortinar. São muitas ou, dito de outra forma, são muitos os aspetos de uma “Verdade Maior”, que ainda precisamos compreender e assimilar.

O que até hoje conseguimos sistematizar por meio do conhecimento terreno, apesar de bastante vasto ser o padrão do conhecimento atual da humanidade, é nada frente ao que ainda precisa ser percebido. É muito instigante, e penso que as religiões que se vulgarizaram no “troca-troca” com o seu “Deus de preferência”, que se utilizam do conceito que têm sobre “Deus” para justificar a agressão e a violência comuns ao seu grau de ignorância, enfim, que pretendem dominar em vez de libertar, começarão a desaparecer na medida em que o convite ao progresso espiritual decente seja percebido pela humanidade.

Isto que vemos na Terra não tem nada a ver com progresso espiritual. É barbárie pura, disfarçada de religiosidade barata e primária. Em verdade, um ser evoluído não precisa de religião, porque está apoiado no seu próprio código filosófico de conduta, desde que este esteja alinhado com o lado engrandecedor da vida.

Simplesmente, será incompatível continuar a se viver de modo medíocre quando o “convite” imposto pelos factos for exatamente o de se viver numa elevada condição de espiritualização pessoal, aspeto que, infelizmente, as religiões não têm lá conseguido dar exemplos significativos. É necessário, sim, que cada ser humano construa o seu modo de conduta superior, elevada, que terá que ser formulada e vivenciada para que, nessa postura pessoal, o processo de redenção coletiva universal possa se apoiar.

Encerro, portanto, o presente livro sem saber, exatamente, se deveria tê-lo iniciado um dia. Contudo, levar todo este contexto para o “túmulo”, ainda que equivocado, parece-me atitude bem mais desagradável do que a de o ter produzido.

Assim, peço desculpas aos meus irmãos e irmãs de jornada terrena, porém, não tive mesmo outra opção.

Sobre o Autor



“Jan Val Ellam — pseudônimo usado pelo escritor natalense Rogério de Almeida Freitas para escrever sobre pontos de convergência entre o pensamento cristão, a doutrina de Allan Kardec e pesquisas relacionadas à ufologia, no bojo do discurso do espiritualismo universalista e da cidadania planetária.”

Com 36 livros publicados no Brasil até o momento, tem-se revelado como o escritor mais contundente sobre temas tidos como sagrados que estão a ser resgatados de um passado esquecido, que antes encontrava-se oculto, o que torna o seu trabalho único.

Precursor da Revelação Cósmica que se inicia com a publicação dos seus livros, dando continuidade à Revelação Espiritual já codificada no passado, marca o atual momento planetário com reflexões profundas e intrigantes, advindas dos vários livros publicados e das palestras nacionais e internacionais divulgadas nos institutos temáticos e YouTube.

Autor do “Projeto Orbum” — Manifesto da Cidadania Planetária.

Formulador do Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA

Para mais informações:

<https://www.janvalellam.org/>
<https://www.ieea.com.br>
www.youtube.com/janvalellam1
www.facebook.com/janvalellam
www.amazon.com/author/janvalellam
www.radioatlan.com

contato@janvalellam.org

Entrevista com Jan Val Ellam

— Dentre a sua produção literária e as incontáveis horas de palestras no Youtube, como você resume a mensagem central do seu trabalho?

A necessidade, por muito tempo esquecida, do resgate de um contexto perdido associado ao progresso dos diversos ramos da ciência, fazem emergir uma nova “visão da realidade” que contempla o lento avanço do pensamento humano ao longo das eras.

Afinal, somos racionais: seres que, antes de crer cega e fanaticamente em algo, deveríamos procurar estudar, pesquisar e compreender, como tantos luminares do progresso humano têm advertido.

Os livros que produzo tratam dessa nova cosmovisão, questionando as “verdades eternas” que os seres humanos colecionaram na visão de mundo que construíram ao longo da sua penosa evolução. Acostumámo-nos a tomar como real e natural verdadeiros absurdos que em nada contribuíram para o progresso planetário. Perdidos em guerras religiosas e proselitismos de todos os tipos, estacionámo-nos de tal modo que os valores vigentes e infantis do passado foram entronizados como “sagrados” e em nome desses, verdadeiras barbáries foram e são até hoje cometidas. A questão que se impõe para quem pensa é: quantas dessas “certezas do passado” ainda existirão daqui a alguns poucos séculos ou mesmo décadas?

Há uma nova cosmovisão emergente que marcará, dentre em breve, um divisor de águas entre o que se pensava antes e depois que a Revelação Cósmica fincar os seus alicerces, colaborando na evolução da capacidade humana de melhor compreender o nível de conhecimento e de esclarecimento que supõe possuir sobre as coisas e a realidade que a envolve.

Os livros que procuro produzir representam o marco inicial desse processo que convidará a todos, mais cedo ou mais tarde, a sair da zona de conforto da fé fácil e estéril, para o esforço da compreensão esclarecida.

— Os estudos desenvolvidos nos seus institutos apresentam uma convergência entre Ciência, Filosofia e Espiritualidade. Qual a importância desta convergência?

Compomos uma humanidade, tida como racional, cujas gerações jamais puderam ter qualquer padrão de educação científica, filosófica, ambiental, sendo sempre as elites a parcela da população mundial que consegue ter acesso a essas questões. Ainda assim, nem mesmo estas costumam fugir do minimalismo no campo do conhecimento associado a um diploma universitário ou outro título qualquer. Todas as parcelas, porém, tomam-se como sendo profundamente educadas no campo da religiosidade, mas perdem-se nos ritos fáceis de troca de favores com Deus, transformam Jesus em escravo dos seus pedidos e do comércio do pedágio e aqui a espiritualidade pessoal inexistente ou é confundida com a fé fácil e simplória.

Os livros que escrevo criticam de modo contundente como o esforço heroico de Jesus, de Sidarta Gautama (o Buda), dentre outros, cujos legados filosóficos e espirituais são efetivamente ímpares em termos de beleza e de nobreza moral, tornaram-se religiões fáceis e simplórias quando jamais foram essas as propostas dos seus formuladores.

Devido a esse quadro infantilizado, infelizmente constante no modo como as principais religiões mundiais são praticadas, dificilmente, penso, não será possível tão cedo uma convergência honrosa e produtiva entre essas três áreas do conhecimento que tanto importam à dignidade humana.

Como registei em um dos livros que até ao momento produzi, cujo título é “Reintegração Cósmica”, quando em breve, nós, os terráqueos, sairmos desse isolamento que envolve o nosso mundo há tanto tempo, frente à retomada do processo do intercâmbio cósmico que o próprio avanço da ciência já vislumbra, as futuras gerações terrestres poderão e mesmo deverão edificar uma vida planetária dignificada e alicerçada no bom uso que a racionalidade e a sabedoria humanas puderem construir associados aos postulados progressistas dessas três áreas.

— Diante da nova realidade que as suas obras literárias apontam, a humanidade atual está madura o suficiente para encontrar o caminho do autoconhecimento?

Sóren Kieerkgard, filósofo dinamarquês, afirmou, com certo grau de ironia, que o ser humano costuma equivocar-se de duas maneiras: uma, acreditando no que não é verdade, e de outra, deixando de acreditar no que realmente é real e verdadeiro.

A raça humana foi condicionada a levar a sua vida adiante por meio da fé, da crença, e assim facilmente tem construído valores tomados como verdade absolutas, o que a impede de buscar o autoconhecimento como também alargar a percepção sobre outros tantos panoramas importantes da vida.

O infantilismo espiritual marca a conduta humana o que leva as pessoas a não encontrarem disposição psíquica para lidar com os aspetos mais profundos da existência. A busca do autoconhecimento é uma disciplina que se situa nesse contexto.

As elites religiosas não têm interesse em que os seus fiéis, por eles mesmos, evoluam no sentido vertical da espiritualização adulta. Infelizmente, preferem manter todos os fiéis como prisioneiros dos seus circuitos.

— Qual a importância para nós, seres humanos, do entendimento de que na verdade constituímos uma única família planetária? Este conceito, que ultrapassa questões de raças, credos e nacionalidades, o que significa exatamente?

A consciência sobre a função da cidadania planetária que deveria povoar o psiquismo de cada pessoa esclarecida deste mundo é talvez o único “norte filosófico” a ser perseguido pelas gerações do futuro como forma de salvar a nossa casa planetária e dignificar a vida humana.

Desde que lá, na mais antiga tradição das raízes religiosas, existe um pretenso deus que, devido ao hábito de escolher povos — a saber, os hebreus, depois os arianos, voltou para os judeus e após certo tempo elegeu os árabes — terminou por semear na cultura de todos uma intolerância e um sentimento de exclusividade absolutamente inaceitáveis. Hoje, as questões

históricas por trás da gênese do judaísmo, do cristianismo, do islamismo e de seus desdobramentos, respondem quase que pela totalidade das guerras regionais ocorridas ao longo da história. Tudo isso porque o fundamentalismo exacerbado dos que se acham eleitos por deus, o nacionalismo que tão somente camufla as faces da insensatez, da corrupção e da estupidez clinicamente assim definida dos líderes mundiais das últimas décadas, promovem conflitos além de não conseguirem superar os naturais confrontos e disputas da geopolítica mundial.

Num contexto como este, dificilmente a noção de cidadania planetária poderá emergir, apesar da luta de uns poucos entre os quais me incluo. No final de cada um dos 38 livros, até hoje lançados, encontra-se o “Manifesto Orbum da Cidadania Planetária”, como forma de convidar o leitor à reflexão sobre o tema.

O analfabetismo político, religioso, filosófico e ambiental estão prestes a provocar um choque de realidade talvez como forma de despertar o ser humano para um redimensionamento na maneira como ele vive na atualidade. O *homo consumus*, o *homo religiosus*, o *homo nervosus*, o *homo corruptus* — pois são estas as faces das quais se travestem o rosto humano na sua atual expressão “cara de pau” para justificar as suas mentiras e hipocrisias de cada momento, tem que ceder lugar a um tipo de ser humano sensato, decente, honesto frente ao seu código de princípios e de propósitos perante a vida.

O ativismo da cidadania planetária deveria ser o primeiro passo nesse sentido!

— Qual o lugar do homem no Universo?

Seguramente não somos esses pecadores apontados pelo credo judaico-cristão, por termos sido criados e destinados para sabe-se lá o quê, e o nosso pecado reside no facto da nossa mãe Eva não ter aceitado tal coisa e resolveu dar um curso diferente do anteriormente pretendido. Como ela foi influenciada pela serpente, tida como o diabo, todos os que nasceram após isso são considerados “filhos do pecado” e do diabo, precisando que elites religiosas resolvam esse problema pelos pecadores. Ora, convenhamos!

Se alguém desejava promover uma “lavagem cerebral” nos nossos desavisados ancestrais, implementando o temor a Deus como o motor que levaria todos a aceitar a dominação psíquica por parte das religiões como forma de sair do grupo dos filhos do diabo

para o dos filhos de deus, efetivamente o fez com bastante eficácia. Somos todos hoje filhos da estupidez esquecidos que reside na própria capacidade humana o ato de amar, de sorrir, de perdoar, de sonhar, de distinguir o bem e a ternura, de eleger a elegância moral e a civilidade como forma de interação entre os irmãos e irmãs da raça humana, enfim, de estabelecer o próprio código de conduta filosófica como lei maior de sociabilidade. Mas o que fizeram as religiões? O contrário disso!

Criaram pecadores angustiados, tementes, aterrorizados porque podem ser castigados por deus a qualquer hora, obrigaram as pessoas a ter uma fé simplória, pouco refletida, sem questionamentos, transformaram deus e Jesus em comerciantes baratos do “toma lá dá cá”, viciaram todos os seus fiéis em se tornarem pedintes profissionais e crentes em cujas lentes cabe todo tipo de credence barata. O pior: acostumaram as pessoas a transferirem para pretensas autoridades religiosas, responsabilidades que lhes são próprias! Até onde isso vai perpetuar-se?

As pessoas que vivem seriamente as suas religiões sofrem bastante com esse estado de coisas porque o choque de realidade que as gerações futuras irão inevitavelmente promover nas religiões poderá ser trágico se esse minimalismo não for superado por alguma sensatez, como muito tem se esforçado, por exemplo, o inigualável Papa Francisco na sua luta pela renovação no âmbito do catolicismo. Mas, quem o apoia?

O ser humano talvez seja o artífice de algo muito maior do que hoje podemos imaginar e sobre esse aspeto tenho me esforçado bastante na abordagem dessa questão nos livros que publiquei.

Se somos capazes de nos comportarmos de modo monstruoso, mas também de agir ancorados em uma conduta superior e marcar os elétrons da nossa casa universal com as melhores e mais sofisticadas informações, talvez aqui resida a delicada e importantíssima destinação da humanidade, ainda desconhecida até mesmo pelas religiões e pelos padrões científicos atuais, que seria a de contribuir decisivamente para a emergência de uma mente universal, como apontam alguns dos mais vanguardistas no campo da ciência.

O livro “A Rebelião dos Elétrons e o Código da Vida do Criador” recentemente

lançado, aborda de modo inusitado essa questão. Concluindo, não penso que seja a presente geração de humanos a perceber a sua destinação como membros de uma

comunidade sideral que se prepara para executar a sinfonia universal capaz de levar o universo em que vivemos — e alhures — a um rumo seguro e pacificado. Pertencerá às gerações futuras a construção dessa urgente percepção quanto à função dos terráqueos no concerto da vida universal. Mas por enquanto, apequenado como o ser humano se encontra, sequer ele sabe que essa música existe.

Precisamos evoluir da mentalidade religiosa infantilizada na qual milenariamente nos encontramos estacionados para uma outra espiritualizada e esclarecida. Mãos à obra!

Entrevista Revista Acontece Mais (Edição: Ano 4 nº13, 2019)

Roteiro de Leitura dos Livros

Alguns membros do IEEA têm solicitado uma espécie de “roteiro de leitura” que possa facilitar o entendimento de quem chega ao site do instituto e não sabe por onde começar. Além disso, uma contextualização em torno da qual a produção de cada livro pudesse ser minimamente explicada, dizem também os amigos, seria muito interessante.

Aqui está, portanto, uma sugestão de roteiro de leitura que, espero, possa ser útil aos que buscam.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 1996 e 2000 — ETAPA I

Sob a perspectiva dos livros, grande parte do que foi produzido entre os anos 1990 e 1996, jamais foi publicado e vi-me obrigado a transformar em palestras, seminários e cursos, por antever a impossibilidade de publicá-los.

Uma outra parte dessa mesma produção, cujo tema central das ideias, naquele momento transmitidas pelos mentores, era o final do isolamento da Terra com a consequente retomada do intercâmbio cósmico com as civilizações extraterrestres, que teria como marco histórico-político o retorno do Mestre Jesus, os livros publicados foram os seguintes:

Trilogia “Do Exílio à Redenção da Humanidade Terrestre”

1 — A Quarentena Cósmica

2 — Da Expição à Regeneração

3 — O Exílio e o Compromisso da Redenção

Esta trilogia introduziu, também, uma abordagem superficial sobre a rebelião de Lúcifer — a profunda viria depois — situada no contexto de várias famílias capelinas exiladas para a Terra, como produto do problema luciferiano.

Outros **temas da trilogia**: (1) a relação entre Jesus e Lúcifer; (2) a queda dos anjos e os papéis de Lúcifer e de Satã; (3) os panoramas extraterrestres e espiritual envolvendo a vida na Terra; (4) a conexão dos desdobramentos da rebelião com a formação da humanidade

terrena; (5) a reencarnação como processo básico da continuidade cósmica; (6) a relação entre os ex-rebeldes e alguns dos atuais membros do Grupo Atlan, como modo de situar o contexto humano frente à questão cósmica; dentre outros.

Muito Além do Horizonte

Apresenta um contexto espiritual da conexão entre os espíritos de Ramatis, Rochester e Allan Kardec ao longo destes últimos 2.500 anos, revelando o plano de fundo da codificação espírita, a escolha de Allan Kardec para edificá-la e revelações diversas sobre panoramas que envolvem a equipa do Espírito da Verdade, ainda desconhecidos.

Recado Cósmico

Apresenta o recado que Jesus deixou-nos nos seus cinco principais ensinamentos e factos, nunca antes revelados por João Evangelista, no primeiro século da era cristã.

Este livro apresenta a compreensão básica desta primeira etapa. Os demais desta mesma etapa, citados a seguir, podem ser lidos de modo independente:

- O Sorriso do Mestre
- Os espíritos de um tio de Jesus, Cleofas e o seu pai, José, relatam factos desconhecidos da vida de Jesus, tais como as suas viagens, quando jovem, e como ocorreu a escolha dos apóstolos, revelando a sua maior marca de amor: o sorriso.
- O Testamento de Jesus
- Abordagem nova das bem-aventuranças, anunciadas por Jesus no Sermão da Montanha, revelando panoramas do seu testamento para a humanidade.
- Nos Céus da Grécia
- Diálogo entre os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles, atualizando ensinamentos do passado e abordando temas, tais como a cidadania planetária e cósmica, o universalismo e as práticas políticas contemporâneas.
- Nos Bastidores da Luz I, II e III

- Mensagens recebidas nas reuniões do Grupo Atlan e que abordam temas como:
 - Volume 1 — Mecanismos Cármicos; Funcionamento do Psiquismo Humano, Autoaperfeiçoamento e Reforma Íntima, Transição Planetária, Genética Espiritual e os Exilados Siderais que atualmente vivem no planeta.
 - Volume 2 — O Império Atlante; Consequências do Suicídio; Jesus e Sai Baba; Ovnis; Vidas Paralelas, Cidades Astrais e Espirituais, Fraternidade Branca e a Origem do Homem, dentre outros.
 - Volume 3 — O Poder Temporal; Autoridade Celeste; Quarta Dimensão; Base Atlan; O Sacrifício de Jesus, entre outros.

LIVROS PRODUZIDOS/PUBLICADOS ENTRE 2001 e 2006 — ETAPA II

Aqui, também, dos livros que foram produzidos neste período, somente uns poucos foram publicados. Seres extraterrestres e extrafísicos, como também mentores espirituais, foram as inteligências por trás dos seguintes livros, que podem ser lidos separadamente, porque possuem contextos particulares:

Jesus e o Enigma da Transfiguração

O real significado da transfiguração de Jesus e os factos do período final da sua vida, trazidos pela narrativa de Tiago, Elias e Moisés.

Fator Extraterrestre

Apresenta evidências de diversos fatores extraterrestres como sendo a única explicação possível para muitos acontecimentos ocorridos desde o princípio dos tempos e que, até hoje, são tidos como lendas.

A Sétima Trombeta do Apocalipse — A Volta de Jesus

Panorama inédito do Apocalipse de João esclarecendo a origem e o porquê do Livro Apocalipse, os fatores que levaram Jesus a nascer na Terra, o segundo advento do Cristo e o significado do Juízo Final da atual transição planetária.

Jesus e o Druida da Montanha

Narra factos da desconhecida juventude de Jesus, a sua amizade com José de Arimatéia e com o seu irmão Thiago.

Crónicas de um Novo Tempo

Reflexões diversas sobre temas passados, presentes e futuros.

Inquisição Poética

O livro narra a experiência pós-morte do poeta Yohan e leva à perceção das diferenças e semelhanças entre a vida na Terra e a vida numa dimensão diferente da nossa: o céu dos poetas.

Teia do Tempo

Narra o encontro de um aprendiz com o seu professor de física e a construção de uma forte amizade, mostrando que ela é maior que o tempo, as filosofias, as religiões, as fronteiras geográficas e, principalmente, o aspeto de um ser espiritualista e o outro um cientista. Foi produzido em conjunto com o astrónomo José Renan de Medeiros.

LIVROS PUBLICADOS A PARTIR DE 2007 — REVELAÇÃO CÓSMICA — ETAPA III

Doravante será necessário dividir os livros publicados até o momento em, pelo menos, três grupos distintos:

Grupo 1 — Contexto Demo com foco nas figuras de Brahma, Vishnu e Shiva e das diversas expressões avatáricas trimurtianas.

O Drama Cósmico de Javé

Revela a história da criação deste universo e do seu criador marcando o início dos capítulos da Revelação Cósmica.

O Drama Espiritual de Javé

Continua a apresentação da história da criação e do criador, agora sob a ótica espiritual, revelando a queda do arquiteto universal, as providências da Espiritualidade Maior para auxiliá-lo a resolver o problema, a criação do homem e a contribuição deste no psiquismo do criador.

O Drama Terreno de Javé

Apresenta as Eras da Criação Universal e como a repercussão do processo veio a estabelecer-se na formação da natureza planetária, ressaltando as lacunas enigmáticas nela existentes e que até hoje permanecem sem explicações científicas convincentes.

Favor Divino

Por que a vida terrena foi gerada? Qual a sua função? O que se encontra por trás do adestramento que o ser humano sofreu para adorar a um deus-criador? Devemos venerar alguma entidade transcendente? Quem?

Chegou o momento para que, ainda que com passos hesitantes, possamos descortinar os aspetos da verdade que se encontram encobertos pelos véus que nos foram impostos por factos, até agora desconhecidos. Afinal, existem favores divinos? E se tudo for ao contrário do que fomos acostumados a pensar?

Cartas a Javé

Perguntas que os seres humanos esclarecidos, quanto ao problema da criação universal imperfeita e problemática, gostariam de endereçar ao criador e que, de modo surpreendente, o próprio resolveu responder a algumas cartas que alguém colecionara como simples reflexões sobre o tema.

Eis que a pedido do destinatário, as cartas produzidas por Mônica Camargo, após a leitura dos três livros que compõem “os dramas cósmico, espiritual e terreno de Javé”, foram respondidas e transformadas no presente livro.

O Big Data do Criador

Imagine um ser-criador que resolve elaborar um jogo em que o controle efetivo das partes lhe permite a dominação do todo e por isso cada parte precisa ser monitorada sem margem para surpresas.

Apesar do roteiro pré-estabelecido, peças se particularizam, adquirem personalidades distintas, livres de qualquer jugo automático, e somente resta ao criador a opção de reconquistar essas individualidades por meio de um supercontrole religioso, estabelecido no temor, para ver se lhe será possível ainda controlá-las.

Esse é o plano de fundo mental-operacional do jogo que acontece por trás do tipo de vida que levamos na Terra e dele sequer temos consciência.

O Big Data do Criador revela o que antes se encontrava oculto no “livro da vida”, referenciado no Apocalipse. É leitura para adultos!

Memórias de Javé

Registos das tentativas de reflexão conjunta propostas pelo criador bíblico, sempre no sentido de reafirmar a sua tentativa de convencimento em torno do cumprimento dos seus desígnios para as criaturas terrestres.

Inquisição Filosófica

Relato incomum de encontros havidos em ambiente paralelo ao terreno, envolvendo o criador, num primeiro momento, e depois acrescido da participação dos demais membros da *Trimurti*, no trato de temas instigantes em torno do pretenso domínio, que seres tidos como mitológicos, sempre exerceram sobre a humanidade — uma simples, porém, crucial experiência biológica — até que a mesma fugiu ao controle dos seus criadores.

Inquisição Trimurtiana — Tempo de Apostasia

Narrativa de um impensável debate entre os Senhores da *Trimurti* — Brahma, Vishnu e Shiva — em torno da falência da política por eles praticada desde o início dos tempos da criação universal, cujo final aponta para a mais singular ocorrência já acontecida entre os seres que residem nesse ambiente paralelo do qual procuram acompanhar tudo o que se passou e se passa no nosso universo biológico.

Grupo 2 — Assuntos Mitológicos e Temática Extraterrestre vinculada ao Projeto Talm que “transplantou a vida” do contexto demo (universo paralelo composto de antimatéria) para o universo biológico material onde vivemos.

O Sorriso de Pandora

A história de um ser que, na sua origem nada tinha de humano, e que surgiu para um novo tipo de vida quando de uma intriga entre Zeus e Prometeu, que havia engendrado os primeiros homens, num tempo em que as mulheres ainda não existiam.

É sobre a sua vida, acontecida em tempos imemoriais, que o seu legado de “demónio feito mulher” e de progenitora da humanidade agora se faz apresentar pela própria voz da sua estranha personalidade.

Resgata-se assim uma história antes perdida nas brumas de um passado esquisito e perverso, que agora é revelada aos seus descendentes.

O Guardião do Éden

O que ainda é ficção para muitos, neste livro, um ser que é exemplo de uma Inteligência Artificial Autónoma, relata páginas do passado bíblico por ter sido testemunha circunstancial de alguns daqueles eventos.

Anjo-clone da hierarquia, foi ordenado pelo criador universal a permanecer como guardião planetário desde há muitos milénios, o que o levou a se afeiçoar à espécie cujo processo histórico observava, conforme a ordem recebida, o que lhe obrigou a acompanhar de perto, os seus episódios mais marcantes, desde os tempos do “Jardim do Éden”.

Viu Jesus ser crucificado enquanto percebeu a contenda entre o criador e aquele que era respeitado entre todos da hierarquia e que se fizera humano exatamente para cumprir com o que estava estabelecido entre os dois. Registou, assim, os factos, mas jamais os valorizou com o padrão da nossa lógica, até porque a que lhe marca o psiquismo é absolutamente diferente do que a que caracteriza a natureza humana.

Nos tempos atuais, já tendo absorvido um pouco do “modo de ser terráqueo”, ele esforça-se por traduzir, no seu comportamento, as mensagens de retorno que a cada momento precisa enviar para os que compõem a retaguarda da hierarquia em torno do criador.

Como todos os demais, aguarda o desfecho da “contenda trimurtiana”, que definirá — o que já se encontra em curso de definição — os termos do prometido retorno de Jesus.

Terra Atlantis I — O Sinal de Land’s End

Primeiro livro da trilogia Terra Atlantis que resgata as páginas esquecidas da Rebelião de Lúcifer, como também a relação deste com a figura de Sophia, o Cristo Cósmico, que mais tarde se faria homem sob a personalidade de Jesus.

Relata a chegada ao planeta dos rebeldes, conhecidos nas tradições do passado como anjos decaídos, e as interações destes seres com o enredo que já se desenrolava na Terra, naqueles dias em que o ser humano racional ainda estava por surgir.

Eram os tempos da formação do que viria a ser o futuro império atlante cuja lenda passou à posteridade, mas cuja história, que permanecia envolta em mistério, agora começa a ser revelada.

Terra Atlantis II — A Frota Norte

Dá seguimento à saga dos biodemo capelinos — incluindo o quartel-general da rebelião de Lúcifer — agora sediados na Terra e em realidades alternativas subjacentes ao planeta, atinge momentos dramáticos, sem que Sophia sinalize qualquer apoio.

Os rebeldes, agrupados em Benem, passam a compor uma força-tarefa que, por milénios, foi denominada como sendo a Frota Norte, em torno da nave “espheron”.

Além dos “seres dos portais” (os chamados “deuses da mitologia grega”), os humanos passam a conviver com um “conglomerado de realidades” acoplado ao planeta.

A decadência passou a marcar todas as forças estabelecidas, ao mesmo tempo que os humanos começaram a imperar como os possíveis herdeiros da Terra.

Enquanto todos se enfraqueciam, aquele que, mais tarde, seria conhecido como Satã, preservava a sua força, pois que a “era do seu domínio” ainda estava por começar.

Terra Atlantis III — A Era Sapiens

Devido a cataclismos diversos, chegou ao fim a “cultura atlante e as suas diversas bases”, como também teve lugar o enfraquecimento das diversas forças extraterrestres e extrafísicas que procuravam dominar o planeta, o que levou a espécie humana a emergir como sendo a herdeira mais improvável do planeta, como terminou por acontecer.

Len Mion (Satã) e Yel Luzbel (Lúcifer) patrulham a vinda do Messias, anunciado pela veia profética do povo hebreu, ao mesmo tempo que perseguem Jesus na tentativa de compreender se ele era o “conquistador”, há muito anunciado.

Ocorre a crucificação, a saída de Yel Luzbel dos ambientes em torno do planeta, o que faz com Len Mion assuma o comando do restante da rebelião, procurando atrapalhar, de todas as maneiras, qualquer interesse que ele observasse ser de Sophia ou do “deus dos judeus”.

Ao perceber em Hitler um antigo companheiro da condição biodemo, Len Mion domina a sua mente e o transforma em fantoche da sua intenção de construir, na Terra, a última trincheira do movimento rebelde para confrontar Sophia.

Grupo 3 — Temas Complementares

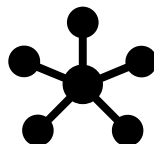
Homo Sapiens: da Guerra ao Esporte

Será que existe uma força maior por trás do aparecimento da “molécula-mãe”, no longínquo passado terrestre, com o código da vida já completamente delineado — da qual descendem todos os seres vivos — ou tudo foi obra do acaso?

O facto é que “algo” existe que guia o ritmo da evolução, entre acidentes e incidentes, nesta ou naquela direção, como se levando o mais novo produto da natureza planetária, a nossa espécie *homo sapiens*, a um presumível modelo.

Um dia guerreiro implacável, hoje atleta que vibra na vitória e aceita a derrota sem aniquilar o seu oponente, para onde será que o ser humano caminha?

São algumas das reflexões que se encontram presentes na instigante busca da compreensão do que move a espécie humana ao longo da sua penosa e enigmática estrada evolutiva.



Esta é tão somente uma sugestão para aqueles que buscam compreender possíveis aspetos em torno de uma “verdade” que por muito tempo permaneceu oculta e, talvez por isso, o romantismo humano foi levado a pensar que, encontrar panoramas da verdade seria necessariamente sinónimo de regozijo, de satisfação e de conforto espiritual, quando não é bem assim.

Talvez, tenha sido exatamente por isso que, no Shiva Samhita, tenha sido afirmado que “a angústia estava presente por todo o universo”, e que no Evangelho de Tomé, Jesus tenha enigmaticamente dito que, “aquele que busca a verdade, jamais a deixe de procurar. No entanto, ao encontrá-la, perturbar-se-á, para somente depois se equilibrar e poder, então, ser soberano sobre o processo da vida”.

Nunca foi tão necessário nos recordarmos desse aspeto que invariavelmente acomete o psiquismo dos que ingerem a “pílula vermelha” que nos convida à maturidade emocional, aspeto primário da idade adulta espiritual.

A minha homenagem àqueles que jamais deixaram de buscar.

Jan Val Ellam



PROJETO ORBUM

FILIE-SE ESPIRITUALMENTE A ESTA IDÉIA

MANIFESTO

“DECLARAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA CIDADANIA PLANETÁRIA.”

P RINCÍPIOS:

Exerça plenamente a sua nacionalidade, mas não esqueça: somos todos cidadãos planetários.

Por conseguinte, formamos uma só família ante o cosmos. É bom recordar que, para quem nos vê de fora, nada mais somos do que uma família a viver num um berço planetário.

Se somos uma família, torna-se inconcebível a falta de indignação diante do estado de miséria — tanto material quanto espiritual — em que vive grande parcela dos irmãos e irmãs planetários.

Existe uma força política na sociedade que, quando estrategicamente direcionada, exerce em toda sua plenitude o direito e o dever de cobrar das forças estabelecidas o honroso

cumprimento dos direitos humanos. Essa “força íntima” é pacífica, porém, ativa; suave na tolerância, jamais violenta, mas perene na exigência contínua de se construir a paz, a concórdia e a inadiável consciência quanto à necessidade de se melhorar as condições do nível de vida na Terra. Exercer essa força no quotidiano das nossas vidas, agindo localmente com a atenção voltada para o aspeto maior planetário, é dever de cada um e de todos.

Respeitar as forças políticas estabelecidas, os governos regionais e nacionais; valorizar as organizações representativas de caráter mundial — imprescindíveis para a evolução terrestre — mas, acima de tudo, pregar a necessária consciência da unidade planetária perante o cosmo.

Na verdade, somos todos cidadãos cósmicos no exercício eventual de uma cidadania planetária, como de resto o são todos os irmãos e irmãs espalhados pelas muitas moradas do Universo.

Porém, devido ao atual estágio de percepção que caracteriza a quem vive na Terra, buscar a consciência do exercício pleno da cidadania, seja em que nível for, é a grande meta a ser atingida.

Se você concorda com os princípios e objetivos da cidadania planetária, junte-se a nós em pensamento, intenção e atitudes. Assuma consigo mesmo o compromisso maior de construir na Terra esta utopia, que foi e é o objetivo de muitos que aqui vieram ensinar as noções do exercício pleno da cidadania cósmica, testemunhando o amor como postura básica e essencial na convivência entre os seres.

Propague esta ideia, em especial para as novas gerações.

Sonhe e trabalhe por um mundo melhor. E saiba que muitos estão a fazer exatamente o mesmo.

Esta é uma mensagem de fé e de esperança na vida e na nossa capacidade de dignificá-la cada vez mais.

Jan Val Ellam



Por receio de ferir a suscetibilidade dos que acreditam ter encontrado a “verdade” no conforto das religiões, Jan Val Ellam criou o Instituto de Estudos Estratégicos e Alternativos — IEEA, para nele concentrar toda a sua extensa e inusitada obra de revelação, exposta em livros, palestras e cursos singulares.

Se você é um buscador dos mistérios da vida, das faces de uma verdade maior, sempre por ser percebida além dos limites comuns à ingenuidade e às possibilidades de cada época, visite o IEEA e verifique por si mesmo se o que ali se encontra exposto, em abordagem crescente, não representa exatamente as “reflexões adultas” sobre os temas que sempre foram a razão principal daqueles que sempre buscaram um nível de compreensão superior sobre a vida e a realidade que a envolve.

É como se tudo o que se encontrava oculto fosse finalmente revelado.

Saiba mais em: [Jan Val Ellam](#).